

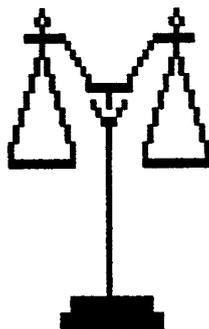
DOSSIE - TORTURA NUNCA MAIS

Conselho Municipal da Condicao Feminina
Curitiba - Parana



Handwritten text: "DTC" and "07"

DOSSIE



TORTURA NUNCA MAIS ?



DOSSIE - TORTURA NUNCA MAIS ?

Conselho Municipal da Condição Feminina
Curitiba - Paraná

TORTURA NUNCA MAIS ?

Indice:

- 1) **Introdução:**
(Introdução ao Dossiê e requerimento às autoridades federais)..... p. 03
- 2) **Ficha de apresentação:**
(ficha do caso apresentado)..... p. 08
- 3) **Classificação das torturas:**
(descrição dos tipos de torturas - extraídas dos depoimentos dos torturados)..... p. 11
- 4) **Depoimentos:**
(Relatos feitos à Presidente do C.M.C.F. - quanto as torturas sofridas)..... p. 16
 - a) *Beatriz Abagge*..... p. 17
 - b) *Celina Abagge*..... p. 27
 - c) *Davi dos Santos*..... p. 38
 - d) *Vicente de Paula*..... p. 58
 - e) *Airton Bardelli*..... p. 66
 - f) *Sérgio Cristofolini*..... p. 73
 - g) *Oswaldo Marcineiro*..... p. 79
 - h) *Testemunho: Reinaldo Cordeiro*..... p. 93
 - i) *Testemunho: Dr. Luiz G. Oliveira*..... p. 100
- 5) **Documentos processuais:**..... p. 102
 - a) *Interrogatório judicial de Celina Abagge* (já relatando as torturas e álibe)..... p. 103
 - b) *Interrogatório judicial de Beatriz Abagge* (já relatando as torturas e álibe)..... p. 111
 - c) *Testemunho judicial do Dr. Silvio Bononi* (relatando ter visto as marcas de tortura e ter presenciado o sequestro das réas para tortura, assim como a omissão das autoridades quanto as denúncias de torturas sofridas - prova das torturas)..... p. 118
 - e) *Testemunho judicial do comerciante Nelson Cordeiro* (relatando que a Ré Celina estava em sua festa de aniversário no dia e hora do suposto ritual - prova do álibe)..... p. 131
 - f) *Testemunho judicial do vereador Edilio da Silva* (relatando que esteve junto com a ré Celina



DOSSIE - TORTURA NUNCA MAIS

Conselho Municipal da Condicao Feminina
Curitiba - Parana

na festa de aniversário do comerciante, no dia e hora do suposto ritual, bem como esteve com Beatriz, na casa das rés, antes de ir à festa sabendo que a mesma ficou com o pároco da cidade naquela noite desde antes das 20:00 hs. - prova dos álibes) p.136

g) *Testemunho judicial da Delegada Leila Bertolini* (relatando sobre as investigações do grupo Tigre e que sempre houve total apoio às investigações por parte, tanto do prefeito como das rés - relata episódios estranhos como a verificação de depoimento irregular do réu Osvaldo em mãos da juíza do caso, bem como sonegação do laudo de necrópsia à equipe investigatória) p.143

h) *Testemunho judicial do policial Blaquenei Iglésias* (relatando as investigações realizadas pelo grupo Tigre assim como o apoio, tanto do prefeito com das rés, às investigações - declara que esteve na residência do prefeito no dia do suposto ritual encontrando com Beatriz (ainda com o pároco da cidade), sendo que ficou esperando o Prefeito e a ré Celina (que estavam na festa do comerciante) até as 23:00 hs, quando estes retornaram - relata e confirma os episódios estranhos declarados pela Del. Leila. - prova dos álibes) p.149

i) *Testemunho judicial do Dr. Francisco Macedo Junior - Juiz de Direito* (relatando sobre os álibes e defeitos dos laudos - declara que o Cel. Com. Capriotti esteve junto com as rés verificando as marcas de tortura e prometeu providências - relata que a juíza era inimiga pessoal do Sr. Zeca Abagge (irmão do prefeito) e também do Prefeito - prova das torturas) p.157

6) *Adendos:* p.160

a) *Relatório do C.M.C.F. denunciando as torturas* - entregue às autoridades máximas do Estado - datado de 23/11/92) p.161

b) *Carta do Réu Osvaldo à presidente do C.M.C.F.* descrevendo as torturas por ele sofridas p.174

c) *Carta do Réu Vicente de Paula à presidente do C.M.C.F.* descrevendo as torturas por ele sofridas p.180



DOSSIE - TORTURA NUNCA MAIS

Conselho Municipal da Condicao Feminina
Curitiba - Parana

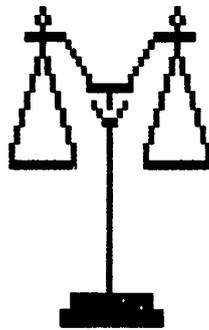
- d) *Recorte do jornal a Folha de Londrina* - quando da reportagem das réis Celina e Beatriz ao denunciarem e descreverem as torturas à reporter..... p.190
- e) *Recorte do Jornal O Globo* (Rio de Janeiro) - quando da reportagem sobre denúncias de tortura nos réus..... p.191
- f) *Recorte do Jornal O Globo* sobre a mesma reportagem do item anterior..... p.192
- g) *Recorte do Jornal Folha de Londrina* sobre o emperramento do inquérito de tortura (do caso)..... p.193
- h) *Recorte de Jornal* sobre a entrevista das Réis Celina e Beatriz Abagge concedida a *Multipress*)..... p.194
- i) *Recorte do jornal Folha de Londrina* quando da entrevista do Com. Capriotti sobre as denúncias de torturas (do caso)..... p.196
- j) *Recorte do jornal Folha de Londrina* quando da entrevista com o Secretário de Segurança sobre as denúncias de torturas (do caso)..... p.197
- k) *Recorte do jornal Folha de Londrina* quando da entrevista do réu Osvaldo denunciando torturas que sofreu..... p.198
- l) *Recorte do jornal Folha de Londrina* - quando de denúncias do Réu Osvaldo sobre impedimento de corte de cabelo e barba (por ordem judicial) - em contraposição às normas do sistema penitenciário..... p.199
- m) *Recorte do jornal Folha da Imprensa* sobre as omissões das autoridades máximas quanto as denúncias de torturas..... p.200
- n) *Recorte do jornal Folha de São Paulo* (São Paulo) quanto a abordagem sensacionalista da imprensa, mostrando a necessidade de questionamento sobre versões policiais, visto as condições em que foram tomados os depoimentos (do caso)..... p.201
- o) *Petição ao Juízo de Guaratuba denunciando as torturas sobre as réis Celina e Beatriz, requerendo a abertura de inquérito assim como a identificação dos autores da prisão - datada de 27/08/92*..... p.202



DOSSIE - TORTURA NUNCA MAIS

Conselho Municipal da Condição Feminina
Curitiba - Paraná

INTRODUÇÃO



TORTURA NUNCA MAIS ?



DOSSIE - TORTURA NUNCA MAIS

Conselho Municipal da Condição Feminina
Curitiba - Paraná

TORTURA NUNCA MAIS ???

"Não sei quantas vezes fui estuprada e nem por quantos... a venda caiu... vi o rosto do homem que estava em cima de mim... nunca vou esquecer daquele monstro... dois ou três policiais me seguravam pelos braços e pernas... desmaiei... quando acordei... estava toda suja de sangue e fezes... não conseguia nem me mexer... parecia que estava inteirinha arreventada por dentro e por fora..."

(Beatriz Abagge)

Um problema político local, gerado por vinganças pessoais e familiares. A necessidade de rápida resposta à sociedade, exigindo solução aos vários desaparecimentos de crianças. Os divididos políticos advindos da prisão de responsáveis por crimes até então insolúveis, levaram a se cometer, no Estado do Paraná, o mais hediondo dos crimes previsto na Constituição Federal - o crime de TORTURA !

A dignidade humana não tem preço e os fins jamais justificam os meios. Quando a lei é substituída pela força e criminosos são fabricados pela própria *Segurança Pública*, está em risco o Estado de Direito da Sociedade e da Nação.

Esse é o entendimento do Conselho Municipal da Condição Feminina de Curitiba, ao denunciar às autoridades federais competentes o mais revoltante dos crimes - TORTURA

Caso Guaratuba: No dia 06.04.92, desaparece, na cidade de Guaratuba, litoral do Paraná, o menor Evandro Caetano, de sete anos de idade. Este seria o 12* (décimo-segundo) registro de desaparecimento de criança no Estado, em curto período. O fato vem somar-se à indignação da população, pela não solução de nenhum dos casos anteriores.

No dia 11.04.92 encontra-se um corpo de criança mutilado. A polícia civil investiga sem sucesso.

Na ocasião um parente do último menor desaparecido, acusa familiares do prefeito da cidade de Guaratuba, como responsáveis pela morte da criança. As acusações são apuradas e a conclusão é pela sua improcedência.

Nos dias 01/02/03.07.92, o grupo águia - com características paramilitares, auto denominado *Serviço de Inteligência* da P.M.E.Pr., procede a prisão ilegal de sete pessoas, entre elas a esposa e a filha do prefeito de Guaratuba.



DOSSIE - TORTURA NUNCA MAIS

Conselho Municipal da Condição Feminina
Curitiba - Paraná

Levadas a lugar ermo, são submetidas durante horas às mais hediondas torturas, inclusive ESTUPRO.

Sob tortura, as pessoas, ilegalmente presas, são levadas a admitir a participação num *Ritual de Magia Negra*, onde o menor Evandro teria sido sacrificado.

Registrado em equipamento eletrônico, as supostas confissões foram de imediato divulgadas à imprensa, enquanto os acusados continuavam sob tortura, na mansão litorânea do Ditador Alfredo Stroesner e na Chácara do principal acusador, ambas em Guaratuba.

Antes mesmo de qualquer depoimento regular, já no dia 02.07.92 em entrevista coletiva do Exmo. Sr. Governador e do Secretário de Segurança Pública, anuncia-se a solução para o crime de morte do menino Evandro Caetano, como resultado da eficiência da polícia do Paraná. A família dos detidos, só então, pela imprensa, toma conhecimento do motivo das prisões, já que nenhuma comunicação, seja com familiares, seja com advogados, foi permitida.

As sessões de tortura ininterruptas duraram várias horas com cada um dos acusados, até a obtenção das supostas "confissões". No entanto, para a confirmação das mesmas, continuaram sendo torturados por mais 10 (dez) dias.

O impacto causado pela abordagem sensacionalista dos fatos que envolviam, num *Ritual Satânico*, membros da alta sociedade, de tradicional família e do empresariado paranaense, faz com que a propagação da notícia alcance repercussão nacional e internacional.

Por cerca de 45 (quarenta e cinco) dias, os fatos são exaustivamente explorados pela mídia e divulgados em mais de 50 (cinquenta) países. Sob coação os acusados são obrigados a conceder entrevistas confirmatórias à imprensa, sempre acompanhados dos torturadores.

As únicas confissões escritas são tomadas no período de prisão arbitrária, sem assistência de advogados.

Os acusados, sob constrangimento, não são submetidos aos competentes exames de lesões corporais. São examinados com as vestes e as marcas de torturas evidentes não são consideradas (sendo ainda visíveis hoje, decorrido um ano dos fatos).

As matérias jornalísticas falaram de indícios e provas veementes. Nos autos, hoje com 10 (dez) volumes de 200 (duzentas) páginas cada, se constata que, nunca na história do Paraná foi realizado trabalho pericial de tamanho vulto. Foram coletadas mais de 100 (cem) amostras nos locais onde teria sido executado o *Ritual de Magia Negra*. No entanto, exames completados pelo Instituto de Criminalística e pelo IML do Paraná, além de laboratórios particulares contratados pelo



DOSSIE - TORTURA NUNCA MAIS

Conselho Municipal da Condição Feminina
Curitiba - Paraná

Governo, não chegaram a descoberta sequer de um fio de cabelo do cadáver ou de uma gota de sangue qualquer. Ou seja, tratou-se de conjecturas e ilações como se fossem "INDÍCIOS". Não existem provas materiais de qualquer crime.

O Conselho Municipal da Condição Feminina de Curitiba, procurado por familiares das vítimas, recebeu a denúncia das torturas e cerceamento do direito de defesa das mesmas. Examinados os autos verificou a aberração jurídica arquitetada para justificar o crime maior de tortura.

Ouvindo as vítimas confirmou a intensidade das torturas que, nas peças dos autos se tentou ocultar e mascarar dolosamente.

Assim, convencido da violação sistemática dos direitos humanos dos sete acusados, bem como do cerceamento reiterado do direito Constitucional de ampla defesa, além das irregularidades e distorções processuais e da conivência da juíza titular do caso e promotores públicos designados, o Conselho Municipal da Condição Feminina resolveu encaminhar denúncia às autoridades constituídas do Estado do Paraná o que foi feito através do Relatório anexo, intitulado: "Caso Guaratuba", em 23.11.92.

Não obstante a ampla publicidade dada ao mesmo, NENHUMA providência foi tomada com o objetivo de averiguar as denúncias.

Excelentíssimas autoridades: Não foram poucos os brasileiros que tomaram sob tortura na luta pelo fim do regime ditatorial. A imagem de Wladimir Herzog continua gravada na retina de toda a nação e de autoridades que como Vossas Excelências tem o dever de fazer valer a Constituição Brasileira, impedindo que a história do Brasil volte a registrar a ação e ascensão de déspotas violentos, que pela força e pelo uso da tortura querem manter-se no poder.

TORTURA NUNCA MAIS, não pode ser uma indagação, mas uma afirmação. Esta é a razão que leva este Conselho de Defesa dos Direitos Humanos - não só de mulheres, mas do cidadão brasileiro - a encaminhar a Vossas Excelências este **DOSSIE DE TORTURAS**.

Acreditamos na inocência dessas pessoas. A defesa jurídica não nos cabe. O que nos cabe é a defesa da sociedade em seu todo, ameaçada pela violência e truculência de organismos paramilitares de "inteligência". O que pretendemos com esse *dossiê*, é preservar nossas famílias contra *fabricantes de assassinos* que, com a crueldade, que surpreenderia até



DOSSIE - TORTURA NUNCA MAIS

Conselho Municipal da Condição Feminina
Curitiba - Paraná

os carrascos nazistas, agem impunemente na prática de torturas horripilantes, acobertados pela conivência e omissão de autoridades constituídas.

Diante da omissão das autoridades estaduais, o C.M.C.F. de Curitiba vem a Vossa Presença, **DENUNCIAR** o exposto e **REQUERER** o que adiante segue:

1. Abertura de inquérito para averiguação de responsabilidades pela prática do crime hediondo de tortura, contra os Srs:

Cap. PM Neves; Cap. PM Xavier; Cap. PM Sérgio (Com. quartel PM - Matinhos/Pr.) PM João (Crainski ?); Sgto. PM Silveser; Sr. Diógenes Caetano; Ag. Seg. Freitas; Ag. Seg. Getúlio (Presídio do Ahú); e mais 16 (dezesesseis) policiais integrantes do "grupo água" (Identificados apenas por apelidos: coelho, tubarão, pato donald, borracha, água, tenete japonês)

2. Abertura de inquérito para responsabilização das altas autoridades que possuíam o dever de agir e se omitiram diante do recebimento da denúncia da prática do crime de tortura, podendo indicar entre elas:

Juiza de Direito Dra. Anésia E. Kowalski; Promotor de Justiça Dr. Alcides Bitencourt Neto; Promotor Substituto Dr. Samir Barouck; Promotor de Justiça Dr. Antonio Cioffi de Moura; Delegado Dr. Ricci; Delegado Dr. Ricardo Noronha; Cel. Com. da PM/Pr Miguel Arcanjo Capriotti; Secretário de Estado de Segurança Pública Dr. Moacir Favetti.

3. Avocação dos autos para saneamento das aberrações processuais, pela suspeição das autoridades máximas pela condução do devido processo legal, com designação de autoridades isentas e imparciais para a devida averiguação da verdade.

Acreditando-se em Deus, espera-se Justiça, por ser de Direito.

Curitiba, 13 de Julho de 1993.

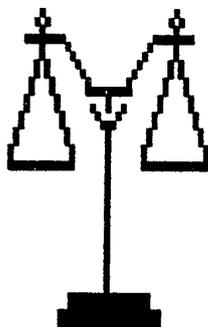
Isabel Kusler Mendes
Presidente do CMCF
Curitiba/Paraná



DOSSIE - TORTURA NUNCA MAIS

Conselho Municipal da Condição Feminina
Curitiba - Paraná

FICHA DE APRESENTAÇÃO



TORTURA NUNCA MAIS ?



DOSSIE - TORTURA NUNCA MAIS ?

Conselho Municipal da Condicao Feminina
Curitiba - Parana

FICHA - CASO GUARATUBA

Local : Municipio de Guaratuba - Paraná

Assunto : Torturas de presos

Data das prisões: 01/02/03 de julho de 1992

Acusação : Prática de "Ritual de Magia Negra" onde
teria sido sacrificado o menor Evandro
R. Caetano - 7(sete) anos.

Acusador: Sr. Diógenes Caetano (que se diz tio do
menor)

Acusados: Celina C. Abagge, Beatriz C. Abagge,
Osvaldo Marcineiro, Davi S. dos Santos,
Airton Bardeli e Sérgio Cristhofolini.

Locais de Tortura:

1) Município de Guaratuba:

a)Chácara de propriedade do pai do
acusador;

b)Mansão do Ex-Presidente do
Paraguai: Alfredo Stroesner;

c)Chácara não identificada.

2) Br-277:

a)Viaduto dos Padres (Serra do Mar);

b)Pequenos rios entre os municípios de
Morretes/Alexandra e Matinhos.

3) Quartel da PM - Matinhos/Paraná.

4) Município de Curitiba:

a)Quartel General da PM/Pr.;

b)Secretaria de Segurança Pública;

c)Prisão Provisória de Curitiba (Presidio
do Ahú)



DOSSIE - TORTURA NUNCA MAIS

Conselho Municipal da Condicao Feminina
Curitiba - Parana

Tempo de Tortura :

- a) Ininterrupta : 02(dois) dias;
- b) Sequencial: 10(dez) dias.

Torturadores apontados:

Cap. PM Neves; Cap. PM Xavier; Cap. PM Sérgio (Com. quartel PM - Matinhos/Pr.) PM João (Crainski ?); Sgto. PM Silveser; Sr. Diógenes Caetano; Ag. Seg. Freitas; Ag. Seg. Getúlio (Presídio do Ahú); e mais 16(dezesseis) policiais integrantes do "grupo águia" (Identificados apenas por apelidos: coelho, tubarão, pato donald, borracha, águia, tenete japonês)

Autoridades omissas:

(que tomaram conhecimento das torturas e nada fizeram para apurar a verdade)
Juiza de Direito Dra. Anésia E. Kowalski;
Promotor de Justiça Dr. Alcides Bitencourt Neto; Promotor Substituto Dr. Samir Barouck; Promotor de Justiça Dr. Antonio Cioffi de Moura; Delegado Dr. Ricci; Delegado Dr. Ricardo Noronha; Cel. Com. da PM/Pr Miguel Arcanjo Capriotti; Secretário de Estado de Segurança Pública Dr. Moacir Favetti.

Autoridades e profissionais que denunciaram as torturas questionando as ilegalidades:

Delegado Dr. Luis Carlos de Oliveira; Delegado Dr. Anibal Bassan Jr.; Delegado Dr. Adauto Abreu de Oliveira; Delegada Dra. Leila Bertolini; Dr. Silvio Bononi; Dr. Roberto Machado; Dr. Luis Claudio Biscaia.

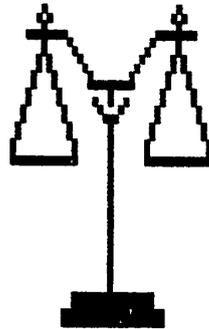
Obs: Houve denúncia de **VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS** no caso, apresentada pelo Conselho Municipal da Condicao Feminina em 23/11/92 aos chefes dos poderes : Executivo, Legislativo e Judiciário, bem como à Secretários de Estado e à Imprensa Local, sendo que até a presente data **NENHUMA PROVIDÊNCIA FOI TOMADA PARA APURAR A VERDADE**

DOSSIE - TORTURA NUNCA MAIS

Conselho Municipal da Condicao Feminina
Curitiba - Parana



CLASSIFICACAO DAS TORTURAS



TORTURA NUNCA MAIS ?



DOSSIE - TORTURA NUNCA MAIS ?

Conselho Municipal da Condicao Feminina
Curitiba - Parana

CLASSIFICAÇÃO DAS TORTURAS: (extraída dos depoimentos dos sete acusados)

I) TORTURAS PSICOLÓGICAS:

1) Ameaças:

- a) de morte, com arma de fogo;
- b) de morte, por simulação de fuga;
- c) à segurança dos familiares dos torturados;
- d) ao retorno as sevícias (choques elétricos, afogamentos, estupro, etc.);
- e) de linchamento.

2) Aproximação e/ou apresentação dos torturados, para que um ouvisse e/ou presenciasse o sofrimento do outro (enquanto torturado).

3) Xingamentos, gritos, tratamento cruel e desumano (negando alimento e até água) por parte dos policiais torturadores e por parte das autoridades omissas.

II) TORTURAS FÍSICAS:

1) Variadas:

- a) Socos e pontapés;
- b) Murros em órgãos como: rins, estomago, genitais, etc;
- c) Tapas nos ouvidos (Telefone);
- d) Ripadas nas solas dos pés ("Chico-Doce");
- e) Queimaduras com cigarro aceso (unhas e corpo);



DOSSIE - TORTURA NUNCA MAIS

Conselho Municipal da Condição Feminina
Curitiba - Paraná

f) Surras com toalhas molhadas;

g) Introdução de agulhas e farpas debaixo das unhas;

h) Indução ao suicídio, com entrega de arma de fogo;

i) "Roleta Russa" (arma de fogo encostada na cabeça/ gatilho puxado/ tambor girando).

2) Afogamentos:

a) com toalha molhada e ensaboada, enrolada na cabeça e comprimida sobre nariz e boca;

b) com mangueira d'água, introduzida na boca;

c) mergulhos forçados - em pequenos rios, em baldes, em tinas, em tanques, e até em vaso sanitário.

3) Sufocação:

a) com panos, sobre boca e nariz;

b) torturado deitado de bruços sobre espuma de sabão, no chão/torturador fazendo pressão sobre a cabeça;

c) torturado deitado de barriga para cima/torturador fazendo pressão com os pés sobre pescoço e cabeça.

4) Esganaduras.

5) Choques elétricos :

com fios elétricos descascados, amarrados nos dedos (mãos e pés), orelhas, seios e órgãos genitais, utilizando os torturadores de pequena máquina.



DOSSIE - TORTURA NUNCA MAIS ?

Conselho Municipal da Condicao Feminina
Curitiba - Parana

6) "Pau de arara":

a) Improvisado: Pernas e mãos do torturado entrelaçadas entre um pedaço de cano, apoiado em 02 (duas) cadeiras, ou sustentado por policiais, forçando mergulhos em água (baldes, tinas, rios);

b) Preparado: Sala especialmente equipada para prática de tortura - ficando o torturado pendurado em maquinário (pés e mãos amarrados) que o elevava ou o abaixava para mergulho forçado em pequeno tanque com água.

7) "Vôo de pássaro":

Torturado colocado sobre parapeito de viaduto (Serra do Mar) - braços e pernas abertos, seguro por policiais, que executavam "vôo de pássaro" (balançando o torturado) por sobre o despenhadeiro.

8) Doping:

Torturados obrigados a beber chá levemente esbranquiçado, amarelado (com gosto de "caqui amarra") antes das "gravações", entrevistas e depoimentos. Efeitos - cabeça latejando e amortecimentos dos sentidos (torturado sem ação).

9) Estupros:

Vítima imobilizada por 02 (dois) ou 03 (três) torturadores, segura por braços e pernas, enquanto outro torturador com ela praticava conjunção carnal. (ATO DE ESTUPRO REPETIDO POR DIVERSAS VEZES COM TORTURADORES DIFERENTES).

10) Atos libidinosos:

a) "passar de mãos" sobre o corpo e órgãos genitais da vítima, com introdução de dedos na vagina e ânus;

b) Introdução anal e vaginal de objeto contundente (não identificado).



DOSSIE - TORTURA NUNCA MAIS ?

Conselho Municipal da Condicao Feminina
Curitiba - Parana

obs. a vítima permanecia durante as torturas, quase sempre vendada e imobilizada (segura - algemada ou amarrada).

obs. alguns dos réus até pouco tempo eram impedidos de banhar-se regularmente. Também foram impedidos de barbearem-se e de cortarem os cabelos (durante mais de um ano) Objetivo : Aparência física degradante para o Julgamento. Motivo alegado : ordem judicial (verbal).

TÉCNICAS DE INTIMIDAÇÃO E TORTURA:

1) Desespero Inicial : (por não saber sequer o motivo da prisão e para onde estava sendo levado) - Prisão efetuada com excesso de arbitrariedade e brutalidade, por um bando de policiais armados com metralhadoras, com invasão de domicílio, sem apresentação de qualquer mandado judicial - dando ordem de prisão sem qualquer justificativa ou explicação. Após, levando o preso a lugar ermo, sem explicar sequer o porque de sua prisão. Objetivo : TRAUMA INICIAL CUMULADO COM DESESPERO.

2) Tortura : Excessivas violências físicas e psicológicas perpetradas durante certo tempo, espaçadas por períodos de calma onde eram realizadas induções a admissão da prática do delito, sob ameaça de retorno às sevícias, até levar o torturado ao desespero total. Objetivo: ESTADO DE PÂNICO CUMULADO COM EXAUSTÃO FÍSICA PARA QUE A SUGESTÃO INDUTIVA PENETRASSE NO INCONSCIENTE.

3) Quebra final da resistência: Repetição do "método de tortura" (violências físicas e psicológicas espaçadas com sugestões indutivas) até o ponto do torturado chegar a concordar com as acusações. Objetivo: CONFISSÃO DE PRÁTICA DE CRIME (NÃO COMETIDO).

Curitiba, 13 de Julho de 1993

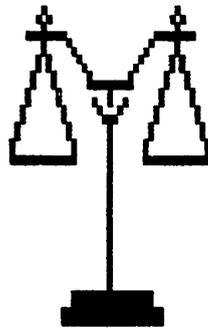
Izabel Kusler Mendes
Presidente do CMCF
Curitiba/Paraná



DOSSIE - TORTURA NUNCA MAIS

Conselho Municipal da Condicao Feminina
Curitiba - Parana

DEPOIMENTOS



TORTURA NUNCA MAIS ?



DEPOIMENTO

BEATRIZ ABACGE

TORTURA NUNCA MAIS ?



Depoimento prestado por Beatriz Cordeiro Abagge à advogada Isabel Kugler Mendes - Presidente do Conselho Municipal da Condição Feminina/Curitiba. (apanhado taquigráfico da mesma)

Data: 23/06/93
Local: Penitenciaria Feminina do Estado
Assunto: Torturas sofridas - caso Guaratuba.

Pergunta Peço que me faça um relato desde o momento em que foi presa até a presente data.

Resposta: No dia 02/07/92, logo após ter acordado, estava atendendo as crianças - meus filhos : Duda e Lucas, então com dois anos, quando policiais invadiram nossa casa, armados com metralhadoras. Alguns entraram pela frente e outros pelos fundos. Não sabíamos do que se tratava. Eles não explicavam nada. Formou-se um tumulto. Meu pai questionando os motivos da invasão de nossa casa, os policiais dizendo que minha mãe estava presa. Meu pai pedindo mandado de prisão. As crianças gritando apavoradas, porque os policiais empurravam meu pai, que tentava usar o telefone. Gritavam e eram agressivos com todos, sem explicar o motivo de estarem ali. Perguntavam quem era a psicóloga amante do Osvaldo. No desespero pedimos a presença do dr. Silvio Bonone e que o Bardeli retirasse as crianças, que nem tinham podido ir ao banheiro e se alimentarem. Ficamos com medo que os policiais usassem as metralhadoras, pois ameaçavam constantemente de fazê-lo. Ficamos com medo que as crianças pudessem ser atingidas também. Eu era a única que conhecia o Osvaldo, porque ,como

Beatriz C. Abagge.



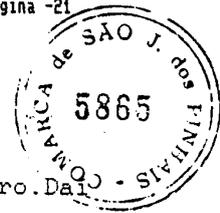
muita gente da sociedade de Guaratuba algumas vezes fui em reuniões espíritas em sua casa, ou no centro de D. Hortênsia. O clima dentro de nossa casa ficou extremamente tenso. Minha mãe resolveu que o melhor era ir até o fórum para que tudo ficasse esclarecido, diante da Dra. Anésia, a juíza, que nos conhecia muito bem. Como os policiais não sabiam quem eles queriam prender, se eu ou minha irmã Sheila, que é psicóloga - Eu sou Terapeuta ocupacional. Fomos as duas, minha mãe e um policial no carro do dr. Silvio Bononi. Os demais policiais seguiram juntos em outros carros. No fórum fomos para a sala de audiência, para esperar a juíza. Eu estava ao lado de minha mãe, próximo da porta, quando policia entraram na sala e nos levaram - eu e minha mãe. Um policial ruivo e de bigode se postou na porta impedindo o dr. Silvio de nos acompanhar. A Sheila também ficou na sala de audiência. Acredito que se ela estivesse próxima da porta eles teriam levado ela e não eu, porque não sabiam quem queriam prender. Falavam da psicóloga. Pensei que iriam nos levar para a sala da Dra. Anésia, mas fomos levadas para fora do fórum. Praticamente arrastadas para dentro de um carro, que arrancou rapidamente. O carro foi para a estrada de Garuva. Parou no meio do caminho e minha mãe foi obrigada a passar para outro carro. Fiquei abaixada no fundo do carro. Eu estava com o rosto coberto. Havia armas no banco do carro. Eu estava desesperada, não sabia o que estava acontecendo e porque estavam me levando e a minha mãe. Notei que os policiais se perderam no caminho, porque a certa altura pararam e pediram informações sobre o posto policial e depois seguiram novamente. Rodaram, acredito que por uns quarenta quilometro em estradas de terra. No carro diziam que iam queimar a bruxa, que eram sacerdotes da inquisição.

Bruno C. Abogge



Conversavam entre eles e falavam no rádio, diziam que tinham encontrado, que já estavam chegando. Quando o carro chegou, escutei como se estivessem quebrando um cadeado. Um barulho de metal quebrado. Eu disse: "onde estou. Eu estou com medo, vocês vão me matar." Um policial respondeu: "ninguém vai te matar." me mandaram erguer bem a perna, para entrar em uma casa, porque um policial alertou que tinha um degrau bem alto. Eu estava com uma jaqueta de couro amarrada na cabeça. Não enxergava nada. Entrei e me puseram num quarto a direita de um corredor. Um policial me fez sentar em uma cama. Outro sentou na minha frente. Veio um outro afastou a jaqueta do meu rosto e colocou uma venda. Ele disse: "Vamos lá sua puta, sua vagabunda. Você vai falar. Teu amante já confessou. O Osvaldo já confessou, fale." Eu disse: "confessar o que? Não fizemos nada." Ele disse: "Se você não confessar por bem vai confessar por mal." Tinham amarrado os cordões da minha bota, um pé com o outro. Dáí entraram um monte de policiais. Eram muitos. E disseram: "Essa puta, essa vagabunda não vai falar? Vamos dizer se ela não fala." Começaram a arrancar a minha roupa. Um dos policiais disse que dezesseis policiais iriam me estuprar. Comecei a gritar, gritar: "Não, por favor, não façam isso." Lembro que quando escutei gritos da minha mãe - eu tinha dito para não fazer nada para ela, porque ela tinha problema cardíaco. Daí eles saíram correndo e gritando. Eles vinham sempre em grupos, aos montes. Eles gritavam muito, não sei se para disfarçar. Daí arrancaram toda a minha roupa. Passaram a mão em todo o meu corpo. Tentei reagir e levei um soco no rosto. Quando arrancaram minha camiseta a venda caiu. Eu acho que estava meio desmaiada, mas vi bem o rosto do homem que estava em cima de mim. Eu reconheço esse homem no meio de quem

Duobrig C-A boggi.



ele estiver. Eu nunca vou esquecer desse monstro. Daí recolocaram a venda. Eu desmaiei, desmaiei diversas vezes. Não sei quantas vezes fui estuprada e nem por quantos. Na primeira vez eu senti que colocaram uma coisa dura na minha vagina. Não sei o que era. Só sei que era uma coisa terrível. Eu gritava e desmaiava. Não sei quanto tempo passou. Dois ou três policiais me seguravam pelos braços e pernas. Eu não tinha como reagir. Um deles dizia: "Será que a bruxa é virgenzinha?" Foi o primeiro que falou - o que eu conheço em qualquer lugar. Os outros me chamavam: "putinha, puta, vagabunda." Eu gritava, gritava, desesperada. Daí puseram um pano na minha boca e eu não vi mais nada. Quando acordei, estava em outra cama. Estava toda suja de sangue e fezes. Eu acordei em outra cama, mas no mesmo quarto, onde tinha uma cama de casal e duas de solteiro. Eu estava sem calcinha e só com uma camiseta. Eu não conseguia nem me mexer. Parecia que eu estava inteirinha arrebitada por dentro e por fora. Daí um policial entrou e colocou minha roupa. A calça de fuzô e a meia. Daí puseram uma pessoa ajoelhada na minha frente, no quarto e diziam: "Vê se você reconhece teu amante?" Me mandaram pegar na mão dele. Eu disse: "Não sei quem é." Disseram: "Pegue no rosto dele, na barba de teu amante e veja se reconhece." Daí ele disse: "Beatriz, fale tudo que eles querem, por que eles vão me matar. Já fui torturado. Me fizeram afogamento. Eu não aguento mais. Diga que você seqüestrou o menino." Eu Reconheci pela voz que era o Osvaldo Marcineiro. Comecei a gritar: "Isso não é verdade, você é um mentiroso. Eu não seqüestrei ninguém." Eu xinguei ele, porque era tudo mentira o que estava dizendo. Daí tiraram o Osvaldo dali e começaram a fazer afogamento. eles colocavam um pano molhado com sabão em meu rosto.

Beatriz C. Aboggei.



Apertavam, pressionavam o pano sobre o nariz e a boca. Eu não conseguia respirar. O sabão entrava pela boca e pelo nariz. eles diziam: " Você vai falar ou não vai, que foi você que mandou matar o menino ?" Eu dizia que não, com a cabeça. Ali no afogamento eu também desmaiei várias vezes. Quando eu fazia que sim com a cabeça eles tiravam o pano e pediam para que eu falasse. Eu nem sabia o que falar. eles não explicavam o que queriam realmente. Daí recomeçavam os afogamentos. Não sei quanto afogamentos fizeram. Aí, depois disso, apareceu um policial e disse: " Você vai falar ou não?". Eu disse que não tinha nada para falar. Então ele disse; " Sinto, mas não posso fazer mais nada." Daí entrou um monte de policiais e disseram: " Agora vamos usar um detector de mentiras." Pensei: " Agora eles vão saber que sou inocente." Eu ia esquecendo doutora, quando estavam fazendo afogamento, a venda caiu por um momento e vi a calça verde e sapato marrom de um policial que me torturava e gritava ;" Vamos tirar o exu que está dentro de você" e me afogava com um pano molhado e ensaboadado. Depois no quartel, em Matinhos eu vi o sapato marrom e a calça verde novamente. Eram do policial ruivo, alto, de bigode e chamavam ele de Capitão Neves. Tinha também, no afogamento, um que dizia que era primo do menino. Ele me afogava dizendo: "Foi assim que você matou Evandro. Foi assim ? conte, conte." e me afogava. Daí eles trouxeram a máquina da mentira. Disseram: "Me dá tua mão." Enrolaram um fio nos meus dedos e começaram a dar choques. Enquanto davam choques, dois ou três policiais conversavam e iam dizendo o que eu devia falar sobre a estória do crime. Diziam que eu repetisse o que eles falavam. Eu nem sei o que eu disse. Se eu não repetia o que eles falavam eu levava choques. Acho que essa tortura durou horas. Eu levava

Brotzig C. Abogga.



choques e ia contando o que eles mandavam. Eles treinavam e treinavam. Depois mandaram eu contar tudo de uma vez. Eu não agüentava mais. Eu fiz cocô nas calças. Fiz xixi. Quando terminaram essas torturas, me tiraram a venda dos olhos para eu colocar a bota. Puseram a venda de volta e me levaram para o banheiro, onde um policial me bateu no rosto. Ali, eu escutava os gritos da mãe, ainda mais. Me mandaram tomar banho. Eu não tomei, porque não conseguia nem me mexer, porque não tinha forças. Daí só tirei minha calcinha. Ela estava toda suja de sangue e fezes e joguei numa cestinha de lixo. Toda hora eu escutava os gritos da mãe. Eles disseram então, que iam fazer com ela o que tinham feito comigo. Daí eu pedi que me levassem até ela. Me levaram até o quarto onde estava a mãe. Eu pedi prá ela pelo amor de Deus, para falar tudo o que eles mandassem, que eu não agüentava mais, que eu estava morrendo. Eu disse que não agüentava mais nem um choque. Que eu não agüentava mais nem uma violência comigo. Eu achava que ia morrer. A mãe, então, começou a falar e repetir o que eles mandavam. Ali eles deram par mim beber um copo com um líquido. Tinha um gosto meio amargo. Parecia alguma coisa misturada com champagne. Eu não queria beber eles me obrigaram. Depois voltamos para o fórum. De lá fomos levadas para Matinhos. No Ferri-Boat o dr. Acemar me deu uma injeção de "Valium" Eu estava muito nervosa, por que eles filmavam e me faziam um monte de perguntas. Eu me sentia zozna, nem sei oque respondia. Mandavam que eu fizesse que sim com a cabeça. Daí comecei a gritar e eles trouxeram o dr. Acemar. Ele viu o meu Estado. Eu fazia tudo o que eles mandavam, porque eu não agüentava mais. Fomos levadas para o quartel de Matinhos. Eu estava sozinha num quarto. O capitão Neves entrou e me agarrou

Doutora C. Abogay.



pelo pescoço ,tentando me afogar, dizia:" Foi assim que você fez com a criança ? Foi assim que você segurou a criança ?" O dr. Silvio Bononi e o Reinaldo, meu tio,entraram e o dr. Silvio quase entrou em luta corporal com o capitão Neves. Outros policiais impediram e levaram os dois para uma outra sala.Depois fui depor. Eu contei as pessoas que estavam presentes, delegados e promotores, sobre as torturas. Eles não deram atenção e não queriam que isso fosse escrito. Tinha um dos promotores que gritava muito e era sarcástico. Fazia ar de riso quando eu contava sobre as torturas. Depois fomos prá Curitiba, sendo que meu primo Luiz Claudio, que é advogado seguiu o carro onde estávamos. A viagem foi terrível,os policiais faziam pressão, insultavam e ameaçavam de jogar o carro de meu primo no despenhadeiro. Corriam muito. Fomos para o quartel da Polícia feminina, onde passamos a noite. Ali recebemos a visita do Comandante Capriotti, que veio junto com familiares nossos. Mostrei a todos eles as marcas das torturas, tanto nos dedos, como no rosto e contei o que havia passado nas mãos dos policiais. No outro dia fomos levadas a Secretaria de Segurança pelos mesmos torturadores , que continuaram fazendo torturas, aí mais psicológicas. Ameaçavam de nos soltar no meio da multidão enfurecida. Dentro da Secretaria encontramos com o Osvaldo, o Davi e De Paula. O dr. Dálio apareceu, dizendo ser nosso advogado e nos orientou para que nada falássemos,que logo seríamos soltas, por que tudo estava sendo esclarecido. Disse que não era prá falarmos à imprensa e que já tinha tomado medidas para isso. Dali fomos levadas para o IML. Ficamos o dia inteiro numa sala, cuidadas pelos mesmos policiais e uma guarda feminina. O médico apenas nos olhou e perguntou se eu tinha alguma marca. Eu não tinha

Buotrig C. Abogga.



advogado. Estava com os policiais todos juntos, inclusive sofrendo ameaças. Não tinha como falar com o médico. Eu só mostrei os dedos, sequer tirei a roupa. Tentava por gestos fazer com que ele examinasse o meu corpo todo, isso quando os policiais não estavam olhando. Mas o médico só anotou: leves escoriações no rosto, porque estava sangrando. Doutora, lembro que quando eu estava voltando da casa da tortura para Guaratuba, já tinham tirado a venda. Um policial vendo o meu rosto sangrando, disse: " O que é isso ? Você se machucou na minha cinta." Quando estavam filmando na sala de audiência de Guaratuba, me mandaram dizer isso na frente do secretário Moacir Favetti. Eu disse o que o policial me mandou. Se ali me mandassem eu assinar qualquer coisa, ou dizer qualquer coisa, em frente a um monte de gente, em Guaratuba, eu faria - de tanto medo. Eu estava tonta, estava quase desmaiando. Eu diria tudo o que eles quisessem. Do IML fomos levadas para o Ahú. Ali apanhamos muito. Um policial barrigudo me dava socos nas costas, nos braços e da minha mãe. Ele dizia: " Bem vindas ao Inferno, nova residência da primeira dama." Fomos levadas, então para a Penitenciária Feminina, e até na porta da penitenciária, estavam nos dando socos. Ali uma guarda, colocou-se a frente e disse: " Aqui não, aqui você não vai bater me ninguém." Aqui dentro da penitenciária nunca houve violência, pelo contrário somos bem tratadas. Podemos trabalhar em artesanato, o que nos ajuda muito. Recebemos nossos familiares em dias certos de visita e podemos escrever cartas. Chegamos na Penitenciária Feminina numa sexta-feira. Na segunda fomos levadas ao Ahú fazer identificação. Lá fomos mandadas tomar banho na frente dos policiais, nuas, eu e minha mãe. Fazia um frio terrível. Não nos deram toalha. Mandaram

Buonino C. Abogati.



colocar um pijamão, que depois soubemos que chamam de "pega-louco". ficamos quase o dia todo viradas para a parede, só com aquele pijama e descalças. Até que fomos chamadas. Tiramos fotos, passamos por uma entrevista com psicóloga e assistente social. Contamos para elas todas as torturas. Fazia um frio enorme - era inverno. Não deixaram. Ficamos o dia todo com os pés no chão, sem agasalho, até que tivéssemos passado por todos os setores. Acho que consegui lhe contar por cima o que passei e também minha mãe. Estamos aqui há já quase um ano. No próximo dia dois de julho fará um ano que começou o nosso suplício. Hoje não sofremos mais torturas físicas, mas o sofrimento aumenta a cada dia, por que continuamos sem saber o que vai acontecer, o que querem de nós e se vamos continuar pagando por um crime que nem acreditamos que tenha acontecido. A Sra. sabe que no dia sete de abril, dia em que disseram que ocorreu o tal ritual, eu estava em minha casa junto com várias pessoas, inclusive com o padre de Guaratuba. E minha mãe tinha saído com meu pai e estavam em uma festa de aniversário, onde estavam dezenas de pessoas. Tudo isto já está provado no processo. Por que então, ainda estamos aqui ? Só a força da fé em Deus, o amor que eu tenho pelos meus filhos e o amor da nossa família por nós é que permite que continuemos vivas e acreditando que a Justiça ainda existe.

..... Beatriz C. Abogge

Conceito : 1) Na pg. 2 - onde se lê "posto policial" leia-se "posto fiscal".
 2) Na pg. 3 - leia-se "quarto à esquerda", onde diz: "quarto à direita". Beatriz C. Abogge.



DEPOIMENTO

CELINA ABACGE

TORTURA NUNCA MAIS ?



Depoimento prestado por CELINA CORDEIRO ABAGGE a advogada Isabel Kugler Mendes - Presidente do Conselho Municipal da Condição Feminina /Curitiba. (apanhado taquigráfico feito pela mesma)

Data: 23/06/93

Local : Penitenciaria Feminina do Estado

Assunto: Torturas sofridas - Caso Guaratuba.

Pergunta: Seu nome ?

Resposta : Celina Cordeiro Abagge.

Pergunta: Peço que me faça um relato dos acontecimentos ocorridos desde o momento de sua prisão até a presente data .

Relato: No dia 02 de julho, quando saí de meu quarto, a empregada disse que tinham uns policiais me aguardando. Chamei o meu marido e o avisei. no momento pensei que eram policiais que vinham conversar sobre alguma campanha. Saí na área e vi um carro parado na esquina. Quando entrei vi três policiais entrando na sala e outros entrando pelos fundos da casa. Não estavam fardados. Usavam um colete preto e estavam todos armados de metralhadoras. Notei que estavam apreensivos e diziam : "Quem é Sheila ? Quem é Celina ?" Me identifiquei e disseram que estava presa. Fiquei em desespero. Chamei a Sheila que ainda estava deitada. A Beatriz estava cuidando das duas crianças. Os policiais perguntavam : " Quem é a psicóloga?" A Sheila já na sala disse: " Sou eu." Em seguida ela entrou no banheiro e quando saiu disseram : " Quem é amante do Osvaldo ? Você está presa." Ninguém sabia o que estava acontecendo, era um desespero total. Meu marido perguntou : " Como vocês invadem minha casa, onde está o mandado de prisão ?" Eles respondiam " Está aqui." Mas não mostravam nada. Tudo isto gerou uma confusão enorme. Meu marido

celina abagge



tentava chegar até o telefone. Eles impediam, com armas na mão. As crianças gritavam, elas ainda não tinham comido (choro) Daí o Bardeli e o Bruno - gerentes da Serraria, que tinham chegado no mesmo momento em que os policiais - tentaram ajudar. O Aldo pediu que chamassem o Dr. Silvio Bononi - advogado da Prefeitura. Um deles foi chamá-lo. O dr. Silvio veio imediatamente. Daí a Beatriz pediu que o Bardeli tirasse as crianças dali, elas gritavam desesperadamente. Elas não tinham ainda nem ido ao banheiro e nem comido nada - são os filhos adotivos da Beatriz - (gêmeos com dois anos, na época). Daí os policiais começaram a empurrar o meu marido, que questionava pela invasão da casa e porque não tinham mandado de prisão. Eu fiquei com medo que acontecesse alguma coisa pior e disse: "Pai, deixe que eu vou com as meninas e o dr. Silvio até o fórum." Eles não sabiam qual das meninas queriam prender. Uma hora diziam que era Sheila e outra diziam que era Beatriz. Saímos no carro com dr. Silvio, Sheila, beatriz e um policial. Quando chegamos no fórum, ele estava quase vazio, só tinham alguns funcionários. Entramos na sala de audiência para esperar Dra. Anésia. Eu estava mais tranqüila, esperando a juíza que nos conhecia muito bem e sabia que nós não devíamos nada. De repente um policial me puxou e a Beatriz, ela porque era a que estava mais próxima da porta - caso contrário poderia ser a Sheila. Vi que um policial impediu a saída do dr. Silvio e da Sheila. Pensei que a Dra. Anésia teria chegado e que iriam nos levar até ela. Mas, três policiais foram nos empurrando para fora e fizeram com que entrássemos num carro, num gol. Eu perguntei : " Aonde vamos ? Aonde vocês querem nos levar ?

comarca de São J. dos Pinhais



Responderam: " Vocês vão ser reconhecidas." Quando o carro arrancou eu vi, parado na esquina, dando gargalhadas e com as mãos no bolso, o Diógenes Caetano. Saindo dali pegamos a estrada de Garuva. Eu perguntava em desespero para onde estavam nos levando. Não respondiam. Na estrada de Garuva pararam. Chegou outro carro e mandaram eu passar para o carro de trás. Quando entrei no carro, tinha uma arma no banco de trás. Eu disse: " Por favor moço, tire esta arma daqui, eu tenho medo de arma." O policial disse: " Deite aí e fique quieta." eu pedi novamente que tirasse a arma e ele disse : " Você pode querer me matar e daí eu tenho que te metralhar." Eu fiquei deitada no banco de trás ao lado da arma. Não podia enxergar nada porque amarraram minha blusa em cima da cabeça. Eles iam dizendo : " Nós somos os sacerdotes da inquisição, temos que queimar as bruxas." Eu pensava que estava sendo levada para alguma delegacia, mas senti que saíram do asfalto e entraram em uma estrada de macadame. Seguiram por esta estrada, eu ouvi o barulho de um rio e que passamos por uma ponte de madeira. Acredito que andamos naquela estrada uns quarenta ou quarenta e cinco minutos. Daí eles pararam num local. Diziam : " Eles estão lá esperando." Me tiraram do carro. Daí caiu minha blusa e pude ver a casa. Tinha uns pilares de cimento armado. Uma casa e ao lado um galpão, acho que dois. Quando os policiais viram que caiu a blusa puxaram de novo sobre minha cabeça e começaram a me dar pontapés e diziam: " Vamos lá sua vagabunda." (choro) Eu tive que erguer os pés bem alto para subir num degrau. Entrei numa cozinha, do lado tinha um fogão. Daí entramos numa porta e num corredor. No meio tinha um

malavog



banheiro pequeno com uma pia, ao lado deste um quarto onde me levaram e ao lado deste outro, onde puseram a Beatriz. Isto eu vi e logo comecei a escutar os gritos de minha filha - de vez em quando eu conseguia enxergar porque a blusa caia - Daí amarraram ~~tenis~~ com tenis. Me jogaram em cima da cama e começaram a me bater no rosto. Tentavam me afogar com a minha própria blusa. O desespero era total. Não sabia oque fazer e nem oque estava acontecendo, porque eles não diziam nada, não explicavam porque estávamos ali. Eu escutava Beatriz gritar : " Não, não, não façam isso, pelo amor de Deus." Eles me batiam no rosto. Não me deixavam falar. Fiquei toda marcada no pescoço, com as tentativas de me afogarem, mas o médico do IML disse que eram pequenas escoriações e o promotor debochou quando contei. Disse para o escrivão : "Ponha isso aí, ele puxou a blusa e arranhou o pescoço dela. Ponha isso no processo que é interessante." Eu escutava os gritos da Beatriz : " Mãe socorro." eu pedia para os policiais: "Pelo amor de Deus. Não matem a minha filha." Eu escutava eles dizerem : " Tirem a roupa dela. " Ela gritava: " Não, não, não." Ela gritava desesperada e daí parava. Eu pensava que eles tinham matado minha filha. Mas dali a pouco os gritos recomeçavam. Eu escutava gritos, gritos e eu gritava também. Daí eles vinham e davam com as duas mãos em minhas orelhas. Acho que eu desmaiei várias vezes. eles vinham e me sacudiam, faziam eu voltar. E os gritos da Beatriz continuavam , eu dizia: " pelo amor de Deus não façam nada com minha filha. Podem me matar. ela não" Eu gritava, gritava. Escutei um carro passando. Era barulho de ônibus. Escutei voz de mulher dentro da casa. Eu gritava, gritava, mas ninguém me ouvia.

mat. Arago



Tinha um rádio ligado bem alto. Acho que para não escutarem meus gritos. Eles diziam : " Afogamento, afogamento" e diziam : " Levem pro banheiro." A minha filha gritava, gritava e parava. Daí trouxeram um homem. Acho que era o Osvaldo. Ele disse: " Pelo amor de Deus D. Celina fale tudo que eles quiserem, senão eles vão matar todos nós. Por favor fale o que eles mandarem." Eu disse : " Não te conheço. Eu não fiz nada. Falar o que?" Ele dizia: " Fale o que eles quiserem D. Celina, senão eles vão matar todos nós." Depois que tiraram o homem dali começaram a me bater de novo, no rosto, nos ouvidos. Mas não diziam nada. De repente trouxeram a Beatriz. Eu estava com a blusa presa na cabeça e não conseguia ver ela, mas sentia o estado em que ela estava. Ela chorava e dizia : "Mãe, pelo amor de Deus diga o que eles quiserem, porque eu não agüento mais. Diga que nós matamos o menininho." Eu disse: " Minha filha, não fizemos isso. É mentira." E a dizia: Mãe diga que nós matamos o menininho". Eles diziam: " Fale isso, fale isso". eles ameaçavam continuar fazendo o que tinham feito com a minha filha. As violências que tinham praticado contra ela. Daí eu tive que dizer o que eles queriam. Eles falavam uma frase e diziam : " Repita, fale isso" Eu falava errado e eles me batiam no ouvido. Me pisaram em cima do estômago. eu estava deitada na cama. Perguntavam : " Com o que você matou ?" eu dizia : " Com um facão." Daí diziam: " Com uma serra." Daí tiraram a Beatriz dali. Depois que eu repeti tudo que eles queriam, que nós tínhamos participado de um ritual de magia negra, onde teria sido sacrificado o menino Evandro. Eles diziam: " Agora fale o que eu vou dizendo" Tinha muito barulho, parecia uma festa. Eles gritavam

na C. Araújo



alto. A gente sentia um cheiro de comida, sendo feita. Parece que queriam que pensassem que estavam fazendo uma festa. Enquanto me torturavam e me evacuei, me sujei inteira, urinei. Não sei quanto tempo fiquei naquela casa. Foi tudo tão terrível. Parecia que nunca ia acabar aquele sofrimento. Daí me levaram para um carro e fui levada para o fórum. cheguei ali cheia de esperança. Tinha certeza que a Dra. Anésia iria ver que eu e a Beatriz tínhamos sido torturadas. Que eu estava toda suja. Mas no fórum a Dra. Anésia não estava. Não apareceu para nós. Na sala de audiências é que encontrei a Beatriz, que estava em estado deplorável. Nós tínhamos saído do fórum antes das nove horas e estávamos voltando mais ou menos as quatro horas da tarde. (Choro convulsivo) No fórum apresentaram um papel. Disseram que era sobre a prisão. Acho que era o mandado de prisão. Me obrigaram a assinar. Dali saímos, eu num carro e a Beatriz em outro. No Ferri-Boat eu fiquei ruim - estava me sentindo muito mal. Veio o Dr. Acemar - médico do posto de Guaratuba - mediu minha pressão, e me deu um comprimido para colocar embaixo da língua. Eu disse: " Dr. Acemar , veja em que estado estou. Nós fomos torturadas. eles tiraram a roupa da Bea. Praticaram violências contra ela. Me afogaram, deram choques na Bea e me bateram muito. Por favor nos ajude. Me acuda por favor nós estamos nas mãos de bandidos." Ele disse: " Tenha calma, já vamos ver isso." No caminho os policiais foram dizendo palavras. foram nos torturando. Diziam: "Se vocês disserem qualquer coisa contrária do que foi combinado na casa nós vamos acertar com tua família, teus filhos, teus netos. Vejam o que vão dizer." (choro convulsivo novamente)...Eu conheço todos

matéria



que me torturaram. Foram seis. Podem colocar eles no meio de mil pessoas que eu conheço todos os seis que me torturaram e torturaram a Beatriz. Eu conheço todos aqueles bandidos. Não vou esquecer nunca o que eles fizeram pra mim e minha filha. São verdadeiros gangsters. Mas naquela casa tinham mais policiais. Tinha muita gente. Tinha mulher. Quando chegamos em Matinhos mandaram eu tomar banho. Eu estava toda suja, toda suja de fezes e de urina. Eu tive que tirar a roupa na frente dos policiais, daqueles bandidos. Ali tinham policiais fardados. Era no quartel da Polícia. Eu nunca fiquei sem roupa perto de meu marido e tive que ficar pelada na frente de todos aqueles policiais, daqueles gangsters. (choro convulsivo) Daí veio o capitão Neves. ele estava também lá na casa da tortura. Eu estava num quarto - alojamento dos militares. Aí o capitão Neves pegou minha mão, torceu para trás, quase quebrando meus dedos e disse: " Sua vagabunda, fale tudo o que foi combinado na casa, porque você já sabe o que vai acontecer com tua família se não falar." A dor era tão grande que eu estava quase desmaiando, foi quando chegaram meu irmão e meu sobrinho que é advogado. Ele ficou em pé e saiu. Eu contei tudo pro meu irmão e pro meu sobrinho. Eles queriam sair e tomar satisfação com o capitão Neves. Eu pedi por favor, que não fizessem isso, porque ia ser pior. Esqueci de contar doutora, que antes do capitão Neves e do meu irmão e do meu sobrinho, chegou o Capriotti. Eu estava sentada numa cama dos soldados, no alojamento. Ele se agachou, porque eu estava chorando muito. Ficou ali, meio ajoelhado e disse: " O que aconteceu com você cunhada? Você não esta me conhecendo? Eu sou o Capriotti, sou

mac. Alagge



amigo do Aldo e de tua família. Calma. Eu sei que você não fez nada e que tudo vai ser esclarecido. " Eu contei sobre as torturas e ele disse que ia nos mandar com os homens dele. Disse: " Meus homens vão acompanhar vocês até Curitiba. Vão dar segurança a vocês. Tenham calma." Depois do Capitão Neves, fui prestar depoimento. Estavam ali dois delegados e dois promotores. Na sala ficou o Dr. Roberto Machado, um pouco e um pouco o Dr. Silvio. No depoimento contei tudo sobre as torturas e eles diziam: " Isso não pode ter acontecido." Mas eles não permitiam que eu dissesse a palavra tortura. Tinha um deles que disse que era promotor e foi muito indelicado, só falava aos gritos. Ali eu não repeti o que eles obrigaram a gente a dizer naquela casa. Contei o que realmente havia acontecido. Que escutava a Beatriz sendo torturada e violentada. Contei tudo da tortura. Dali nós fomos trazidas para Curitiba. Não com os homens do Capriotti. Mas com os mesmos gangsters. Eu vim com a Beatriz. Tinha muita serração. Eles conversavam muito no carro. Perguntavam se nós tínhamos gostado das torturas. Eles ameaçando de frear, porque o carro de meu sobrinho estava atrás. Diziam: "Vamos fazer esse imbecil despencar na serra." Vinham fazendo ziguezague. Eram três policiais. Um deles é aquele que aparece no filme quando estávamos na Secretaria de Segurança. É aquele que está atrás de nós. Foi um dos torturadores. Viemos primeiro no quartel da P.M. fizeram uma foto e depois nos levaram para o quartel da Polícia Feminina, que fica perto da Capela Mortuária da PM. Ali passamos a noite. Na Polícia Feminina, chegaram a Sheila, o Reinaldo meu irmão, Eloina mulher do Bruno e meu genro Junior. Chegou junto o

Araceli



Coronel Capriotti. Ele começou a perguntar o que havia acontecido. A Bea mostrava a ele os dedos feridos. Mostrávamos as marcas das torturas. Ele dizia : " Meu Deus, Meu Deus, não se preocupem que aqui vocês estão seguras. Não vai acontecer nada. Eu estou vendo o que aconteceu." ele pegou no rosto da Beatriz e viu que estava sangrando. Dizia : " Meu Deus, Meu Deus." Quando eu contava o tipo de tortura, do tapa nas orelhas ele dizia : " É telefone." Até ali, desde não tínhamos comido nada. Não recebemos alimentação nem no dia seguinte. Dali, na manhã seguinte fomos levadas na Secretaria de Segurança, que estava cheia de gente. Ali estavam todos os homens que nos torturaram. Foram eles os gangsters que nos levaram e não que o Capriotti disse que nos levariam. Ali estavam os três, Osvaldo, De Paula e Davi (Pergunta: A senhora conhecia bem os três) Não, eu acho que só tinha visto cada um deles umas duas vezes. Eu nunca entrei no centro deles. Nunca quis que a Bea frequentasse o centro. Eu tinha medo dessas coisas e Guaratuba é um lugar pequeno. Não ficava bem ela ir aquele local. Como eu tinha medo vivia pedindo para o padre Adriano conversar com a Beatriz e ele ia quase todos os dias lá em casa para conversar com ela. Ele dava livros para ela ler. E ela dava livros espíritas para ele conhecer. Eu não gostava que ela frequentasse o centro espírita, apesar de que ela nunca ia sozinha. Eram pessoas de família boa que frequentavam o centro. Mas eu não queria que ela frequentasse. Depois, na secretaria apareceu a mãe do Guilherme Tiburcio, e disse: " Sabem quem eu sou ? eu sou a mãe do Guilherme. Onde está meu filho suas vagabundas ? Onde você pois ele sua vagabunda ? (choro

Luiz Araújo



Celina Alvares
 1) na pg. 7, onde se lê:
 "fizeram uma foto" - deve-se ler "deram uma volta no quarto"
 2) na pg. 2, acrescenta - se depois de
 "fitas de cimento armado" que sustentavam os arcos da celula
 3) na pg. 3 - inicio: também no meu do quarto

convulsivo) Eu rezei muito pelo Guilherme, sofri com a dor da mãe quando do desaparecimento dele. Na secretaria o dr. Dálio Zipin, fez eu contar na frente dos policiais, do Secretário de Segurança e do Cel. Capriotti sobre as torturas. A Beatriz mostrou as marcas nos dedos e o ferimento no rosto. Eles riram em nossa cara. O Capriotti já tinha saído. Os outros não olharam para nós. Ficaram como se não estivessemos falando para eles. Nesse momento estavam também os outros três, Osvaldo, Davi e De Paula. Os policiais falavam com eles e davam alguma coisa para eles beberem. Achei que era café. Mas eles, os três, também não olhavam para nós. Dai assinamos uma procuração para o Dr. Dálio. O Cel. Capriotti veio e disse: " Elas ficam aqui e os três vão para a sala de imprensa." Esqueci de dizer que quando saímos do carro para subir para a secretaria de segurança um policial que tinha nos torturado muito disse: " Esconda teu rosto como se eu estivesse te protegendo, porque senão eu solto vocês no meio do povo." Dizia que era pra correr junto com ele abraçado. Dali nós saímos e fomos para o IML. Ficamos juntos com alguns policiais que praticaram atos obsceno em nossa frente. ficamos no IML durante muito tempo com a esperança de que iriam nos examinar e verificar as marcas da tortura. Mas isso não aconteceu (D. Celina chorando convulsivamente, sentindo-se mal não teve condições de prosseguir em seu depoimento. Registre-se que a mesma chorou durante quase todo o depoimento)

Celina Alvares Alvares

+ Kllendes



DEPOIAMENTO

DAVI DOS SANTOS

TORTURA NUNCA MAIS ?



Depoimento prestado por Davi dos Santos Soares à advogada Isabel Kugler Mendes - Presidente do Conselho Municipal da Condição Feminina (apanhado taquigráfico pela mesma)

Data: 19/05/93

Local: Penitenciaria Central do Estado

Assunto: Torturas sofridas - Caso Guaratuba.

Pergunta: Desde quando encontra-se neste presídio (Penitenciaria central do Estado)?

Resposta: Desde de 17/07/92.

Pergunta: Peço que me faça um relato do momento em que foi preso, até a presente data.

Resposta: No dia 01 de julho soube que fui procurado em casa por Pms. sobre a Associação de Artesões. tinha ido à Paranaguá. Perguntaram quando eu chegava. Ela disse que não sabia. Cheguei mais ou menos 6:00 hs. da tarde, tomei banho, jantei, quando chegou meu sogro e disse que tinham uns homens que queriam conversar comigo. Saí e encontrei os homens. Um deles disse: "Você que é o Cheiro?" Eu disse: "Não." Eles disseram: "Você não é o Davi?" Nesse momento outro homem passou para trás, me agarrou e puxou meu braço para trás. O outro fez o mesmo, ajudando. Comecei a gritar. Veio meu sogro. Isso era mais ou menos 09:15 hs. da noite. Dentro do quintal de minha casa, me agarraram e disseram que era eu mesmo. Eu perguntava o que estava acontecendo. Eles diziam : "Você já vai saber." Saiu meu sogro e meu cunhado, José Luiz Tavares Pacheco, o Cheiro. E queriam saber o que estava acontecendo e os homens disseram : " Não se metam,

Davi dos Santos Soares:



que o negócio é com ele e não com vocês. Fiquem quietos e não se metam." Daí disseram que iam me levar para Matinhos. Eu queria saber porque, oque eu tinha feito para ser preso?. Eles não apresentaram nenhum papel. Nem uma ordem de prisão. Então me puseram dentro de um carro branco. Dentro do carro tinha mais dois homens. Me puseram no banco de trás, depois de puxarem meus braços para trás e algemarem. Daí deram alguns socos em meu rosto. Eu gritava e perguntava oque é que estava acontecendo. Eles disseram:" Fique quieto que é melhor par a você. Você tem só que reconhecer uma pessoa. Logo na primeira esquina puseram um capuz na minha cabeça e disseram: " Fique quieto porque senão você não volta a ver os teus filhos." Daí ficaram rodando o carro. eu estava encapuzado. Falavam no rádio coisas que eu não entendia. Daí fui levado para um lugar, eu acho, que distante uns vinte minutos de asfalto de Guaratuba. Eu estava deitado no fundo do carro. Comecei a me sentir mal, porque estava com o estômago cheio. Quando eu dizia que não estava agüentando, que ia vomitar. Eles diziam : " Vai ter que comer tudo." Daí saímos do asfalto e mais ou menos por uns 08 minutos ou mais andaram por uma rua de terra. Era uma chácara. Porque era tudo silêncio de mato. Era uma casa de madeira. Os policiais falavam que era uma chácara. Daí passou por uma pontezinha. Eles diziam : " Olha aí o buraco." Daí levaram num quarto e fui jogado no chão. Comecei a passar a mão. Senti que o assoalho era de madeira e as paredes eram de sarrafo. Existia uma cama. Comecei a escutar vozes. Estavam conversando com uma pessoa. Perguntavam oque ele fazia. Depois soube que era o Osvaldo. Daí comecei a escutar gritos, berros. Era horrível.

Warr S Soares.



Acredito que por mais ou menos uma hora ficaram interrogando a outra pessoa. Eu sentia que esta pessoa estava apanhando feio. Era só grito e berro. De repente parou. Eles saíram e daí algumas pessoas entraram no quarto e disseram: " Agora vamos conversar." Me perguntaram de quem era a voz da pessoa que estava sendo interrogada. eu não havia reconhecido por que a voz era meio abafada. Eu disse que achava que era de um tal de Mário. Eles disseram: " Não é. Já que você não sabe de quem é vamos conversar com você." Daí ,ainda algemado, enrolaram fios nos meus dedos. Daí levantaram o capuz um pouco e puseram uma venda, mais eu via por debaixo os fios enrolados na mão. Eram descascados. No começo tinha tipo de uma colcha cor de abóbora. Enfiavam nos pés como uma botas molhadas. Começaram a dar choques. Não me deixavam só eu unir as mãos. Os choques eram continuados. Eu não agüentava. Mas não falava nada. Eles só diziam : " Queremos ver se você é forte mesmo." Eu gritava, dizia "Pelo amor de Deus não façam isso, porque vocês estão fazendo isso comigo? Oque foi que eu fiz? Pelo amor de Deus?" Eles não falavam em nada. Os choques eram continuados . Comecei a entrar em pânico. Já não sabia mais nada, até que um disse : " Oque é que você sabe da morte do garoto Evandro Ramos?" "Sei oque todo mundo sabe, que desapareceu e encontraram o corpo." Eles diziam : " Não . você sabe mais. Fale." Davam choques sem parar. Veja doutora (mostrou-me as cicatrizes em vários dedos - declarando que estes ficaram em carne viva. Mostrou-me manchas nos dedos e mãos, esclarecendo que eram sinais que restaram das queimaduras que foram ainda mais intensas entre os dedos) Eu me torcia muito e tentava arrancar os fios. Eles

Dani dos Santos Soares



diziam: " Assim não vai ter jeito, vamos manietar ele." Daí amarraram minhas mãos para trás. Antes colocaram uma toalha molhada nos pulsos. Fizeram o mesmo nos pés com toalhas molhadas. Amarraram os dois pés. Deitaram no chão, amarraram uma corda e juntaram os pés nas mãos. Eu tinha na época quase cem quilos. Do jeito que estava amarrado eu não podia nem me mexer. Não agüentava mais. Só gritava, pedia socorro. Pedia pelo amor de Deus. Daí veio um e colocou uma toalha molhada enrolada na minha boca, atravessada. Eu não podia nem respirar. Não agüentava mais a dor. Comecei a morder aquela toalha e pensava: " Acho que vou morrer." Não conseguia mais falar , nem respira. Só esperava a morte mesmo. Amordaçado como estava era como um porco esperando a morte. Eles diziam várias vezes: " Somos matadores profissionais." Tomavam cerveja enquanto torturavam. Escutei um deles dizer : " Encha o meu copo." Daí me urinei. Um deles dizia: "Não deixe ele gritar muito, porque pode acordar o S. Pedro, que esta dormindo." Não lembro quanto tempo fiquei ali. Daí começaram a perguntar : " A casa caiu ? Já contaram tudo?" Eu dizia : " Eu não sei nada" Perguntavam: " Qual é teu envolvimento com a morte da criança ?" - " Você foi procurar ela?" Eu disse: " Fui procurar sim, porque chequei em Guaratuba e me convidaram, D. Davina e o marido dela, que organizaram um grupo de busca. Fui com o De Paula, o Osvaldo e outros." Eu tentava explicar, eles diziam: " Isso já sabemos, queremos que você conte a tua participação na morte do menino." Eu não sabia de nada, não tinha nada que contar. Daí disseram : " Vamos dar um banho nele, para ver se refresca a cabeça." Daí trouxeram uma mangueira de água e

Davi & Soares.



puseram na boca. Enrolaram um pano na mangueira e enfiaram na boca. A água saiu pouco e eles diziam: "Você está com sorte. Não tem pressão." Daí chutavam os rins, as costelas. Apertavam minha cabeça no chão. Embaixo tinha uma espuma. Doía o nariz, testa, costela. Doía tudo, tudo. Acho que inchou tudo. Na altura das costelas ficou um hematoma. "Veja doutora, aqui ficou tudo roxo." (Mostrou-me entre as axilas e cintura, lado direito, sobre as costelas, uma mancha um pouco mais escura que o restante da pele. Perguntei : " Os médicos do IML não examinaram ?" - Respondeu : " No I.M.L. um médico jovem só olhou, não examinou. E quando eu mostrei os buracos nas mãos, ele dizia : " Isso foi você que fez." Eu dizia: Doutor meu rosto todo dói. Ele dizia : " Isso não é nada. Tem algum osso quebrado." Eu disse: "Aqui na costela" Ele disse: " Isso aí não é nada.") Vamos voltar na tortura doutora. Me colocaram num quarto todo amarrado e disseram: " Fique aí para refletir." Eu não sentia mais meus dedos. Não sentia mais nada. Só dor, dor. Daí acho que desmaiei. Tudo escureceu, não senti mais nada. Daí acordei com uma espécie de água jogada no meu rosto para acordar. Daí começou tudo de novo: Choques, pontapés, socos. Daí eu comecei a implorar prá me dizer o que eles queriam que eu falasse, que eu dizia tudo que eles mandassem, eu não agüentava mais. Daí disseram que queriam que eu dissesse que eu havia matado a criança. Eu disse que não sabia de nada, então eles disseram que já sabiam que a D. Celina Abagge, a Beatriz Abagge, o Osvaldo e De Paula estavam envolvidos no caso da morte da criança. Disseram: " Sabemos que você é laranjão. Mas vamos gravar aqui, você vai falar que viu a Beatriz conversando com o

Davi dos S. Soares



Osvaldo para fazer o crime." Eu disse : " Eu não ouvi. Dizeram: " Você já está pisando na bola, você disse que ia colaborar. Vamos lá, senão vai ser pior. Vamos recomeçar com mais uma sessão." Continuei a dizer que não ia dizer aquilo. Não matei ninguém. Daí disseram: " Arreiem a calça dele." Daí me viraram de lado pegaram o meu pênis, enrolaram um fio no pênis e outro na mão. E davam choques que pareciam que iam arrancar o pênis fora. Não agüentei mais. Nunca pensei que podia existir uma dor tão grande. (Choro) (Com as mãos no rosto chorando balbucia: "Que dor doutora. Eu sinto ela até agora. Não agüentei.") Daí disse que fazia tudo que eles quisessem. Daí pararam. Mandaram eu descansar um pouco. Daí disseram : "Você vai falar pausado, vai dizer que sabia de tudo." Daí começaram a me fazer perguntas. Fui respondendo como eles mandavam, dizendo os nomes do Osvaldo, De Paula, Beatriz, D. Celina. Disse sim a todas as perguntas. Eles ligavam o gravador. Diziam: " Isso, assim." Acho que era já de manhã. Eu sentia o cheiro de café. Daí eu escutava grito de pessoas que estavam sendo torturadas. Daí me tiraram dali. Me puseram no quarto que eu estava. Lavaram o meu shortes. Eu estava só de shortes e camisa, que tinha posto depois do banho. Mais eu continuei amarrado. Daí me jogaram no fundo do carro. Dizeram que iam me levar no fórum. Eu não conseguia decifrar onde estava. Sabia que não era Delegacia. Eu continuava encapuzado. Eu escutava o barulho de máquina batendo. Era um lugar bem diferente. Depois me jogaram num quarto e disseram: " Os outros vem vindo." Daí veio um rapaz lourinho, tirou os algodão do meu ouvido, que tinham posto acho que para não ouvir os gritos dos outros. Tirou o capuz e começou

Davi S Soares.



a filmar com uma gravadora. Os Fms, uns três, chegaram e disseram: "Você já sabe o que vai dizer. Você vai repetir tudo o que disse lá na chácara. Você vai dizer tudo direitinho. Porque senão vai voltar para a chácara." No quarto era pequeno. Tinha duas camas. Tinha muito pó no chão. Acho que era uma casa fechada. Tinha até serragem no chão. Daí me colocaram neste quartinho e fizeram o filme. Eu tive que repetir tudo o que eu tinha dito lá na chácara. Eles tinham voltado a colocar o capuz, depois disseram: "Agora não precisa mais. Eles já foram." Aí fiquei sem capuz. Eu escutava voz de mulher e de homem. Alguém falava, reprimindo as pessoas. Daí tive vontade de usar o banheiro. Daí me levaram e aí vi os policiais. Um era chamado pelos outros de Capitão Neves. Magro, alto, forte, cabelo meio avermelhado. Tinha um bigode grande, usava umas pulseiras de ouro e falava tipo gíria de malandragem. Vi que levaram um, no corredor, e deixaram ele ficar sentado em uma cadeira. Vi que todos que passavam davam chutes, puxavam os cabelos e mostravam fotografias. Diziam: "Como foi que você cortou, foi assim? Mostre aqui. diga :- Foi assim." Daí me levaram pro banheiro. Fiquei um bom tempo lá. Pensei em deixar uma marca. Daí eu tinha um colar de contas pequenas, azul claro. Tirei e coloquei no ralo da banheira. Deixei também a linha de nylon. Coloquei tudo dentro. Daí abriram a porta e entraram com o Osvaldo. Ele estava encapuzado. Foi levado e disseram: "Está aí o banheiro. Pode usar." Daí me levaram para uma salinha. Ali tinha uma escrivaninha. Uma máquina de escrever e duas cadeiras tipo cadeira de secretária. Começaram a perguntar do ritual. Eu disse que nunca havia participado.

Wari S Soares



escutei alguém chamar o que me perguntava: "Sargento." ele tinha um tenis azul claro. Não tinha farda. Um deles estava todo sujo de barro. esqueci de dizer que na chácara me deram uma vez um chá fino. Tinha gosto ruim. De daqui amargo. A boca ficava toda dormente. Ali naquela casa, me deram o mesmo chá. Me disseram: "Tome prá acalmar." A gente ficava meio bobo, meio paralisado, sem saber o que fazia. Hoje eu me pergunto, porque não deixei que me matassem. Não sei explicar. Mas aquela coisa, aquele chá, me deixou meio retardado. eles faziam também uma outra tortura, com revolver , que encostavam na cabeça e faziam roleta russa diziam que iam me matar. Rolavam o tambor do revólver, uma coisa que não dá nem para lembra. Daí na salinha, me mostraram o álbum com fotos do menino morto. Pediam que eu falasse mais. Que eu mostrasse. Eu dizia: " Vocês estão doidos. Eu não fiz isso. Eu tenho quatro filhos. Vivo cuidando da minha família. Sou trabalhador. tenho mulher e filhos. Eu não desapareci eles. Eu não ia fazer uma coisa dessas." Eles mandavam: " Mostre aqui. Foi assim, cortaram aqui." Daí voltei par o banheiro. Eu não agüentava mais as algemas, com as mãos para trás. Eu disse que não agüentava mais. Daí eles trouxeram uma cadeira e amarraram minhas mãos para frente, com o encosto da cadeira no meio. Tinha um PM, que chamavam de Silvester. Tinha um que tinha um sotaque espanhol. Depois soube que ele era o caseiro. Quando me deixaram no banheiro, trouxeram o Osvaldo que ficou na sala onde eu estivera antes. Ele estava mancando, estava um trapo. Não me deixaram falar com ele. Ali estavam instruindo para falar. Mostravam o laudo médico. Mostravam as fotografias, que depois

Dani S Soares



foram montadas juntas. Elas eram numeradas. Tamanho um pouco menor que postal. Lembrc da de número nove, acho que até dezesseis. Os PMs mandavam dizer as maneiras de corte que aparentavam nas fotos. eu escutei que eles faziam jogo de palavras com o Osvaldo. Ele estava sempre encapuzado. E os policiais estavam sempre com gravador, que ligavam e desligavam. comigo eles só queriam que confirmasse o que Osvaldo dizia. Como eu insistia em negar, eu apanhava. Daí tiraram o Osvaldo. Acho que ele ficou ali uma hora mais ou menos. Daí eu fiquei sozinho ali o resto da noite, dentro do banheiro. Eu ouvi, então que mandaram fechar a porta que as mulheres iriam chegar. Acho que as mulheres eram D. Celina e Beatriz e também a Doutora Anésia. eu sentia que era a juíza, porque eu via bem os pés das pessoas. Via os sapatos vermelhos e meias vermelhas dela e também reconheci depois um óculos que estava em cima da mesa da sala, onde fui levado depois. esses óculos depois aqui na audiência na penitenciária, eu reconheci. A doutora Anésia usava óculos iguais àqueles que estavam em cima da mesa, na casa onde fomos torturados. Outra pessoa que eu tenho certeza que estava lá e acho que também estava na chácara era o Dióginho. eu via os pés e sentia que era ele. Era o Dióginho mesmo. O Silvester foi que ficou me cuidando. Acho que umas sete horas. Eu estava sem capuz. Tinha sido tirado quando fui para a sala, onde foi feita as filmagens. Nessa hora, alguém disse: "está tudo pronto aí. Porque nós vamos levar para a casa da juíza." pensei então que ia para a casa da Juíza. Fui levado para o carro com mais PMs. Estava algemado mas sem capuz. Foi daí que reconheci que era mesmo a

Jair dos S. Soares



casa do Stroesner. Eu conhecia bem ela. Há oito anos estava morando em Guaratuba. Lembrava bem, porque fui ver esta casa algumas vezes, quando o Stroesner ficou lá. Daí, fui levado até em frente a casa da juíza Dra. Anésia. eram dois PMs. Um deles entrou e o outro ficou comigo. Ele tinha nas mãos uma espingarda de grosso calibre. ele dizia: "Fique quietinho senão vai levar chumbo." O PM que entrou saiu depois de uns quinze minutos e disse: "Você vai confirmar para a juíza tudo o que disse prá nós." eu disse que não ia mais falar. Que tinha falado porque não agüentava mais de tanto apanhar. Mais na frente da juíza eu não vou falar o que eu não fiz. Daí disseram: "Você está fazendo nós de palhaço. Assim não vai dar. Vamos ter que recomeçar tudo de novo" Eu dizia: "eu tenho prova de onde eu estava no dia que a criança. eu não estava em Guaratuba." Na noite de segunda para terça-feira, nós fomos procurar o garoto com D. Davina e o marido dela, tios do garoto, passamos a noite toda procurando até 08:00 hs. Vim para casa dormir. Levantei mais ou menos quatro horas, tomei um lanche e fui procurar a Andréia, mulher do Osvaldo, mais ou menos sete horas da noite tinha uma reunião que acabou mais ou menos 9:00 hs da noite. Depois fizemos um acerto de dinheiro. Chegou Antonio Costa, que convidou para comer a famosa dobradinha. Foi o Osvaldo, a Andréia, Paulinho, Margarete, mulher do Costa e tinham duas meninas que iam, mas não apareceram. Fomos ao barzinho do Saulo, que servia dobradinha as terças feiras. Lá encontramos outras pessoas: D. Santana, chefe das telefonistas, o esposo dela e outras senhoras. Também o Tristão Miranda com a esposa. Ficamos lá até mais de meia noite, tocando

Davi dos S Soares.



música. Isso tudo eu falava, mas eles não queriam saber. Não queriam ouvir. Mais ou menos 10:30 hs. saí e fui até o barzinho do S. Silvestre, sogro do Sérgio Cristofolini, para comprar duas carteiras de cigarro. Estava lá o S. Zé do Morro, que me pediu um cigarro. Eu abri a carteira e dei o cigarro. Eu estava com um atabaque nas mãos. Eu tinha ido buscar na casa do Osvaldo. Eu relatava isso aos policiais. Imaginava que aí eles iam investigar. mas eles só queriam que nós falasse sobre o caso da morte do menino Evandro e queriam que dissesse o que eles mandavam. Daí não levaram na juíza, disseram que não adiantava, porque eu não iria falar. Daí deram muitas voltas dentro de Guaratuba. Diziam que não adiantava mais levar para a chácara, porque lá não tinha mais ninguém. Daí me levaram prá Matinhos. Pro quartel da PM. Me levaram pros fundos, prá uma sala onde tinha uns biombos. Estava cheia de PMs fardados. Tinha um sargento de cor, que dizia: "Fosse meu filho, eu já tinha matado todos." dizia que a família dele era daquela religião que nós estávamos denegrindo e que deveríamos morrer. Daí todos começaram a dar socos, ponta-pés, chutes. Um dizia que era prá amarrar e para cortar os órgãos. A pressão psicológica era grande. O medo era grande também. Eu dizia, que eu era cunhado do soldado Juarez Alves de Freitas. Eu pedia para chamarem ele, que ele podia investigar tudo, de vez que eu era inocente, que não devia nada daquilo, que eles queriam. Eles diziam: "Se ele vier vai ajudar a te matar." Daí chegou um policia civil, alto, bem claro, cabelo penteado para cima, tipo encrespado. Nas mãos ele tinha uma maquininha. Puxaram um biombo, onde estava o De Paula, ele estava

Davi S Soares



sentado no chão e no lado tinha dois PMs sem farda. Puxaram o biombo e começaram as torturas. Punham os fios amarrado nos dedos das mãos e ele rodava uma manivela. Tudo um troço horrível. Um choque...(choro)... Não dá prá explicar. eles diziam: " Você vai ter que falar. Os outros já falaram. A casa caiu." Em algumas fitas eu já tinha dito tudo que eles queriam, tinha acusado como eles mandavam, D. Celina, a Beatriz, o Osvaldo, o De Paula, mas ali no quartel da polícia não disse nada. disse: " Vocês vão me matar. Eu não vou mais dizer nada." Depois soube que estavam me preparando para falar com o promotor. eles diziam: " Não vamos te matar, só deixar meio morto vivo, porque você vai ter que confessar." Na segunda tentativa de tortura, eles abriram o biombo e disseram pro De Paula: " fale de novo quem estava lá." O de Paula estava todo machucado, tinha escoriações nos braços, os cabelos estavam molhados, a calça suja de barro e o tenis também. Mandaram ele levantar e disseram: " De Paula diga o nome das pessoas que estavam com você na fabrica fazendo o trabalho." Daí o De Paula falou: Celina, Beatriz, Osvaldo, Bardeli, Sérgio e por último o meu nome. Diziam: " Então este é o sétimo". Eu ouvindo o De Paula, eu disse, ele está mentindo, isso é mentira! Não participei de trabalho nenhum. ele está mentindo tudo." Mais eu via que ele não agüentava mais, daí me desesperei, eu disse: " Ele está pirado, vocês botaram isso na cabeça dele." Daí disseram: "Tragam o outro." Trouxeram o Osvaldo. ele estava mancando com a perna, estava algemado. estava cheio de marcas e algumas nas mãos sangravam. Tinha olheiras fundas, eu esperava que ele desmentisse tudo. Daí fizeram a mesma pergunta: " Osvaldo,

Davi S Soares



quem estava com vocês?" ele disse os mesmos nomes. Dali para frente eu não sabia mais o que fazer. Dizeram: "Vamos falar pela última vez com você. Você vai falar com o doutor promotor e acho bom você falar a verdade. Fale tudo certo e não fique fazendo palhaçada, porque nós temos mandado prá cinco dias, você só está a três aqui, temos mais dois dias prá você confessar, prá tirar isso de você." Daí continuaram batendo, empurrões, socos. Levaram o Osvaldo para fora. Mais ou menos acho que as duas horas da manhã, me levaram prá falar com o promotor. Era uma sala dentro do QG da polícia. Ali tinham umas pessoas que disseram que eram promotores. Um que era escrivão e outro que era Delegado. Chegaram dois PMs fardados, para ser testemunhas do que eu ia falar. Eu falei pro promotor que eu queria um advogado. ele disse sorrindo com ironia: "Pode deixar que vamos arrumar um bom advogado para você." Daí ele leu um depoimento, acho que era do Osvaldo, ele não disse de quem era. Daí disse: "Você confirma?" eu disse: "Não isso não é verdade é tudo mentira!" Ele disse: "Não adianta você ficar com essa estorinha, esta tudo confessado, não adianta você negar." eu disse pro promotor que era mentira, disse que tinha testemunha pra provar que eu não fiz isso. O promotor dizia: "Como você pode mentir tão descaradamente ? Acho que vou ter que chamar os guardas para eles conversarem com você direitinho, já que você não quer conversar com nós." Daí veio um dos PM que tinha me torturado e disse: "O que está acontecendo, você está criando muitos problemas para nós. Os outros já confessaram e você vai ter que confirmar. " eu disse pro promotor que o que os policiais falaram era mentira, que eu só tinha

Dani S Soares.



falado porque não havia agüentado as torturas. Daí um outro promotor disse : "Eu quero ouvir essa mentira , fale." Daí eu disse que estava sendo torturado sem parar, mas eles nem ouviam. Tinha um promotor mais velho e um mais novo. Um era gordo e meio careca. O promotor insistia: " Conte esta mentira, nós queremos ouvir." Daí disseram : " Vamos ter que fazer uma acareação." Naquela ocasião eu não sabia oque era uma acareação, pensei que era uma outra tortura. Pensei que iam me levar de volta e começar a me bater. Que iam começar tudo de novo. Pensei que ia piorar, com essa outra tortura. Que iam quebrar minha cara. Fiquei desesperado, daí comecei a dizer tudo que ele queria, porque minha esperança era o promotor. Mas daí já não acreditava mais em nada. O Promotor foi dizendo, relatava e o escrivão batia. Oque eu dizia não escreviam. diziam que era pra colocar tudo para bater com o depoimento do De Paula e o Osvaldo. Acho que uns liam oque já estava escrito nos outros e daí aquele promotor relatava. eu dizia: " doutor, não aconteceu assim, não é isso." Ele dizia: " Você é um mentiroso, foi assim." Tudo que eu falava era mudado pelos promotores, eles diziam pro escrivão: " Retifique." Porque iam lendo quando terminaram me mandaram assinar.

Pergunta: Você leu o documento antes de assinar ?

Resposta: Não li aquele e nunca li nada que assinei. Não sei nada que assinei. Assinei vários papéis. Daí me deixaram em paz. Em parte acabaram ali as torturas. dali fomos encaminhados à Curitiba onde fomos encaminhados ao quartel da PM. Ali novamente nos levaram para fazer um ensaio. Ali no quartel ficamos os três

Davi dos S Soares



juntos. O Osvaldo o De Paula e eu. estava muito frio, eu estava só de shortes e camisa , porque quando fui preso ia dormir. Ninguém tinha agasalho, nem os outros. Também passei muita fome. Nas torturas, também não davam comida. Ali os três fomos ensaiar. Eles diziam: " Vocês vão ter que acusar as mulheres Celina e Beatriz. Porque se vocês não acusarem isso vai se tornar muito mais doloroso pra vocês do que pra nós. vocês vão acusar a Celina e a Beatriz. Não esqueçam." No quartel me deram prá beber o mesmo líquido, tipo chá claro, com gosto de "caqui verde", que me deram na chácara. Doutora, lembro agora que esqueci de falar pra senhora que lá no quartel de Matinhos o Sargento moreno falou: " O que essa máquina." E o outro explicou que era a máquina da verdade. ele disse: " Vamos ter que arranjar uma máquina da verdade pra nós." Depois no quartel em Curitiba, depois dos ensaios de como tinha que falar, eles sempre estavam ameaçando, diziam: " Lá em Guaratuba vocês foram muito resistente, porque tudo era improvisado. Mas aqui em Curitiba nós temos lugar apropriado e acho que vocês não vão querer conhecer." Dali fomos levados para a Secretaria de Segurança. O Osvaldo num carro e eu e o De Paula em outro. Lá na Secretaria, conversaram separado com nós num quartinho. Comigo disseram: " Você vai falar com a imprensa. Você vai falar tudo o que sabe e principalmente sobre as mulheres, Celina e Beatriz." Eu estava meio abobado. A senhora veja, eu fui preso dia primeiro, quase a noite, passei a noite toda, o dia seguinte, mais uma noite e mais um dia. Acho que duas noites e dois dias e já estava no outro dia, sem tomar sequer um cafezinho, a não ser o chá. Dois antes e outro na Secretaria,

Dani S Soares.



naquele dia. Eu tenho certeza que a D. Celina me viu tomando o chá, na Secretaria. eu estava com muita fome. Com sono. Cansado. Eu não agüentava mais de tanto apanhar. Depois que tomei o chá fiquei quase paralisado. Sentia uma compressão na cabeça. Uma moleza, uma coisa estranha, que não dá prá explicar. Quando a gente bebe, fica meio desligado. Eles diziam: " Repita tudo novamente. Tudo direitinho." Dentro do elevador um policial disse: " Para a imprensa vocês vão ter que falar tudo direitinho, porque vocês viram aquele povo lá fora, se nós soltar vocês no meio dele, não vai sobrar nem merda. O povo vai trucidar vocês. É só dizer que vocês tentaram fugir." Daí fomos prá sala de Imprensa, no meio dos policiais. Eu disse: " Não vou falar nada" eles disseram, " Se vocês não acusarem as mulheres, vai ser pior. As mulheres tem dinheiro. elas vão sair amanhã e vocês vão pagar o pato." Eu pedia advogado, eles diziam: " O advogado de vocês é o capeta". Eu me neguei a falar na imprensa, aí falaram que eu já tinha assinado autorização. Eu ouvi o Osvaldo dizer: " Porque nós somos obrigados a falar e as mulheres não ?" disseram: " Porque elas tem advogado e vocês não" Se a Senhora puder ver a gravação da televisão, vai ver que tem um policial atrás de mim. Ele estava com a mão me cutucando e dizendo: " Vai falar tudo" Me cutucava e apertava. Me disseram que eu falei um monte de besteiras. Eu nem lembro o que eu disse. Me falaram que eu estava chorando. eu não lembro de nada. Foi um sonho uma coisa de outro mundo. Digo prá senhora que nem sei oque eu disse na televisão. eu não estava em mim, estava abobado. Não sabia oque fazia. Dali fomos encaminhados a Prisão Provisória do Ahú. Lá fomos

João das S. Soares



torturados muito. Todos os dias que ficamos lá no COT , 06 dias, apanhamos sem parar. Ali eles queriam saber do crime do Leandro. Puseram nós no castigo. Com um frio enorme, deixaram numa sela escura com três colchões e duas mantas. Nós era em três, davam ponta-pés, chutes. Batiam muito nos testículos, ameaçavam com choques, porque nós estávamos apavorados com os choques. Todos os dias ali, éramos coagidos. Trouxeram uma caixa grande e disseram que iam dar choques. Tinha um tal de Julio, ou Getulio, era um senhor forte. Ele dizia: " Na cara de bandido não bato, mas de vocês tenho vontade de trucidar." Ali também acabamos dizendo o que eles queriam. Diziam que era melhor falar. Isso lá no Ahú. Tudo isso era visto pelo promotor que tem um problema na mão, acho que Dr. Ciofe. Ele viu tudo. Ali no COT foram seis dias difíceis. apanhamos muito, nós três. Depois fomos levados pro Ahú, onde ficamos sabendo que ia haver uma acareação. Daí comecei a perguntar o que era isso. Um preso que estava lá me explicou o que era. Não era outra tortura como eu tinha pensado, de quebrar a cara. Lá dentro do Ahú a gente também apanhava muito. Tinha um guarda baixinho, que chegava e dizia: " Sessão das seis, sessão das nove, sessão do meio dia, sessão das três." Eram quatro sessão em que a gente apanhava por dia. De noite tiravam a gente da cama e faziam sessão de tortura. Eu fiquei todo machucado, até com o queixo. Quando cheguei na PCE fizeram exame. Deve ter tudo isso. Eu tinha um roxo, na barriga. Outro em cima das costelas. Meu pescoço estava todo roxo. Levou um tempão no pescoço, pra desaparecer. Minha coxa estava roxa e esquisita. Nas mãos, nos pés. O nariz sangrava muito, pelas tortura na cabeça.

Davi dos S. Soares.



Telefone, socos. Comecei a urinar sangue. Daí pararam de me bater. Eu acho que tudo era para que na acareação nós falasse tudo de novo. Eu acho que a razão toda era para nos continuar afirmando as mentiras. NO dia da acareação o Osvaldo teve uma discussão com o promotor Ciofe, porque não queria mais mentir. Daí levaram ele pra uma salinha e lá foi torturado. E diziam: "Vocês tem que acusar as mulheres." Bateram muito nele. Daí disseram que se nós não falasse o que eles mandavam, ia acontecer o mesmo que com Osvaldo. Lembro bem que quando fui fazer a acareação com a D. Celina, me levaram pro "chiqueirinho" e lá fui torturado. todas as acareações foram feitas a base de tortura. Agente gritava. pedia pelo amor de deus. pedia para não fazerem aquilo. Os presos que estavam lá, ouviam tudo. Ouviam nossos gritos. Quando iam buscar na cela - eu fiquei na 213, onde tinham mais seis presos - eles ouviam os guardas dizerem: "Sessão das seis, sessão das três." Os guardas tentavam jogar os presos contra a gente, mas no fim os presos estavam se revoltando contra eles. Daí, por aconselhamento deles nós deixamos de perguntar pros promotores porque eles não escutavam a verdade. Daí começamos a pedir para os delegados, até que veio um filho de Deus. Dr. Luís Carlos, que escutou a gente. ele disse: "Se vocês tem convicção que são inocentes, continuem lutando. Não esmoreçam com palavras, com chutes, com torturas. Falem a Verdade. eles não vão matar vocês. Desse ponto em diante, começamos a nos apoiar um no outro. Daí tive uma conversa com Osvaldo e De Paula, dizendo: "Vocês fizeram isso?" "Diseram: " Não fizemos. Você fez?" " Eu também não fiz." Daí conseguimos voltar a negar e contamos pro

Davi dos Santos Soares



doutor Luís Carlos que continuávamos apanhando. Ele disse que fazer uma investigação. A gente contou tudo pra ele. No caso do Leandro eles queriam que não acusassem D. Celina. Lá no ahú, tudo girava em torno do desaparecimento de Leandro. diziam que d. Celina tinha raptado o menino. Dali viemos pra PCE, onde terminou nosso calvário, porque nunca mais fomos torturados. A única coisa é que ficamos só na ala de segurança máxima. Oque acredito não ser necessário. Também é muito ruim não podermos fazer a barba e cortar os cabelos. Dizem que é ordem da juíza. Outra coisa que eu lembro é que lá no anú, fomos convidados a ir a igreja. Ela estava cheia de presos. Daí os guardas tiraram nós no meio e levaram para a galeria e nos bateram muito. No outro dia o Osvaldo voltou na igreja. tiraram ele e me pegaram também, eu que não fui na igreja. E daí apanhamos muito dos guardas. Sabe doutora, já vai fazer um ano que tudo começou. Que estamos pagando nem sei pelo que. Parece ainda que é tudo um sonho. As vezes penso que devia ter morrido e não falado oque eles mandavam, mas não agüentei. Acho que ninguém agüentava mesmo aquelas torturas que eles faziam. Acho que nós todos sofremos muito. Que os outros também foram torturados. eu ainda acredito que a Justiça vai chegar e vamos conseguir mostrar a nossa inocência.

Cur. 23/07/93... Davi dos Santos Soares.....

Correção: - Na pg. 1 - escreve-se que, onde diz:
 " fui raptado em casa da P.M.S."
 na ocasião não sabia que eram
 policiais, os homens não meavam
 ferida.

Davi dos Santos Soares



DEPOIMENTO

VICENTE DE PAULA

TORTURA NUNCA MAIS ?



PENITENCIÁRIA CENTRAL - 17/06/93 - CURITIBA-PR.
DEPOIMENTO PRESTADO POR VICENTE DE PAULA FERREIRA

A ISABEL KUGLER MENDES - advogada (OAB/PR-7631) -Presidente do Conselho Municipal da Cond. Feminina/Curitiba-(apanhado taquigráfico pela própria) - denuncia sobre TORTURAS.-
"CASO GUARATUBA"

- Seu nome? - Vicente de Paula Ferreira.
- Há quanto tempo encontra-se preso na ala de segurança máxima deste presídio? - Desde julho de 1992 - quase um ano.
- Por que? - Pela acusação de ter participado da morte do menino Evandro, em Guaratuba.
- Por favor faça um breve relato dos fatos ocorridos desde sua prisão, até a presente data.

RELATO:- Fui preso no dia 2 de julho do ano passado, na rua Mal. Floriano, em Curitiba, em frente ao quartel do exercito e da Lanchonete 24 Horas. Cheguei lá com o Fernando, filho do dono da boate em que eu trabalhava como garçon. Iamos abrir uma oficina de pintura, porque eu sou letrista. Eram mais de três horas da tarde quando chegaram 14 policiais em três carros. Estavam armados, mas não usavam farda. Eles tinham trazido a Nilza, uma moça da boate, para me encontrarem. Me algemaram e começaram a me dar cotoveladas e murros. Dali me levaram pro quartel da Polícia Militar. Lá estava o Capitão Xavier. Dentro do quartel, numa sala, me disseram que eram do Grupo: ÁGUIA e perguntar^{am} sobre o crime. Disseram que a Beatriz, o Davi, o Osvaldo, tinham sido presos e contado tudo e que era pra mim contar tudo. Disse que não sabia do que estavam falando. Daí que me contaram que era a morte do menino Evandro. Eu disse que não tinha nada pra contar, que eles estavam loucos. Dali saímos pra Polícia Florestal, onde abasteceram os carros e desceram pra praia, Até a altura do Guatupê foi tudo normal, mas ali me jogaram no fundo do carro e começaram a me dar ponta-pés e punham os pés por cima de mim. A Nilza estava



em outro carro. Perto do Guatupê me puseram um capus na cabeça. Dali eles pararam no Viaduto dos Padres. Estacionaram por trás, numa ruazinha secundária onde tem um riozinho com uma cachoeira. Me fizeram tirar a roupa. Amarraram meus braços pra trás com uma corda - nos pulsos e também os tornozelos. E aí começaram a dar afogamento. Enfiavam e tiravam a cabeça no riozinho. Daí começaram a dar choques. Eles amarraram uns fios nos dedos, nas orelhas e no penis. Era uma maquininha ligada no alternador do carro e daí eles davam partida nele e eram os choques. E, eu estava dentro da água. Era uma coisa horrível. Diziam que eu, a Beatriz, D. Celina, O Davi, o Osvaldo, o Sergio, o Bardeli, o Antonio Costa e o Antonio Maia tínhamos participado da morte da criança. Eles diziam que queriam só que eu confirmasse o que os outros já tinham falado. Eu dizia que nós não fizemos isso. Os choques e os afogamentos continuavam. Acho que foi uns 15 ou 20. Um chegou e disse que não dava pra continuar porque não tinha alavanca. Daí me desamarraram e mandaram me vestir e daí me amarraram de novo e atravessaram o asfalto. Me levaram pro parapeito do viaduto. Me colocaram de pé em cima do parapeito e disseram que se eu não falasse eles iam me jogar lá em baixo. Acho que tinha uns 200 metros. Daí seguraram na minha roupa. Dois deles. O Capitão Xavier dizia " não precisa soltar ele porque vai colaborar com a gente". - só o Capitão, de todos eles, é que estava fardado. Vi quando passou um caminhão e ele fez sinal pra passar rápido. Daí me pegaram, uns pelas pernas, outros pelo corpo e outro pela blusa e ameaçavam me lançar em voo. Eu ficava suspenso. Fiquei apavorado. Com medo que a roupa, era bem velha, de serviço, que ela rasgasse. Dali me levaram de novo pro carro e desceram até a estrada que entra pra Antonina. Pararam do lado, numa estrada que entra à direita. De chão. Os três carros ficaram ali parados, acho que uns 15 minutos, até que chegou um outro carro que trouxe um papel com o nome de Celina, Beatriz, Osvaldo, Davi, Sergio, Bardeli, Antonio Costa... Era pra eu falar que tinha colocado a criança no amassado do gelo. O Anis tem uma fabrica de gelo. Queriam que ...

3.-

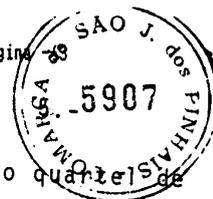


eu confirmasse o que eles tinham falado. O Capitão disse que era o depoimento da Beatriz e que eu estava sendo acusado. Disse que todos já tinham falado, que estavam preso e que aquilo era sō para eu confirmar, pra eles terem certeza. Dali continuaram uns 10 minutos pela estradinha de barro, atē um rio razo, cheio de pedras. Não, não tinha casa perto. Ali começou tudo de novo. Choques. Acho que ali ficamos mais de uma hora. Quem falava mais ali, era um magro, meio alto, moreno. Pelo que os outros tem contado eu acho que era o Dioginho (Diogenes Caetano). Foi o que chegou no último carro. Porque ele que falava tudo, que dava informações pro Capitão.. Era ele que dizia como é que era a criança. Como é que a criança tinha sido morta. Como é que estava o corpo. Não, eu não conheço o Dioginho. Mas conheço se ver aquele que falava enquanto me torturavam naquele lugar. Ali foi horrível. Se eu visse eles todos, conheço a maioria. Eles não se chamavam pelo nome, sō apelidos: Pato Donald, água, borracha. Tinha um japonês que chamavam de tenente e um outro de sargento. Ali eles passaram a colocar entre as pernas um cano. Amarravam as mãos em volta das pernas, com o cano de ferro no meio delas. Daí eles levantavam o corpo pelo cano. Punham uma ponta em galhos de árvore e a outra ponta eles seguravam. Daí eles tinham uma tabua - de mais ou menos 50 centímetros por uns 6 de largura e um dedo de grossura. Com ela eles batiam na sola dos pês e na bunda. Eu não podia gritar porque tinham posto um pano dentro da boca. Com um regador eles jogavam água que pegavam direto na boca e no nariz. A água saia com um gosto de gasolina, acho que o regador era pra gasolina. Teve uma hora que pegaram o cano e me levaram com ele pra dentro da água e enfiavam minha cabeça na água. A gente se torcia todo. Não aguentava mais, mais não tinha jeito. Eles tinham dito que quando quisesse que parasse pra mim colaborar, era pra bater palmas. Unir as mãos que estavam amarradas. Eles não queriam que eu falasse nada. Sō que concordasse com aquilo que eles leram. Eles leram que a Beatriz tinha falado que eu é que tinha mandado ela escolher a criança. Que eu tinha...

4.-



dito pra ela que a criança tinha de ser de olhos azues. Eu conhecia bem a Beatriz porque ela frequentava a casa do Osvaldo. D. Celina eu não conhecia. Sô vi ela duas vezes: uma vea quando fui preencher ficha do Partifo e outra pra pedir para expor na feira as coisas do Osvaldo. Dizia no papel que eu tinha cortado a criança. O pescoço dela. Eles disseram que não adiantava negar, que estava tudo confessado, Eu não podia responder. Quando eles perguntavam uma coisa - acho que no último rio ali eu não conseguia mais suportar. Quando me soltaram, eu não podia nem ficar em pe. Eles tiveram que me segurar. Dai eles queriam que eu falasse. Perguntavam como é que fazia pra se sacrificar um frango. Daí eles perguntavam "era assim que vocês cortavam o Evandro?" Ligavam e desligavam o gravador. Um daqueles que chegou por último no carro, falava de D. Celina sô como "a velha" e a Beatriz como a "putinha".. Um deles, daqueles que tinha chegado por último - sim eu conheço ele no meio de quem estiver - ele disse:"quando nos rangava ela a velha quase morreu de gritar". Um deles perguntou"na frente da velha" e ele respondeu "na frente da velha" Eu estava sem capuz. Esse era moreno. Meio baixo. Cabelos escuros. Acho que menos de 30 anos. Eu não esqueço da cara dele não. Ali eu concordei com eles. Disse tudo o que eles queriam. Ali começaram a ensair do jeito que queriam que eu falasse. Dali fomos para o quartel de Matinhos. Chegando lã me levaram falar com o Capitão Neves - sim, eu conheço bem ele - ele nunca se escondeu como alguns e todos chamvam ele de "Capitão Neves" - os outros sô quase por apelidos. Daí o Capitão Neves disse que não podia ter todos aqueles que mandavam eu dizer porque eram 9 e ele disse que sô eram 7. Tiraram então o nome do Maia e do Costa. Ali fui colocado na frente do Osvaldo e do Davi. Lã eles estavam torturando o Davi, dentro do quartel. Vi que ele também não aguentava mais de tanto choque que levava. Daí comecei a não querer mais concordar com eles. Quando eu não quis mais concordar, eles tiraram a maquininha do Davi e vieram colocar em mim. Eu estava deitado no chão, com as mãos algemadas nas costas. Daí começaram a tortura de choques - é assim: enrolam fios nos dedos, das mãos, dos pês, orelhas, penis, os fios saem de uma maquininha -



que eles apertam e saem os choques. Ali, naquela tortura no quartel de Matinhos, eu sei os policiais: o Silvester, um PM de bota de cano alto, moreno e tinha ali uns cinco policiais já fardados. Não eram os mesmos das outras torturas. Sim, eu reconheço quase todos eles. Ali estávamos todos sem venda. Acho que eram mais ou menos 11 horas da noite. Ali me levaram para dar um depoimento - uns 20 metros de onde estávamos, mas dentro do quartel da Polícia mesmo. Um pouco antes do depoimento, os dois capitães, o Neves e o Xavier, pegaram nós três e disseram "vamos ensaiar mais um pouco o que vocês tem que dizer". No depoimento comecei a falar o que eles queriam. Sim, os policiais que nos torturaram estavam juntos. Olhando e ameaçando com os olhos. Numa hora o Promotor disse "Tem uma coisa errada, a criança não foi morta por corte no pescoço". Daí eu disse "Não foi mesmo porque é tudo mentira, não matamos nenhuma criança" O Capitão Neves, na minha frente fazia sinal pra dizer que a criança tinha sido morta sufocada - com as mãos no pescoço dele mesmo, mostrava como era pra eu falr. O Capitão Neves forçava a dizer que eram culpadas D. Celina e a Beatriz. Que elas que mandaram matar a criança. Tinha um senhor, aquele que tinha estado nas torturas do segundo rio em diante - moreno de uns 30 anos, ele estava presente onde o Capitão foi ensaiar. Ele dizia: "Quero ver aquela velha usar a máquina de novo". Não, ali no depoimento não tinha nenhum advogado. São os policiais e os promotores, não sei se delegados. Mas advogado não tinha. Eles diziam que nós não tínhamos direito a advogado. Dali fomos pr. Dali fomos pra um outro quartinho. Onde estava o Davi. Veio dois senhores. Um com um gravador. Um fazia perguntas e o outro gravava. Ele perguntava: "como é que vocês matavam a galinha e eu dizia. Daí o outro dizia"era assim então que vocês matavam o menino. Ligavam e desligavam o gravador. Três vezes me deram um liquido pra beber: duas vezes no quartel de Matinhos e uma na Secretaria de Segurança antes da imprensa. De falar com ela. Era mais pra amarelado. Meio marrento. Parece que dava um negocio na cabeça. Um negocio meio esquisito. Parece que a gente ficava meio abobada. Eles falavam uma coisa e a gente repetia parece que sem pensar. Eu não sei como fomos falar tudo aquilo. Parece que a gente não tinha mais força pra não concordar. Até hoje fico pensando o que foi que eu disse mesmo. Não sei, não. Era tudo o que eu



Saimos do quartel de Matinhos e viemos pra Curitiba. Vim num carro o Davi e mais dois policiais e o Capitão Xavier. No Quartel de Curitiba mandaram assinar um papel em branco, que era pra dizer que tinhamos chegado bem. Ali a fome era grande. Não tinhamos tomado nem um cafezinho. Sô água durante as torturas. Lã na Polícia tivemos que ensaiar de novo. Diziam como era pra nôs falar. Ali no Quartel sô recebi soco no estomago dentro de um banheiro. Dali fomos pra Secretaria de Segurança. Tinha muita gente. Ali tomei o chã e sô levei uns socos. A gente não queria falar com a imprensa. Daí dissemos "porque elas, D. Celina e Beatriz, não tinham falado?" Daí eles disseram "você acreditam em conto de fadas? Vocês já assinaram um papel autorizando. Daí fizeram nôs assinar mais um papel. Não, nunca deixavam ler. Era sô pra assinar. Daí tivemos de repetir o que eles queriam. Eu nem sabia bem o que falava. Parecia que estava dopado. Estava bem abobado. Sim, quando deram o chã tinha bastante gente. Os guardas que nos levaram. Perto D. Celina e A Beatriz. E outros. Dali fomos levados pro Instituto Médico Legal. Lã não fomos examinados de verdade. Eu disse pro médico que estava todo machucado. Que estava com as pernas machucadas. Que estava com os dedos, as mãos e o, peito com queimaduras de cigarros. E, esqueci de lhe dizer, Doutora Isabel que, durante as torturas tinham uns policia que queimavam com cigarro. Veja, ainda dá pra ver alguns sinais das queimaduras (mostra alguns sinais escuros - um pouco mais que a pele, nos dedos das mãos). Daí o médico disse que aquilo tinha sido feito por nôs mesmo. Mostrei também os outros sinais das torturas. Ele disse que eu não tinha nada. Sô anotou que eu tinha um ferimento no peito. Era queimadura^s de cigarros e ali nos ombros também. Dali fomos pro Ahû. Lã começou tudo de novo. Eles queriam que eu falasse sobre a morte de outra criança. O Leandro. A gente estava amarrado, com as mãos pra trás. Eles chegavam com cigarro na unha. Aquilo doia horrivelmente. Isso fora das torturas. Não, fora das sessões de torturas. Porque, no Ahû, eles faziam sessões de torturas. Era sessão da uma, das 3, das seis... Lã eles batiam, davam ponta-pês, murros. Pegavam um pedaço de paû, o "chico doce" - é um pedaço de pau de uns 50 centímetros, meio grosso e davam com a ponta no estomago e no figado....



No Ahū tentei falar com o Promotor, Dr, Ciofi, que estava sendo deturpado e ele disse que se eu não acusasse D. Celina e a Beatriz, ia ficar pior, ia se tornar um inferno. Sim, o Promotor, Dr. Ciofi pediu pra mim acusar a D. Celina e a Beatriz, porque se eu não acusasse as coisas iam piorar. No depoimento, quando eu não acusei D. Celina e a Beatriz, ele me levou pra salinha do lado e disse "que brincadeira é essa" se eu estava enjoado de viver, se estava querendo perder a vida na cadeia. Disse "você não sabe o que eu posso fazer pra você morrer dentro da cadeia". Ia esquecendo, ali no Ahū veio um delegado, o Dr. Luiz Carlos, que foi o único que escutou a gente. Nós contamos tudo das torturas pra ele. Ele disse pra gente não ter medo porque matar nós eles não iam. Que era pra gente falar a verdade sô e não o que eles mandavam. O Dr, Luiz Carlos estava no caso do outro menino. Eles - o pessoal do Ahū- queriam que a gente dissesse que a D. Celina tinha sequestrado também o Leandro. Dalí fomos levados, depois de alguns dias pro Ahū, aqui pra Central. Aqui não apanhamos mais. Não fomos mais torturados. Sô a falta de sol e ficar confinados sozinhos. O chefe da guarda é uma pessoa muito boa e não temos mais medo de que as torturas voltem. Vai fazer um ano que estamos aqui. Isso, Doutora Isabel foi tudo o que passamos, acho que qualquer um que tivesse sofrido as torturas que nós passamos - acho que também os outros - não aguentava. Ia dizer tudo o que eles mandassem dizer.

Heide Celina Dominiski



DEPOIMENTO

AIRTON BARDELLI

TORTURA NUNCA MAIS ?

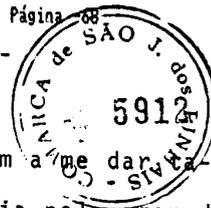
PRISÃO PROVISÓRIA DE CURITIBA(AHÜ) - 28/04/1993
DEPOIMENTO PRESTADO POR AIRTON BARDELLI DOS SANTOS
À ADVOGADA ISABEL KUBLER MENDES(OAB/P_-7631) PRESIDENTE DO CONSELHO
MUNICIPAL DA CONDIÇÃO FEMININA/CURITIBA(apanhado taquigráfico pela própria)
"CASO GUARATUBA" - DENUNCI SOBRE TORTURAS.



- Seu nome? - - Airton Bardelli dos Santos.
- Há quanto tempo encontra-se preso neste Presidio? - Já fez 9 meses.
- Faça um breve relato dos fatos ocorridos desde a sua prisão até esta data.

RELATO:-No dia da prisão de D. Celina e da Beatriz, na hora em que os PMs entraram dentro da casa armados, me pediram que eu retirasse as crianças e levasse elas para Curitiba. Levei as crianças da Beatriz e na volta me disseram que a PM estava me procurando.. Eu disse "estou aqui. Não devo nada". No dia seguinte encontrei o Joia, chefe da garagem da Prefeitura, Ele disse que estavam me procurando. Não me incomodei porque não devia. Estava dormindo na casa do Sr. Aldo, a seu pedido, em companhia de Bruno, quando minha esposa avisou que os PMs estavam me procurando. Eram cinco policiais num carro e me levaram pro Quartel. Eu estava com a caminhote do Sr. Aldo e eles levaram ela. No Quartel um senhor, acho que o Delegado, disse pra mim falar o que eu sabia. Eu disse que não sabia de nada. Daí me levaram para o banheiro do Quartel. No banheiro me mandaram tirar a roupa. Tinha um pano no chão. me enrolaram nele e me empurraram pra debaixo do chuveiro. Abriram o chuveiro. Fiquei com a cabeça debaixo da água, deitado. Aí começaram, com um pano molhado, a bater no meu rosto e ombro. Eu não podia respirar. Pedia pelo amor de Deus que parassem. Gritava. Eles faziam perguntas, diziam "conte o que você sabe". Eu dizia que não sabia de nada. Que não devia nada. Diziam que iam me levar e soltar no meio do povo. Que era pra eu contar tudo. Eu não sabia nada. Não sei bem quantos policiais que me torturavam. Acho que uns 5 ou 6, que estavam ali. Não sei quanto tempo me torturaram ali. Daí mandaram me vestir e me levaram para o Quartel de Matinhos.

[Handwritten signatures]



Chegando em Matinhos me puzeram num quarto e começaram a me dar chutes nas costas nos ouvidos. Com as mãos abertas. Eu gritava e pedia pelo amor de Deus. Dizia que não sabia de nada. - Não lembro bem se eram os mesmos policiais. Sei que alguns eram os mesmos que haviam me torturado em Guaratuba. - Acho que sô consigo identificar uns dois, os outros não. Daí trouxeram o De Paula que falou que a casa tinha caído, que era pra mim falar tudo. Eu disse "você está brincando. Eu não sei de nada. Não participei de nada. De crime nenhum." Daí o De Paula disse que eu tinha pago sete milhões. A metade em dinheiro e a outra metade em cheques da firma. Eu disse que há mais de dois anos a firma, e nem eu, temos mais cheques, porque não temos conta no banco. A única coisa que faço é retirada no banco, mas sem cheque. Tiraram o De Paula e começaram a me dar chutes entre as pernas, nas virilhas. Tentavam, com os chutes, atingir os meus órgãos sexuais. No peito também. Fiquei com a virilha e o peito roxos por muito tempo. (Pergunta:- No Médico Legal não registraram essas marcas da tortura?) Não. O Médico Legal não registrou porque nunca fui examinado por nenhum médico. Nem advogado tinha. Sô tive advogado quando vim pra Curitiba. Mas nunca fui examinado por médico. As marcas foram desaparecendo depois de muito tempo. Depois de muitos dias preso e de ter sofrido tudo que é tortura, foi que tive advogado. Daí, no quartel em Matinhos, me levaram pra almoçar junto com o Cristofolini. Que também estava lá. Mandaram me sentar numa mesa, eu estava com fome e, quando ia me servir vieram uns policiais e me arrancaram. Me levaram pra um quarto. Daí já estava com um capuz - tipo saco de estopa. E ali passaram a me dar afogamento e choques no chão molhado. Eu estava sem roupa. Eram vários os torturadores. Nem sei quantos. Também não sei quanto tempo me torturaram. Daí saíram e mandaram que eu facesse ali quieto. Eu gritava sim. Um soldado que ficou me mandou vestir a roupa e depois deu almo pra mim. O Cristofolini estava perto. Viu como eu estava. Depois fiquei sem ser torturado o resto da tarde. A noite um rapaz da P2, a paisano, entrou e perguntou se eu e o Cristofoline estava sem ficha na Polícia. Disse que nunca tinha tido. Então ele disse que iam levantar a ficha e se não tivesse nada iam liberar nós. Depois veio ...

De Paula



...o pessoal de Curitiba conversar. Queriam saber o que e que nós depoimento
biamos. Eu não sabia de nada. Daí fomos levados para dar depoimento
na Delegacia de Matinhos. Estava presente o Dr. Silvio Bononi. No de
poimento eu disse que não sabia de nada. Que não participei de nada.
Que nunca vi nada. Daí chegaram meus familiares. Conversei com eles.
Um Capitão da PM disse a eles que iam me tratar bem e também do Cris-
tofolini. No sabado de manha fiquei sem tortura. Sô faziam ameaças
flando. À tarde me encapuzaram e me levaram de novo pra um lugar in-
certo. Eu sentia que estava num lugar, tipo de uma casa abandonada.
Ou quarto abandonado. Era tudo silêncio. Ali me fizeram sentar em
cima de uma mesa, de barriga pra baixo e com a cabeça próxima de um
tipo de tambor cheio de água. Acho que era um tambor. Me puxavam pe-
la cabeça e enfiavam ela dentro da água. Isso várias vezes seguidas.
Eu pedia pelo amor de Deus. Gritava muito porque não aguentava mais.
Pedia que parassem. Dizia que não sabia de nada. Que era inocente de
tudo. Eles eram vários. Diziam que não adiantava eu gritar e pedir
pelo amor de Deus. Que ninguém escutava. Que eu tinha era que confes-
sar tudo. Dizia que era inocente e não sabia de nada. Nem de D. Celi-
na e da Beatris. Me perguntavam pelo corpo do menino. Eu estava alge
mado. Fiquei quase sempre algemado. E algemando eles me puseram inte
iro, de cabeça pra baixo, dentro do tambor de água. Não sei como não
morri. Não sei como aguardei. Sempre que paravam com as torturas, os
policiais diziam "você não vai contar pra ninguém, senão será pior pa
ra você". Eu gritava muito. Pedia pelo amor de Deus. Eu nunca apanhei.
Nunca briguei com ninguém. Nunca levei um tapa de meus pais...(choro).
Bem, daí me levaram de volta para o quartel de Matinhos e proibiram
que eu falasse com a minha família. Me mandaram tomar um banho. Voltei
pra onde estava o Cristofoline. No domingo não fui torturado. Na 2a.-
feira, à noite, chegou o Dr. Noronha que disse: "Bardelli, sei que vo-
cê é inocente, que não participou de nada, mas se você sabe de alguma
coisa conte. Dê o nome de outras pessoas que participaram da morte do
menino. Fale com quem D. Celina e Beatris andavam". Disse que não sa-
bia de nada. Porque não sabia mesmo. Nunca vi nada. Ele disse que no
...

[Handwritten signature]

[Handwritten mark]



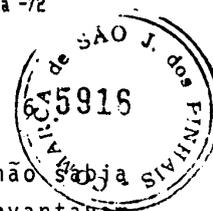
...outro dia nós iam pra Curitiba e que o negocio era daí com ele. Que se quisessemos ajudar, estaríamos ajudando a nós mesmos. Porque se não seria pior para nós. O Cristofolini estava junto. Nessa mesma noite me encapuzaram de novo e me tararam dali. Fui colocado no porta-malas de um automóvel Gol e fui levado para Guaratuba. Porque atravessaram o ferri-bot. Eu fiquei no porta-malas e escutava conversas de vários PMs. Diziam que iam me levar pra casa do comandante. Dali me levaram pra uma casa muito grande. Parecia uma mansão. Tinha cachorros grandes. Porque eu escutava latidos de cachorros de raça. Tinha um portão muito grande. Eu ouvia o barulho do mar e a casa era na saída de Guaratuba, porque contei as lombadas. Tive a impressão de que era a casa do Stroisner, onde eu havia estado apenas uma vez. Mas não tenho certeza porque todo esse tempo eu estava encapuzado. Me guiaram até um quarto - tipo quarto de empregada. Tinha banheiro. Foi ali que conheci a "pendura". O que é isso (Pergunta_Descreva por favor o tipo de tortura.) - "Eles botam as mãos da gente pra frente e enrolam panos. Daí põem - enrolam também - uma borracha - tipo câmara de carro. Daí amarram os braços juntos. Na altura dos pulsos. Fazem o mesmo com as pernas: enrolam panos e borrachas. Daí colocam os braços amarrados entre as pernas. Daí passam um ferro por entre as pernas amarradas. E daí penduram." Acredito que eles me penduraram em cadeiras. É, acho que colocaram duas cadeiras onde firmaram o ferro e penduraram de cabeça para baixo e a bunda pra cima. E começaram a fazer perguntas. Queriam saber onde é que tinha enterrado as partes do corpo da criança. Daí faziam afogamentos com um pano molhado, porque eu dizia que não sabia de nada. Faziam afogamento e davam choques. (Pergunta:- Como eram dados os choques?) "Amarravam os dedos das mãos e dos pés com fios finos e acho que com uma maquina davam os choques. Com o corpo molhado." - Eles queriam saber quem andava com a Beatria e com D- Celina. Eu contei todas as pessoas que eu sabia que andavam com elas. Queriam saber se eu participava também do terreiro. Disse que nunca fui a um terreiro. Tinha um policial que dizia "- ele não sabe de nada, chega". E outro dizia...

Handwritten signature or initials.



"ele vai contar". Eu gritava. Pedia pelo amor de Deus. E ele dizia "não adianta, vai ter que contar tudo". Eu não sabia nada... não sei quanto tempo durou essa tortura...(choro). Devo ter ficado das 10,00 horas até de madrugada. Quando fui levado de volta pro quarto eram mais de três horas. O Cristofolini lembra. Ele estava no quarto. No quartel. Me mandaram tomar um bano e não falar pra ninguém, se não ia ser pior. As coisas iam piorar, diziam. Nesse dia, pela conversa, eram só três policiais que me torturaram. Não me lembro dos nomes que se chamavam entre eles. Não vi nenhum porque estava encapuzado. No dia seguinte fomos levados pra Delegacia de Matinhos e dali saímos pra Curitiba. Eu e o Cristofoline. Em Curitiba fomos levados para a Delegacia de Explosivos. Fomos colocados num cubículo. Uns policiais vieram com um papel e disseram se nós autorizávamos a falar com a imprensa. Eu assinei o papel, mas não li. As torturas ali eram só de ameaças se falasse sobre as torturas. Com a imprensa disse que não sabia de nada. Que era inocente. (Pergunta:- Por que não denunciou as torturas?) Porque tinha medo dos policiais. Eles ficaram junto, grudados, o tempo todo. Os policiais civis não deixavam falar sobre as torturas.(Pergunta:- Como sabia que eram policiais civis estes?) Porque usavam um colete da Polícia Civil. Eles ficaram o tempo todo junto comigo e com o Cristofoline. Não podia falar sobre as torturas e eu não aguentava mais ... não tinha mais forças para continuar apanhando. Durante toda a entrevista o Delegado Noronha ficou no meio de nós. Entre eu e o Cristofolini. Não dava nem pra pensar em falar de torturas. Dali fomos levados de volta para os cubículos. Ali ficamos mais sete dias. Três dias ficamos os dois juntos. Depois, no quarto dia nos separaram. A minha alimentação era a levada por minha família. Ali, depois de alguns dias - não lembro bem - me levaram de volta pra tortura. Saí encapuzado e fui levado pra um lugar longe. Pra chegar era uma estrada sem calçamento. De terra. Não havia nenhum barulho. Nem de inseto. Era um silêncio enorme. E ali as torturas recomeçaram. Parece que era um lugar já preparado. Tudo pronto pra torturar. Era "pendura", choques. Eu gritava muito. Implorava pelo amor de Deus...

*Alente
Kasimo*



... não aguentava mais... dizia que era inocente... que não sabia de nada... era choque em vários lugares - afogamento. Levantavam e desciam o corpo afundando a cabeça na água... Acho que fiquei ali na tortura mais de uma hora. Não dá pra saber porque se perde a noção de tudo. A dor é tão grande... o desespero... não dá pra saber... (choro). Dali fui trazido de volta pra Delegacia de Explosivos. No sábado me trouxeram para o Ahú. Foi feita a acareação com o Osvaldo e o De Paula e Davi. Não teve tortura. Os policiais que trouxeram de volta perguntaram "você tem cinta? Se tem é melhor se enforçar, porque depois que te pegarem amanhã, você vai preferir estar morto". Mas, ficamos uns seis dias fechados sem sofrer tortura. Dali foram levados para Matinhos, mas não sofreu tortura. A noite foram trazidos pelo Delegado ao COTE. Neste não houve tortura. No sábado de manhã o Delegado Luiz Carlos de Oliveira esteve ali e conversou sobre o caso Leandro. Aí já tinha advogado. Na 2a.-feira saíram fazer ficha e 3a.-feira voltaram para o Ahú. Nunca mais tive tortura física, mas não sei como tenho conseguido aguentar esses nove meses. Sou inocente. Todos se põem no lugar da criança que desapareceu. E no lugar de minha filha, que é uma criança? E de minha esposa? E no lugar de minha mãe que está doente? Que está sofrendo. E no de minha família? E no meu lugar? Eu estou inocente. Não pratiquei nenhum crime. Não sei de criança nenhuma. Não sei de nada. Nunca vi nada do que falam na imprensa. Não existe nada contra mim. Por que estou preso se sou inocente. Não aguento mais tanta injustiça...

*Alcides
Mariano*

Alcides



DEPOIMENTO

SERGIO CRISTOFOLINI

TORTURA NUNCA MAIS ?

PRISÃO PROVISÓRIA DE CURITIBA (Ahū) - 28/04/93

DEPOIMENTO PRESTADO POR FRANCISCO SERGIO CRISTOFOLINI

À ISABEL KUGLER MENDES - Advogada - Presidente do Conselho Municipal da Condição Feminina_Curitiba(apanhamento taquigráfico pela mesma) sobre TORTURAS



ADV. ISABEL KUGLER MENDES - Seu nome?

R.- FRANCISCO SERGIO CRISTOFOLINI

- Há quanto tempo encontra-se preso aqui na Penitenciária do Ahū?

R.- Há quase dez meses.

- O Senhor Escutou o depoimento de Airton Bardelli sobre as torturas que o mesmo sofreu. Ele citou sua pessoa como testemunha das torturas. O Senhor confirma?

R.-Sim. Eu estive com ele desde que ficamos presos em Matinhos.

No dia em que ele foi arrancado da mesa do almoço e depois voltou estourado. E depois em todas as vezes que foi levado e torturado. Eu não assistia as torturas, mas via ele chegar todo arreventado. Via o desespero dele e acho que ele não fez uma besteira(tirar a vida), porque a gente conversava bastante e eu animava ele. Aqui também, a revolta dele é grande e eu é que seguro ele pra não fazer besteira. Ele está que não aguenta mais. Não foi facil suportar todas as torturas que sofreu. Eu que só sofri uma não aguentei.

- O Senhor pode fazer um relato dos fatos ocorridos, desde o momento de sua prisão, até hoje, incluindo o tratamento recebido das autoridades policiais?

R.- No dia 3 de julho, do ano passado, às 10,30 horas, chegaram três homens na porta do bar do meu sogro perguntando por Francisco Sergio Cristofolini. E eu me apresentei e eles pediram que eu os acompanhasse para prestar um depoimento. Entrei num carro Scort branco com os três homens. Daí eles perguntaram onde era a casa do Osvaldo. O centro. Levei eles até lá. Queriam entrar, mas a chave estava com a esposa dele, a Andrea. Fomos buscar a chave e voltamos ao centro. Eles deram uma geral completa na casa. Disseram que tudo confirmava com o que o Osvaldo tinha falado.



Sairam dali satisfeitos. Dali me levaram a Matinhos, ao Quartel da Polícia Militar. Perguntaram o que eu sabia da vida do Osvaldo. Do dia a dia do Osvaldo e dos companheiros dele. Disse o que sabia. Fui bem tratado por todos. Ali encontrei o Bardelli, que estava algemado. Eu estava sem algemas. Diziam que eu não estava preso. Daí chegou um PM2 e disse: "Você aí, lembro que há uns 8 anos atrás você me bateu". Eu disse que não lembrava. Então ele me deu um "telefone". (Tapa nos ouvidos com as mãos abertas) - Descreva por favor. - R. - Eu estava sentado, o soldado, em pé abria os braços e vinha, com as mãos abertas, com toda a força, bater na cabeça.

- Pode continuar o relato.

R. - Dali fomos - o Bardelli junto, levados para o almoço. Quando iam nos servir, tiraram o Bardelli. Eu continuei e almocei. Fiquei conversando com os militares. Eles pediram que eu ficasse aguardando até a chegada do Delegado Noronha. Ele chegou no final da noite. Eu estava nun quartinho. Me tiraram dali para prestar depoimento. O Dr. Noronha disse que era para eu ajudar ele que logo iamos embora. Primeiro o Bardelli prestou depoimento. Sim, ele tinha sido trazido de volta todo arreventado pelas torturas sofridas. Depois fui eu que prestei depoimento. Estava ali um senhor gordo, grisalho, que era o Promotor. No depoimento estava o Dr. Noronha, mais dois policiais civis e o Promotor. Começaram a perguntar. Diziam pra eu não ser burro, que contasse tudo porque ia ser melhor, se não ia sofrer bastante. Diziam " não vai aguentar o que vai sofrer". Respondi o que podia e neguei tudo o que eles queriam que eu dissesse. Que eu dissesse que tinha participado do crime contra o menino. Dizia que nunca vi nada. Que não sabia de crime nenhum. Queriam que eu envolvesse o Osvaldo, D. Celine, Beatriz. Eu não sabia de nada mesmo. Até ali eles não fizeram tortura física, só psicológica. Ficavam me ameaçando. O que ia acontecer se eu não ajudasse. Nessa ocasião o Bardelli já tinha sofrido duas sessões de tortura. Eu vi ele voltar de seis (6) sessões de tortura. Vinha todo estourado. Não sei como ele aguentou. E os guardas diziam: "Teu companheiro vai apanhar porque abriu a boca pra família dele".

3.-



Quando acabou o depoimento, disseram que estavam insatisfeitos. Que não era aquilo que eles queriam. Daí me deram o depoimento pra ler e reclamaram que demorei pra ler. Assinei depois de ler. Daí começaram a me chamar de burro. Diziam : "Você vai se arrepender porque não está ajudando". Dali levaram de volta pra salinha. Um policial da PM2 perguntou se tinha antecedentes. Eu disse que não. Ele disse: "Fiquem calmos, se vocês não têm antecedentes, vão ser liberados". Dali fomos levados para o alojamento do quartel da Polícia Militar, em Matinhos. No dia seguinte começamos a dar uma entrevista à revista "Veja", quando chegou o Capitão Neves e disse que, por ordem da Juíza nós estávamos em confinamento, sob suspeita do crime para averiguações. Não podíamos falar com ninguém. Dali para frente os policiais apenas conversavam. Eu sofria com as torturas do companheiro Bardelli. Comigo, todos os Promotores, o Capitão Neves, o Dr. Noronha, diziam : "Este entrou de laranja. Ele é inocente." Diziam pra não me preocupar com advogados. Porque eu não ia precisar de advogado. Que não era pra eu esquentar a cabeça "porque você não deve nada", diziam. Eles pediam pra enumerar as pessoas que frequentavam o centro do Osvaldo. As pessoas que tinham carro. Sobre o envolvimento que essas pessoas tinham com o Osvaldo. Mas era bem tratado. Até o dia que chegou a Polícia Civil. Daí fui algemado, colocado numa viatura e levado pra Delegacia de Matinhos. Na saída o Delegado disse que tinha certeza de que eu era inocente. Tinha algumas dúvidas com o Bardelli, mas que, dali para frente não sabia o que ia acontecer . Pediu pra um Padre abençoar. Abriram o camburão que nos trouxe depois para Curitiba. Uma parati da Polícia Civil. Em Curitiba fomos levados para a Delegacia de Explosivos. Quando chegamos existia uma multidão. Pararam a viatura na esquina, uns 100 metros da porta da Delegacia. Estávamos junto com o Delegado João Carlos, de Matinhos. O mesmo nos mandou correr no meio do povo. Foi uma coisa terrível. Câmaras fotográficas. Microfones gritando " vocês mataram o Evandro". Digo pra Senhora, tive muito medo de ser morto pela multidão.

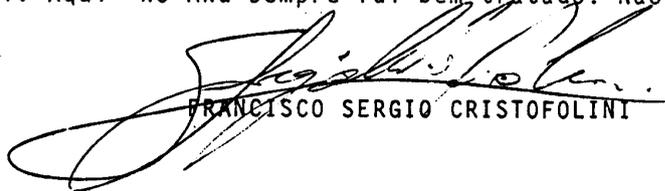


Daí foi como o Bardelli contou. Comigo eram só torturas físicas, até o dia 10 de julho, quando então fui torturado. Por volta de sete horas da noite fui retirado da Delegacia, fui encapuzado, algemado e fui colocado num carro, no banco trazeiro, com mais três homens. Fiquei de cabeça abaixada e daí me pisaram na cabeça pra ficar no fundo do carro. Rodamos uns 20 minutos no asfalto, depois entramos numa estrada de chão batido. Entramos numa casa e fui levado a uma sala que, acho, já era preparada pra tortura, com "pau de arara" e tudo mais. Porque não era uma sala improvisada, como o Bardelli contou. Estava tudo pronto. Havia um cheiro de bolor. Tudo muito quieto. Daí tiraram as algemas. Mandaram tirar a roupa. Colocaram panos e borrachas nos pulsos e nas pernas. Amarraram as mãos, puseram elas entre as pernas amarradas e penduraram. Baixavam e levantavam facilmente. Vi que ali não era nada improvisado. Daí começaram as perguntas. Até aquele momento eu não tinha apanhado. Eles não perguntavam do Evandro e sim do Leandro. Queriam saber quem andava na garupa da minha moto. Pediram todos os nomes. Queriam saber quais as crianças que haviam andado na garupa da minha moto. E o Leandro. O Leandro. Daí começaram as torturas. Acho que fiquei umas três horas e meia, a quatro horas. Davam pauladas nas solas dos pés. Fiquei depois muito tempo sem sentir os pés. Amorteceu tudo. Davam choques nos dedos dos pés e das mãos. Amarravam fios nos testículos e davam choques. Lembrei que era como fizeram com o Bardelli. Mas o mais terrível era o afogamento. Ficava pendurado com o cano no meio das pernas. Próximo tinha uma coisa cheia de água e o meu corpo era levantado e baixado com a cabeça dentro da água. Uma coisa terrível. Pensava que ia morrer. Daí levantavam e perguntavam: "Conta quem era a criança que você raptou. Que criança você sequestrou. Eu gritava. Pedia pelo amor de Deus. Berrava. Dizia que era inocente. Que não sabia de nada. Era pior que a morte de um pouco. Acho que era um lugar mesmo deserto. Porque não havia nenhum barulho. Nem de insetos. Um lugar esquisito

5.-



de tão silencioso. Eles fizeram mais ou menos cinco sessões de tortura. Paravam, descansavam e recomeçavam. Teve uma delas que, depois de esguerem a cabeça do tambor de água, levantaram o capuz e puseram uma mangueira na minha boca. Quando enfiaram ela, a "ponte" saiu e foi pra garganta. Senti que ia morrer. Não podia gritar. As mãos estavam amarradas. O corpo dobrado. A "ponte" me afogando. Eu ia morrer. Daí comecei a virar a cabeça. Eles viram que tinha uma coisa errada. Tiraram a mangueira de água, sem abrir a água. Subiram o capuz e um deles colocou a mão na minha garganta e retirou a ponte. Nesse momento pude ver bem um dos torturadores. Esse eu reconheço. A ponte ficou no local da tortura. Não sei o que fizeram com ela, mas ela é prova das torturas que me fizeram. Não sei como não morri. Como amentei tanto sofrimento. Fui levado de volta. Vi então levarem o Bardelli, Foram os mesmos. Vi quando colocaram o mesmo capuz molhado que haviam tirado de minha cabeça, nele. Essa foi a única tortura que sofri. Aqui no Ahū sempre fui bem tratado. Não tenho queixa nenhuma.



FRANCISCO SERGIO CRISTOFOLINI



DEPOIMENTO

OSVALDO MARCINEIRO

TORTURA NUNCA MAIS ?

OSVALDO MARCINERO - PENITENCIÁRIA CENTRAL - 19/02/93
CURITIBA-PR

DEPOIMENTO PRESTADO A ISABEL KUGLER MENDES- Pres./C.M.C.

OAB/PR-7631 - DENUNCIAS SOBRE TORTURAS- "CASO GUARATUBA"



"Eu estava no aniversário..., com minha esposa, quando chegaram dois homens me pedindo para jogar búsios. Eu disse que depois das seis horas não é mais possível porque...eles pediram que eu os acompanhasse até o portão. Fui e eles me disseram que eu estava preso. Perguntei por que. Chamei o EDSON e avisei, Pedi que chamassem minha esposa. Me algemaram e fui jogado na parte de trás de um carro. Eram três pessoas. Logo que o carro arrancou puseram um capuz em minha cabeça e me fizeram deitar no fundo do carro. Encostaram um revólver em minha cabeça... não conseguia respirar... disse "tenho bronquite, não posso respirar". Me disseram "você veio aqui pra morrer... vai morrer mesmo". O carro seguiu por rua de asfalto por uns 20 minutos. Depois entrou por uma de terra. Uns 7 minutos.

Chegamos num local que depois soube que era uma chacara. Me tiraram do carro. Subi dois degraus. Lá já tinha mais pessoas. Depois chegaram outras. Me davam pancadas nas costas. Quando eu pergunto o que fiz diziam "cala boca senão morre". Me puseram num quarto. Começaram a falar "abra o jogo. A casa caiu. Somos policiais matadores. Ou você confessa ou vou te matar. Eu não sabia o que estava acontecendo. Eles diziam "você sabeo que é. Conta" - O que você faz? - Jogo busios - Você fas sacrifícios?... sim, de animais. ... conte como é que você faz sacrifícios com galinha... você sabe quem é Celina Abage e Beatriz... sim, a mulher e a filha do Prefeito...- Beatriz, tua amante...- Não, eu tenho esposa, a Andrea...- Não, a Beatriz é tua amante...Não, não é... sô conheço. - Eles queriam que eu dissesse que a Beatriz era minha amante.

o que você sabe das duas?...Sô sei que uma é esposa e outra filha do Prefeito...- Qual é o terreiro delas?...- Não conheço nenhum... - Ele não quer confessar por bem... tirem a roupa dele ...Dai amarraram minhas mãos para trás...: puseram fios enrolados

e começaram a dar choques, perguntando:- O que você sabe de Celina e Beatriz Abage.. conte... não adianta... a casa já caiu. as duas confessaram tudo... já assinaram uma declaração

Daí acenderam a luz e levantaram o capuz e mandaram ler... so
consegui ler "Declaro que eu, Celina Abage e Beatriz Abage participamos de um ritual...

- As duas já estão presas...já confessaram tudo e entregaram você e ou outros... Davam choque e também telefone(mostra com as mãos)...Tinha um que falava manso. - Então como é mesmo o sacrifício da galinha... como é que vocês pegavam... nas pernas.. cortavam o pescoço... sangue no alquidar... Eu contava e dizia: as asas... eles diziam, "asa não, as mãos ... vamos dizer que a galinha tinha mãos. fala mão e não asa... Tinha um.. acho que mais, vários gravadores que ligavam e desligavam... e continuavam dando choques e telefones. .. comecei a escutar gritos... gritos de dor.. de desespero...

DAVI - eu também escutava os gritos...

- Seu cupincha ja entregou... acabou de confessar tudo... estava mos falando de galinhas, agora vamos falar daquelas crianças que vocês mataram... nós fomos contratados pela família da criança para matar vocês...

Choques e choques.. eu dizia- não sei de nada... não sei o que vocês estão falando... não matei criança...

Me tiraram da casa, puseram no porta-malas... levaram pro matp.. me jogaram no chão , enconstaram o revolver na cabeça "- você está mentindo, não quer mostrar o lugar onde mataram o menino"

... começaram a fazer "roleta russa"... mostre o lugar... me levaram num correjo ... pisavam em minha cabeça dentro da água..

- Voltaram pra casa... a chacara.. pedi água e me levaram pro banheiro, enfiaram a minha cabeça no vaso sanitário e puchavam a descarga...- tome a água que você quer... merece. .. enfiavam seguidas vezes a cabeça no vaso... - O que você sabe de Celina e Beatriz Abage... conte... as duas já confessaram...(forçavam - mesmo a acusar as duas mulheres, não se importando muito com o que ele dizia sobre sua pessoa, mas sim com as duas).



(Outro tipo de tortura)- Enfiaram um pau, ou cano, no meio das pernas, prendendo o penis(tem a marca até hoje)... aí não aguentei mais... os braços eram puxados para trás e o corpo ficava dobrado... não aguentei mais e passei a dizer" foi sim, foram elas que mandaram... queriam que eu lesse um papel... não conseguia... Queriam que eu falasse que que tinha feito o trabalho na fábrica do Prefeito com a Celina e Beatriz Abage... queriam que eu declarasse que eu e a Celina realizamos um sacrifício com uma criança.. disse que não ... que não fizemos nada... que eu quase nem conhecia Celina...

(OUTRA TORTURA) - Enfiaram uma mangueira na boca e abriram a torneira... não tinha quase água... com um pano enrolado nas mãos. ensopado, batiam... no estomago... batiam e diziam:" Eu declaro que eu e Celina Abage realizamos um sacrifício... repita... o gravador ligava e desligava....Depois do pano... não aguentava mais... me diziam - "Diga- quem foi buscar a criança foi o D.Paula e o Davi...

Disseram - "Vamos dar um passeio". Puseram no porta-malas do carro Chegaram numa casa. Havia vozes de homens e mulher. Me disseram: - Você não vai abrir a boca pra nada, se não quer mais apanhar. A mulher perguntou : "Estã tudo escrito aí". O mesmo policial que comandava as torturas(pela voz) ia ditando alguma coisa que batiam à máquina e também sentia que uma mulher copiava porque ela e perguntava "aqui o que é..."Me mandaram assinar um papel... não podia ler nada... sô levantaram um pedaço do capuz...(negou-se a assinar, foi levado a um quarto e as torturas recomeçaram...) Deram um chá com gosto de caqui verde... começou a latejar a cabeça e dar sono... Havia vozes de duas mulheres. Uma disse" Não vou mais ficar aqui. Não aguento mais"...

(OUTRA TORTURA) - Cabeça enrolada num pano molhado - não podia respirar. Assinou o papel sem poder ler nada. Foi levado de volta para chácara. Tinha fome. Sede. Pediu água. Enfiaram sua cabeça no vaso da privada, puxando a descarga muitas vezes.



Ficou muito tempo preso na parede. Braços levantados. Já no outro dia. Tiraram o capuz e levaram-no a outro quarto onde havia uma mulher com uma camiseta amarrada na cabeça (levantada sem tirar do copo)... - baixaram a camiseta e reconheceu D. Celina Abage. Disseram "confirme: é... Celina Abage.. diga... foi Celina..."

_____ Levaram num outro quarto onde estava Beatriz. Estava nua e tinha fios, saindo de uma maquininha, amarrados nas pontas dos seis. Um guarda disse- ela se mijou toda... disseram:- Isto foi tudo uma brincadeira, agora vocês vão embora, mas você vai dizer antes:- "A casa caiu Beatriz..." eu disse tudo o que eles queriam. Por muito tempo escutei os gritos das duas. D. Celina dizia"... minha filha não... pelo amor de Deus... minha filha não... Jesus acuda... Beatriz gritava, parava... Ouvia gritos horríveis..."

_____ Depois os guardas amarraram um pano molhado que fechava os ouvidos... ouvia os gritos abafados..."não fiz... é mentira. É mentira..."

_____ Voltaram e disseram" ... elas já contaram tudo. Vocês mataram as crianças... ligavam e desligavam o gravador... continuavam dando choques... batendo... telefone..."

_____ (Foi colocado no porta-malas de um carro e levado para uma casa. Havia um portão grande. O carro entrou direto na garagem. Uma porta muito ^{grande} bonita. Tiraram o capuz e viu-se numa sala diante de um homem de cabelos avermelhados. Pela voz reconheceu que era o mesmo que comandava as torturas. As pessoas eram chamadas de :Peixe, tubarão, coelho. Mas, em dado momento alguém chamou "Capitão Neves. Este mostrou-lhe várias fotografias do corpo mutilado e, apontando para o peito diziam "Aqui foi feito um corte assim. Repita e mostre no teu corpo. O mesmo negou-se. As torturas recomeçaram num quarto onde havia camar em pês encostadas nas paredes. Ouvia o barulho do mar. Levado de volta à sala e perante a mesma pessoa, foi obrigado a mostrar, no seu corpo " cortamos aqui... assim" Tiravam fotos e achava que filmavam. Entrou uma pessoa, "bem gordinha e de jaqueta preta" que chamavam de "Silvestre". O Capitão Neves o obrigava a repetir...



(O Davi estava na mesma casa. Descreveram os quartos, banheiro em um deles (desenho) colocaram as pedras de um colar - pedras pequenas e azuis - colar encontrado em casas de umbanda-comum- as pedras foram colocadas em dois locais . Na sala, próximo de uma mesa/ estante do telefone, escreviam números na parede e apagavam com a mão, mas não conseguiam. O responsável pela casa era um gringo "falava enrolado". Naquele local foi obrigado a mostrar, com gestos, como se sacrificavam animais e como eram os cortes feitos no corpo da fotografia. Foram levados depois para a fábrica do Prefeito Aldo Abage. Tudo isto foi filmado sem aparecer os torturadores. DAVI - Viu, em cima da mesa, perto do telefone, um óculos . Depois, na audiência viu a Juiza Anesia com o mesmo óculos e a voz da mesma era igual a da mulher que estava na casa de Guaratuba (já descrita.) OSVALDO MARCINERO continua em seu relato: " Na serraria perguntaram se conhecia a casinha e diziam "mostre onde puseram os pedaços da criança". Como nada falasse ou confirmasse, levou-me para uma casinha, tipo meia água e as torturas recomeçaram, socos no estomago, órgãos genitais... e diziam "você mataram a criança... na serraria tinham pessoas filmando e me obrigaram a falar. Perguntavam "foi aqui que você colocaram os pedaços da criança"... aberta a casinha só encontraram uma vela branca e uns fios de cobre. Ficaram muito brabos e entregando picareta me faziam cavar em frente da casinha. Diziam "então não tem na casinha, você enterrou em baixo. Está em baixo". Chamaram um menino da fábrica e me obrigaram a mostrar no menino como é que cortava o menino. Diziam: "sabemos que você não fez, apenas mostre como está na fotografia". Tinha de mostrar no corpo do rapazinho da serraria. Dai fui levado de volta pra chácara. "Você não quer cooperar. Vamos te matar. Puseram revólver na cabeça e depois recomeçaram os choques. Só queriam que falasse os nomes da Celina e da Beatriz. "A celina pagou o jogo de busios?". Respondia que sim, que pagou cinco mil. "Cinco não, diga sete. Sim, ela pagou sete. Quer dizer que a celina te pagou pelo trabalho. Ela te pagou sete. Eu dizia "nã, ela pagou cinco". Diga "pagou sim, sete". Ouvi alguém dizendo "tem de ser sete trabalho de macumba é sete. Perguntavam "quem mais estava com você".



6.-

...Queriam que eu dissesse que a Celina pagou sete- Queriam que falasse da czinha. "A Celina ajudou vocês a segurarem os pezinhos. Como é ...". Chegou uma hora que não aguentei mais e disse: "Não aguento mais: matei a criança... fiz tudo isso que vocês disseram..." Eu não aguentava mais as torturas... enfiavam agulha debaixo da unha... veja Dra., está aqui a cicatriz... veja aqui as marcas ... estas são dos choques... estava sem comer, sem dormir.. doia tudo... não aguentava mais... disse tudo que eles mandavam. Depois me levaram pra Matinhos dentro do porta-malas de um carro. Rodou. Rodou e depois parou na praça. Disseram " tem mais de cinco mil pessoas que querem te matar, vamos soltar você no meio dessa gente. Já era noite. Colocaram revolver na minha cabeça e faziam "roleta russa". Diziam "Você sabe o que vai dizer. Conte tudo direitinho porque se não morre. Conte da Celina e da Beatriz. "...

Quando fui levado pro Promotor pensei que ia poder escapar. Que podia contar tudo pra ele. Tentei dizer pra ele que não tinha feito nada daquilo, que tinha sido torturado e ele disse "Parece que você não está conversando a mesma lingua. Será que os policiais vão ter de conversar de novo com você". Dai pedi advogado. O Promotor disse: "Não tem direito a nada, a advogado". Acho que eram uma 11 horas da noite do dia 2. Em Matinhos o Capitão Neves dizia "Vai dizer que tinha matado outra criança e jogado no mato". Não aguentava de fome. De sede. Pedia comida. Pedia água . Eles diziam "Não tem direito a nada. ...Me levaram numa sala e disseram "você conhece o Bardeli. Ele participou do ritual". Não. Não. As torturas de novo até que disse "ele participou sim. AH! em Matinhos deram do chá com gosto de caqui verde. Isso antes de sair de carro.

Depois, dentro do carro que trouxe pra Curitiba, ouvi "estou em contato.

Avisem o homem que tudo está conforme o combinado. Prepare a imprensa que vamos indo" No ferribot ouvi dizerem "O Bruni(?) também participou? Não respondi porque outro disse "esqueça a pergunta que já temos os sete".

No caminho disseram "temos ordem superior grande. Somos do Grupo Aguia, especialista em matar. Teve criança brincando com vocês, porque o tigre é bicho noventa que se arrasta. Nós somos águia que sobrevoa tudo". ...

No caminho queriam que dissesse que a polícia estava contratada para encobrir a morte do menino. Viemos pro quartel da polícia militar...



..."Vamos levar vocês pra imprensa. Se vocês falarem alguma coisa errada, vamos soltar vocês e vamos dizer que vocês tentaram fugir e ser mortos. " No quartel fizeram treinar o que que iam dizer pra imprensa. Faziam perguntas "Que vocês fizeram com a criancinha?" "Como vocês cortaram"..."Se vocês não falarem pra imprensa pelo menos uma dez vezes o nome da Celina e da Beatriz, estão mortos." ... Na Secretariam vimos a D. Celina e a Beatriz. Lã levaram nós três no banheiro e disseram "Lembrem dos detalhes das fotos. Não esqueçam de nada. Digam tudo di reitinho... senão morrem..." (Os três contam: Osvaldo, Davi e De Paula que dentro da Secretaria de Segurança apanharam bastante. Que foram sendo torturados pelos policiais que lhes davam socos no estomago e em outras partes do corpo. Que, mesmo quando estavam perto da imprensa eram segurados pelos policiais com violência e recebiam cotoveladas destes. Mesmo ali a tortura não parou.) Continuando o depoimento, Osvaldo Marcenero diz: "Pedimos advogado. Disseram que não tínhamos direito. Perguntei na Secretaria "Por que sou obrigado a falar e a D. Celina e Beatriz não?. Disseram "porque você não tem advogado, elas tem".

Indagados se assinaram autorização para que falassem à imprensa, afirmaram que não mas que, quando no quartel da Polícia Militar, assinaram, mediante tortura, papeis que continham alguma coisa escrita. Que nenhum conseguiu ler o que estava escrito, mas que um policial esclareceu que tratava-se do recibo de entrega dos mesmos no quartel..


Declararam, Osvaldo, Davi e De Paula que, no Instituto Médico Legal os policiais entraram juntos e nada puderam falar ao médico. Que Osvaldo Marcinerio tinha uma grande marca no braço direito, produzida pelas torturas. O médico perguntou o que era e ele teve de responder "foi em jogo de futebol". No COT.(?), centro de triagem, declara "essa marca foi anotada".

Prosseguindo, Osvaldo Marcinerio relata:"No COTI fomos de novo torturados e lã obrigaram a dar uma entrevista pra imprensa, com a Dulcineia Novais,



8.-

...e obrigaram a dizer tudo de novo. Fomos torturados e jogaram um líquido no rosto. Queimava. Um preso, Melanski, disse "digam que vocês mataram... Não dava pra aguentar. Se a senhora vir D. Celina, diga pra ela que não aguentamos, que sabemos quanto elas sofreram também e que desculpe... elas são inocentes".

PENITENCIARIA CENTRAL DO ESTADO, 19 de fevereiro de 1993

PRESENTES AO DEPOIMENTO:

A large, stylized handwritten signature in black ink, likely belonging to a witness or official present at the deposition.

A smaller, more compact handwritten signature in black ink, possibly belonging to another witness or official.

E.T.- Declararam os três réus que somente tomaram sol, dentro do período de 2 de julho de 1992 até esta data, nos dias 14 de dezembro e 15 de fevereiro. Ainda que, desde que foram presos, estão sem fazer barba e cabelo - segundo a direção do presídio, por ordem da Juiza de Guaratuba.



ADENDO AO DEPOIMENTO PRESTADO POR OSVALDO MARCINEIRO A ADVOGADA ISABEL KUGLER MENDES PRESIDENTE DO CONSELHO MUNICIPAL DA CONDIÇÃO FEMININA - CURITIBA.

Penitenciária Central do Estado.

Doutora quero que a Senhora acrescente o que eu esqueci de lhe contar, foi o que aconteceu no Ahú e no dia da acareação. O Dr. Cioffe, o Promotor chamou numa salinha e disse: " Vou fazer um acordo com você. Sei que você não deve nada disso. O problema é com as mulheres. Sei que você é inocente, mas fale apenas que você foi buscar o alguidar para Beatriz e que você só ajudou no negócio." Eu disse: " Pelo amor de Deus Senhor, eu não fiz nada disso." Ele disse: " Se você não falar que foram as mulheres que fizeram o crime, vou te arrumar trinta anos só prá você. Se você fizer como eu estou falando, vou arrumar advogado e vocês logo vão estar soltos.Estamos então combinados." Eu disse não. Ele começou a bater numa mesinha e dizer:" Você está perdido, vou te arrumar trinta anos." Começou a me assustar dizendo: " Vou mandar já o pessoal falar com você. Se aqui não estão conseguindo fazer você cooperar, vamos levar você prá DVC e aí você vai ver o que é bom." Ele me assustou pessoalmente, bastante,, sempre me obrigando a falar das mulheres. Então disse por que não aguentava mais: " Tudo bem doutor." Daí ofereceu até

A handwritten signature in black ink, appearing to be "M. P. S.", located at the bottom right of the page.



cafezinho e bateu nas costas. Na outra sala tinha um monte de gente. Trouxeram a Beatriz primeiro. Me fizeram sentar. Tinha um senhor sentado ao nosso lado. Ele falou das acusações e disse: "Voce concorda com tudo isso ?" Eu disse: " Não senhor, não concordo." Na hora em que eu falei - "não concordo" o promotor Cioffe deu um tapa na mesa e disse: " Como não concorda se você acabou de confessar tudo pra mim ali na salinha ? " Eu disse: " Não senhor, eu não disse nada." Ele disse: " Você disse que teve uma pequena participação." Eu disse: " Isso foi o senhor que disse." Teve um delegado que disse: " Voce está mentindo." Daí eu falei, me deu um desespero. Mas eu disse: " Senhor eu estou quase morrendo mesmo, vejam aqui minha camisa(Eu mostrei minha camisa, ela estava cheia de sangue pelas torturas feitas pelos guardas do Ahú - Freitas, Getúlio...) Daí eu disse: " Melhor vocês me matarem de uma vez, porque não estou aguentando mais. Nós somos inocentes e as mulheres também. Eu não estou aguentando mais." Daí eu ergui a manga da minha camisa e disse : " Vejam o meu braço como está das torturas.(Tinha hematoma bem grande) Eu repeti: Não aguento mais, podem me matar." Disse isso na frente de toda aquela gente. Tinha bastante gente. Daí o promotor, o dr. Cioffe disse: " Esse hematoma você já tinha lá. Não é daqui.) Daí o Dr. Dálio Zippin disse: " O que ele tinha era no outro braço. Esse é outro" Disse ao escrivão: " Marque isso aí". Tinha um senhor alto que disse: "Escuta cara, você está apanhando no Ahú?" " Sim, estão me matando aqui" Eu disse. Ele disse: " Sabe quem eu sou ?" " Não " " Sou o diretor do Presídio" Aí chamou



ali mesmo o Senhor Dinair - Chefe de Segurança e mandou fazer uma Sindicância. O Sr. Dinair me levou ao médico e ele fez o exame sobre todas as marcas que eu tinha no corpo. O diretor queria que eu apontasse quem tinha me torturado, mas eu não quis por que senão ia ser pior. Voltando doutora. Naquela hora o doutor Cioffe ficou doido. Dava berros e murros na frente de todo mundo. Daí estava lá o Dr. Luiz Carlos - delegado. Que disse: " Eu estou investigando o outro caso, do Leandro, vamos ver isso." Daí eu disse: " Doutor preciso conversar particular com o senhor. Porque não estou aguentando mais." Dr. Cioffe disse: " Nunca vi um preso querer falar com um delegado e não com um promotor." O dr. Luiz Carlos dali me levou para uma sala ao lado e conversei com ele. Conteí tudo. Falei que não aguentava mais, de tanto apanhar. Falei de todas as torturas. Tudo muito por cima, porque o promotor estava esbravejando na sala ao lado. O Dr. Luiz Carlos disse que era para falar só a Verdade. Que matar eles não iam. Eu não acusei a Beatriz e D. Celina, ali na acareação. Disse que elas eram inocentes. Então o promotor disse: " Voce é amante da Beatriz e está defendendo ela." Não doutora, não tinha imprensa e o promotor disse que não tínhamos direito a advogado. Ali só tinha o advogado Dr. Dálio, que era das mulheres. Na audiência feita na Central eu quis falar sobre as torturas. A juíza não deixou. Quando tentava contar das torturas ela fazia ficar quieto. Ali só falei a verdade. Disse da inocência de todos e de D. Celina e Beatriz. Eu disse: " Doutora juíza esse cidadão, o promotor que está aí na frente, queria que eu acusasse as mulheres e eu disse que não, e ele disse que só prá mim ia dar trinta anos de cadeia." E a juíza voltou-se prá mim e disse: " Voce fica brincando com o promotor, ele vai acabar te dando cem anos." Estavam presentes Dr. Mainster e Dra. Estela. Eles escutaram



tudo. Tinha um senhor, um advogado, bem alto. Ele disse: "Pode falar o que você quiser, fale a verdade, que o promotor não pode fazer isso não". O promotor dr. Cioffe resmungou, porque eu apontei prá ele e parece que ele ficou meio brabo. Mas a juíza não deixou eu falar das torturas. Ficou desviando com brincadeiras. Quero que a senhora coloque também isto - porque quando conversei com a senhora a primeira vez estava muito nervoso e não conseguia nem falar direito e lembrar de tudo. Não sei se lhe contei direito o que aconteceu quando me levaram pela segunda vez para a chácara. Depois da casa grande. Lá na chácara eles levaram um papel dizendo que era o depoimento da Beatriz e da D. Celina. Diziam que elas tinham confessado o crime. Que tinham matado a criança para um trabalho. Que no papel estava que D. Celina acusava a minha pessoa como principal responsável pela morte da criança. Nesse tempo eu já não aguentava mais as torturas e eles ficavam dizendo: "Voce vai falar prá Beatriz que a casa caiu." Acredito que estava num quarto próximo do que estava a Beatriz. Me levaram nesse quarto. A Beatriz estava sem roupa. Tinha uma venda nos olhos. Tava deitada numa cama. Saíam fios de uma máquina e ficavam enrolados em cima dos seios dela. Um guarda disse: "Voce sabe quem é?" Eu disse: "Sei é a Beatriz." Ele disse: "Sabe que ela é filha do Prefeito? Se ela está sendo tratada assim imagine como você vai ser tratado se não cooperar. É melhor ir falando o que te dissemos". Depois continuei escutando os gritos terríveis da Beatriz e também de D. Celina. Ela dizia: "Voces vão matar minha filha. Pelo amor de Deus minha filha não". Se não me engano foi o capitão Neves que uma hora disse: "Vai lá e cale a boca daquela puta velha". Sempre tinha um PM com um gravador, que ligava e desligava. Eles queriam gravar eu falando com elas. Eles



diziam : " Voce não quer mais acusar elas, elas estão acusando você". Quando me levaram na frente da Beatriz eu disse: " Beatriz estão me matando" Então eu disse que a casa caiu. Eu tentava falar prá ela " Estão me matando não aguento mais"> Quando dizia isso uns policiais me cutucavam. Quando me levaram até a Beatriz e fizeram eu falar e ela também, levantaram o capuz. Eu acho que eles gravavam tudo. Me levaram no quarto de D. Celina também. Lembro dela com uma blusa levantada na cabeça. O corpo ficava só com soutian. Falei a mesma coisa na frente dela. Se eu não conseguia falar então os guardas diziam: " Voce está gostando da brincadeira? Vamos brincar mais um pouco". E recomeçavam as torturas. Ali os PMs. estavam sempre dizendo que eram matadores profissionais. Tinha um que cochichava sobre o crime. Eles perguntavam e ele dizia - assim, assim, assim, e explicava como tinha sido. O Tempo todo ali naquela chácara eu escutei gritos terríveis - de D. Celina e da Beatriz. A Beatriz gritava: " Isso não. Pelo amor de Deus. Isso não."

m. ps. j.

Correção: 1) Na pg 2 - onde diz "... pelos guardas do Aluí-Freitas, Getulio."
 Leia-se: " pelos guardas do COTÉ, Freitas, Getulio e Edson."

2) Na pg. 4 - onde diz: "... Sempre tinha um PM..."
 Leia-se: " sempre tinha um torturado" (Cretense que na sessão não sabiam que era policiais).
 Em, 23/07/93

m. ps. j.



TESTEMUNHO

REINALDO CORDEIRO

TORTURA NUNCA MAIS ?

DEPOIMENTO PRESTADO POR REINALDO CORDEIRO JUNIOR
A ADVOGADA ISABEL KUGLER MENDES (OAB/PR 7631)

Em 02/07/93 - Em Curitiba-Pr (Apanhado taquigráfico pela mesma)



PREGUNTA:- D. Celina, em seu depoimento, narra que você foi a primeira pessoa da família a vê-la após as torturas. +Pode fazer um relato desses acontecimentos e como encontrou sua irmã, D. Celina e sua sobrinha Beatriz no Quartel da Polícia Militar em Matinhos?

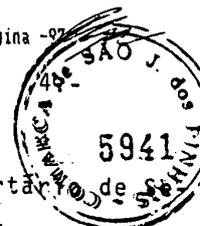
REINALDO CORDEIRO JUNIOR- Recebi um telefonema de minha sobrinha, por volta de dez horas da manhã do dia 2 de julho de 92. Segundo este minha irmã e sobrinha tinham sido presas por policiais que haviam invadido a casa delas naquela manhã e que estavam desaparecidas. Em Curitiba tentamos procurar a Polícia Federal para saber de quem tinha partido a ordem de prisão e porquê, já que os policiais seriam da Polícia Federal. No início da tarde descí para Guaratuba em companhia do meu cunhado Sergio Biscaia. Ao chegarmos em Guaratuba soubemos que as mesmas haviam sido trazidas para Matinhos. Procuramos nos inteirar dos acontecimentos e, por volta de 19,00 horas chegamos ao Quartel da Polícia Militar em Matinhos. Este estava todo cercado por policiais., mas não houve oposição à entrada minha e de meu sobrinho, advogado Luiz Claudio Biscais. Meu cunhado ficou em Guaratuba com o Aldo Abage e outros procurando contactar com advogados. Entrando no Quartel pedi para falar com o Secretário Moacir Favetti e com o Coronel Capriotti, Comandante da Polícia Militar. Encontrei-os no refeitório assistindo o jornal estadual na televisão. Não me identifiquei como parente das duas e sim como acompanhante do advogado Luiz Claudio. Perguntei ao Secretário se eles tinham indícios da culpa das duas e ele respondeu" Como os advogados falam tecnicamente, nós temos provas veementes". Perguntei quais: ele respondeu"Uma fita gravada com a confissão da Celina e da Beatriz". Fui informado que a Beatriz estava depondo, pelo Cel. Capriotti, que nos conduziu até a sala onde ela estava depondo. Entramos,



e encontramos dois promotores públicos: Alcides Bitencourt, Samir Baccar, o Delegado Ricci, o escrivão e o advogado Silvio Bononi. Estava qualificando a Beatriz. Iam qualificar os presentes na sala, como não sou advogado, disse, "O Dr. Luiz Claudio fica e eu vou dar assistência a Celina Abage". Me dirigi ao Cel. Capriotti na outra sala e perguntei onde estava a Celina e ele me conduziu até um alojamento, segundo ele, dos oficiais. Lá encontrei a Celina deitada, chorando, quando me viu levantou-se e me abraçou e me contou de todas as torturas que ela e a Beatriz sofreram. O Cel. Capriotti havia saído, Fiquei sozinho com Celina. Eu tinha levado uma mala com roupas para Celina e Beatriz. Daí ela me entregou então algumas peças de roupas, sujas de sangue e fezes. Coloquei essas roupas na sacola de couro (essas peças de roupa encontraram-se, como me foram entregues, guardadas até hoje) . Notei que as roupas estavam umidas. A Celina me contou que levou muitos socos na boca do estomago e que foi afogada com um pano molhado em sabão e água. Que puxaram uma mangueira em sua boca. Que ouvia muitos gritos da Beatriz. Enquanto eu conversava com ela entrava e saia vários oficiais. Depois identifiquei o Capitão Neves e um Tenente, moreno, de cabelos encaracolados, mais baixo do que eu, aparentando uns 30 anos. Celina contou do sofrimento que haviam passado. Que ela viu a Beatriz sem roupa. Que a Beatriz deixou a calcinha na casa onde estavam. Que essa calcinha tinha fezes. Ela dizia sem parar que os "fderais eram uns monstros". Eu disse a ela que não eram policiais federais, mas o grupo da PM-2 da Polícia Militar. Ela me disse que iria confessar que só ela tinha matado a criança, porque o policial ruivo (Cap. Neves) havia dito que ela seria prisioneira dele e que ele iria fazer tudo de novo, o que já tinha feito nela e na filha, se ela não falasse o que tinha sido combinado. Ela estava apavorada, traumatizada, tremula, palida, indefesa, Tinha um grande vergão no pescoço (uma marca de aproximadamente uns dois centímetros de largura). Ela me descreveu exatamente o caminho percorrido, entre o Fórum e a casa onde foram torturadas. Onde ficaram, das 9,00 às 16,00 horas. Que depois foi confirmado como sendo a chacara do pai de Diogenes



Caetano. Então eu disse "Celina, fale a verdade. Foram vocês que fizeram o crime. Vocês mataram a criança?" Ela respondeu: "Não, não fizemos nada do que estão nos acusando. Não matamos nenhuma criança." Então enfatizei: "Então fale a verdade. Não tenham medo e conte sobre as torturas. Eles não vão poder fazer mais nada porque você já tem advogados. Dr. Silvio Bononi já está aqui e Dr. Machado já está chegando e o Luiz Claudio também está aqui." Senti que ela ficou mais calma e então me contou que tinha desconfiança que a Beatriz tinha sido estropada, porque ela viu a mesma nua deitada na cama e pelos gritos. Sai, meu cunhado Aldo Abage estava na frente do Quartel. Trouxe ele para ver a Celina e me dirigi para a ante-sala de onde estava sendo feito o depoimento da Beatriz. Parei na porta e o Secretário de Segurança, Moacir Favetti, estava reunido com policiais militares, fardados, dentre eles o Capitão Sergio, Cmte, do Quartel de Matinhos, um / Ten. Ajudante de Ordens do Cel. Capriotti (um rapaz baixo, claro, cabelos escuros) e mais uns quatro policiais fardados e ainda policias da PM-2, sem farda e, dentre eles o Capitão Neves. Ele estava de casaco de couro preto e uma calça esverdeada, não era esta de brim. E então ouvi do Secretário de Segurança Pública - disse textualmente: "Agora esta cadela está negando tudo. Sai de lá porque tive vontade de meter-lhe a mão na cara". E continuou: "E outra coisa pra vocês aqui, não me deixem nenhum advogado falar com os outros, acompanhar o depoimento, sem uma procuração por escrito e assinada por eles:" Nesse momento ele percebeu minha presença. Eu me dirigi a ele e disse: "Não é isso que a lei diz, Senhor Secretário." Ele sorriu - um sorriso amarelo, sem graça e retirou-se do local. Fui ao encontro do Cel. Capriotti, para saber onde elas ficariam. Daí ele foi comigo ao encontro delas - porque a Beatriz já esta retornando do depoimento - no quarto onde elas estavam. Aí ouvi ele dizer para Celina e Beatriz que era tudo uma barbaridade, mas que nada mais iria acontecer porque dali para frente elas estariam sob a guarda dos homens dele. E eu perguntei ao Cel. Capriotti - "onde



elas vão ser levadas?" Ele respondeu "Eu acertei com o Secretário de Segurança e elas vão ficar no Quartel da Polícia Feminina até tudo ser resolvido." Perguntei também, que devido o trauma que elas passaram, espancamento e torturas, se eu poderia acompanhá-las no carro que as conduziria a Curitiba. Ele afirmou que sim e que iria falar com o Capitão Sergio, autorizando minha presença no veículo. O que não ocorreu. Nesse momento o Cel. Capriotti saiu para vir participar de uma solenidade no Corpo de Bombeiros. Daí fiquei com a Beatriz. Esta me relatou as torturas sofridas. Me mostrou as marcas dos dedos causadas pelos choques - eles estavam pretos. Mai para preto do que para roxo. Me mostrou um ferimento no rosto. Contou que foi afogada com água e sabão e um pano que tiraram a roupa dela que tinha um soldado que passava o penis pelo corpo todo dela. Que ela desmaiava muito. Que deram um líquido para ela tomar e ela desmaiava e voltava. E que ela defecou - que mandaram ela no banheiro lavar-se, que lá ela jogou sua calcinha toda suja de fezes. Ela perguntou se na sacola tinha roupa íntima porque ela estava sem calcinha sem soutian. Tinha e ela foi ao banheiro vestir-se. O estado dela era deplorável. Tanto fisicamente como psicologicamente. Ela afirmou que só concordou em confessar o que eles queriam porque ouvia os gritos terríveis da mãe e os policiais a ameaçavam dizendo que iam matar sua mãe se ela não fizesse a "confissão" que eles mandavam. Que até então ela não sabia o que era para confessar e que eles ditavam e ela só ia repetindo. Disse que no depoimento ela negou tudo e contou que foi torturada. Porque ali já estavam o Dr. Silvio e o primo Luiz Claudio. Tiraram elas do Quartel, colocaram dentro de uma Parati de cor verde e foi determinado que o Capitão Neves comandasse a operação "transporte". Não sei bem quantos policiais entraram juntos no carro. Apenas vi o Capitão Neves, o Tenente de cabelos encaracolados. Fiz meu primo encostar o seu carro na Parati. Pedi a ele que não os perdesse de vista. Nesse momento houve uma confusão generalizada. Enquanto eu entrava para apanhar a bolsa de couro com as roupas, sujas, e limpar a Parati arrancou e meu primo Luiz Claudio, para não perdê-los, fez o mesmo, sem poder me esperar.

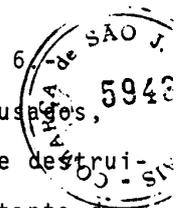


Vim para Curitiba com o Dr. Machado e fui direto para o quartel da Polícia Feminina, na rua Santo Antonio. Ali encontrei Celina e Beatriz chorando. Relataram o que tinham sofrido na viagem. Foram torturadas a ponto de um policial sentar sobre a barriga da Celina. Além do volante perigoso, dos palavrões, queriam saber de quem era o carro que os seguia. Passados alguns momentos - eram mais ou menos 2,00 horas da manhã do dia 3 - adentrou ao Quartel o Cel. Capriotti, seu ajudante de ordens e também o genro da Celina, Dr. Francisco Macedo Junior, Juiz de Direito, sua esposa Carmela e Sheila, filhas de Celina. Aí Celina relatou ao Cel. Capriotti o que havia acontecido com ela no carro. As torturas que sofreu e também Beatriz. Aí ele disse que era uma barbaridade. Que ali elas estavam bem, que não iria mais ter nenhum problema. Que ele não acreditava que elas tivessem cometido aquele crime. Que a verdade seria logo esclarecida. Ele mesmo autorizou, e sugeriu, que a família fosse em casa buscar um lanche para elas. Explicou que ali tudo era contado e que não havia condições de fornecer nenhuma alimentação às mesmas. Escutei o Cel. Capriotti dizer a Celina que tivesse calma, chamando-a de "cunhada (depois soube que esse tratamento era porque, como o esposo de Celina, Aldo, ele também era maçom). . Dali em diante não conseguimos mais estar junto a elas, na Secretaria de Segurança ou no IML. Dali em diante o Dr. Dalio Zipin passou a assisti-las. Saindo do Quartel Da Polícia Feminina, fomos para casa de Celina (apartamento em Curitiba) e logo após chegarmos, recebemos a visita de dois elementos do Grupo Tigre, da Polícia Civil: os agentes Blackney e Pencai. Os mesmos nos relataram que não acreditavam que elas fossem culpadas. Relataram os passos da investigação e que, no dia em que, supostamente a criança havia sido morta, eles estavam na casa de Celina com Beatriz. Que chegaram lá por volta de 19,30 e saíram depois da meia-noite. E que, além deles, estava o Padre Adriano e mais um Vereador, o José Travassos. Quando descrevi a eles o tipo físico de vários policiais que acompanhavam Celina e Beatriz, eles disseram "AH! é o pessoal da PM-2" e completaram dizendo "Esse mesmo pessoal fez um serviço parecido em Pitanga." Bom, o mais é de conhecimento público. Acredito que as torturas físicas cessaram, mas continuam as torturas sendo aplicadas, não apenas sobre

minha irmã Celina, minha sobrinha Beatriz e os demais acusados, mas sobre toda nossa família. Nossa vida foi praticamente destruída pelo sofrimento de tanta ⁱⁿjustiça. Meu pai morreu de tanta dor. Seu sofrimento foi tão grande, pela injustiça e acusações a sua filha e neta - nunca mais as viu - que no último dia 11 de março ele faleceu. Minha mãe vive sob constante tensão, angustiada e sinto que também ela não aguentará por muito tempo essa situação. Hoje faz exatamente um ano que tudo começou. Não conseguimos - ninguém consegue entender como a Justiça não enxerga as falhas gritantes do processo. Como pode não ver que não existe nenhuma prova material do crime. É realmente uma grande trama diabólica que hoje envolve todos os familiares de Celina e Beatriz Abage. Mas a Justiça há de ser feita. Um dia. Acredito.


REINALDO CORDEIRO JÚNIOR

Isabel Klendes





TESTEMUNHO

DEL. LUIZ CARLOS DE OLIVEIRA

TORTURA NUNCA MAIS ?

DEPOIMENTO/CONFIRMAÇÃO PRESTADO PELO DR. LUIZ CARLOS DE OLIVEIRA
DELEGADO DA POLÍCIA CIVIL À Dra. ISABEL KUGLER MENDES - Presidente
Conselho da Condição Feminina de Curitiba, em 14 de julho de 1993.



PERGUNTA:- Dr. Luiz Carlos, os acusados, Osvaldo Marcinero, Vicente de Paula e Davi Soares dos Santos, em seus depoimentos - prestados a nossa pessoa sobre as torturas que sofreram - afirmam que tiveram oportunidade de relatar ao Senhor sobre as torturas que estavam sofrendo, assim como mostrar marcas das mesmas. O Senhor confirma tais afirmações?

Dr. LUIZ CARLOS DE OLIVEIRA:- Sim, confirmo as alegações contidas nos depoimentos, lidos por esta autoridade, esclarecendo outrossim que foi possível verificar hematomas no corpo de Osvaldo Marcinero, quando este solicitou uma conversa particular, numa sala ao lado daquela que estava sendo utilizada para o interrogatório dos acusados - na Prisão Provisória de Curitiba (Ahū) - quando Osvaldo relatou que não havia praticado nenhum tipo de crime, nem o sequestro do menino Leandro - que era o caso na época presidido por esta autoridade - e nem tampouco no caso "Ritual de Magia Negra" envolvendo o menino Evandro. Que esta autoridade perguntou ao Osvaldo o porquê de sua confissão e que o mesmo relatou que havia sofrido vários tipos de tortura e que ainda, no interior daquele presídio, as referidas torturas permaneciam. Acredito que não se passavam 20 dias da prisão do mesmo. E que ainda, Osvaldo relatou que não estava aguentando as coações físicas e temia por sua vida e também pela vida dos demais. Na ocasião, foi alertado para Osvaldo, para que falasse apenas a verdade e que não assumisse nenhum ato a eles imputado com medo de represálias, pois só assim a verdade poderia ser esclarecida. Ato contínuo, foi chamado por esta autoridade, na sala onde encontrava-se o Promotor, os acima nominados, Davi e De Paula para que, efetivamente falassem o que sabiam extra-autos, e que na presença desta autoridade e do Promotor, os mesmos negaram todos os fatos e relataram torturas sofridas. Por ser verdade a presente declaração, assino a presente juntamente com a advogada Isabel Kugler Mendes, aos 14 dias do mês de julho, na Cidade de Curitiba.

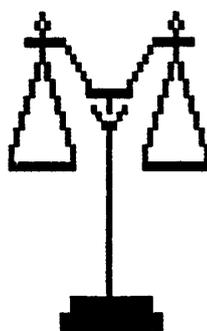
DOSSIE - TORTURA NUNCA MAIS

Conselho Municipal da Condicao Feminina
Curitiba - Parana



DOCUMENTOS

PROCESSUAIS



TORTURA NUNCA MAIS ?



PODER JUDICIÁRIO

ESTADO DO PARANÁ

TERMO DE INTERROGATÓRIO



Em ..28. de ..julho..... de 1992., nesta cidade e comarca de
.....PIRAQUARA....., Estado do Paraná, na sala de audiências
da Vara Criminal, na presença do Meritíssimo Juiz de Direito, doutor
ANÉSIA EDIENI KOWALSKI..... comigo escrivão a seu cargo, no final no-
meado e assinado, compareceu ..CELINA CORDEIRO ABAGGE.....
a fim de ser interrogado sobre os termos da acusação inicial.

Antes do interrogatório, o Meritíssimo Juiz de Direito fez ao acusado a obser-
vação determinada no artigo 186, do Código de Processo Penal, respondendo ele às
perguntas a respeito de sua qualificação da seguinte maneira:

NOME: ..CELINA CORDEIRO ABAGGE.....
R.G. nº ..297.054-PR..... NATURALIDADE: ..CURITIBA-PR.....
ESTADO CIVIL: ..CASADA.....
IDADE: ..59 anos..... DATA DO NASCIMENTO: ..16/03/39.....
FILIAÇÃO: ..REINALDO CORDEIRO e ZENI ENI CORDEIRO.....

RESIDÊNCIA: ..Avenida 20 de Abril nº 444 - Guaratuba.....
PROFISSÃO: ..do lar.....
GRAU DE ESCOLARIDADE: ..Curso Normal Colegial.....
ELEITOR INSCRITO NA 161 ZONA ELEITORAL sob nº
DECLAROU que o seu defensor é o doutor ..MOACIR CORREIA FILHO e RONALDO
ALBIZU.-

Depois de cientificado da acusação, passou o réu a ser interrogado de acordo
com o artigo 188, Incisos I a VIII, do Código de Processo Penal, e as perguntas for-
muladas pelo Meritíssimo Juiz de Direito, respondeu; que no dia 06 de abril
de 1992 a interrogada subiu a Curitiba por volta das 8:30 ho-
ra onde pretendia ir a um dentista; que tendo em vista o atra-
cção.

663.109107

o atraso do ferry boat a interrogada desistiu de ir no dentista; que logo após o marido foram até o apartamento dar uma olhada e foram logo em seguida almoçar; que como aniversário de morte do pai de seu marido, seu sogro, o seu marido esse dia não faz nada em respeito a data, e na companhia dele, tendo a companhia da interrogada comparado flores e levado ao cemitério, após comprando guloseimas e retornado a Guaratuba por volta de 18:30 horas mais ou menos; que quando chegaram a sua residência estavam alguns policiais para pegar uma requisição de gasolina para fazer buscas, ocasião em que tomou conhecimento do desaparecimento de Evandro; que após o jantar uma pessoa compareceu a residência da interrogada dizendo que os policiais estavam com dificuldade de buscas, tendo a interrogada junto com seu marido tendo ido até o local nas proximidades da casa da criança; que pessoas da cidade também estavam auxiliando nas buscas, assim como a interrogada também passou a auxiliar, na companhia da esposa de José Travassos, Azioli Saporski e Celso que trabalha na garagem da Prefeitura; que procederam buscas até as 23:00 horas, indo a interrogada para sua casa dormir; que no dia 07 de abril pela manhã a interrogada em sua residência, onde recebeu duas amigas Heloína Stuelp e Maria José Conceição secretária da interrogada; que no período da tarde foi na companhia de Maria José fazer um arondã nas creches; que na creche pingou gente a interrogada solicitou uma reunião de emergência, visto que nunca havia desaparecido criança em Guaratuba; que a reunião realizou-se no mesmo dia 07 na Inspeção de Ensino Municipal; que esclarece a interrogada que esta era uma outra reunião de organização das creches, na qual estava presente Marta Bonardi, Maria do Rocio Bevervanso, Iolanda Kowal-zuki, Maria José e Denise Correa; que a reunião terminou por volta das 19:00 horas; que em seguida a interrogada levou uma das amigas na beira da bahia e levou até a Associação do Magistrados Maria José, onde seu marido, estava responsável pela cozinha; que em seguida a interrogada foi para sua casa tendo em seguida chegado seu marido da Prefeitura; que logo após chegou o padre Adriano e José Valdemar Travasso; que na hora do jantar lembrou-se seu marido do aniversário de Nelson Cordeiro, vulgo Nelson Bodo, que seu marido convidou o padre e este não quis ir; que

GRANDE J. O.
5948
CO. CO. - SIA. O.

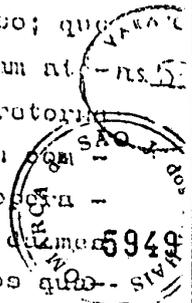
Handwritten notes:
de...
C...

Handwritten signature:
Maria José

Handwritten notes:
...



Estado do Paraná
CODER JUDICIÁRIO



ficou na casa com, seu filhos netos e José Travenço; que meio a contragosto a interrogada a seu marido foram até a cada de Nelson, até as 23:00 horas, hora em que retornaram a sua residência; que quando a interrogada chegou em companhia de seu marido Paulo Brasil e quatro agentes da polícia anti sequestro TIGRE aguardavam o retorno do marido; que o referido grupo era composto de quatro homens os quais diziam que vinham se apresentar o já tinham estado na casa da criança e que até aquele momento não tinha sido encontrado o corpo da criança; que por volta da meia noite ainda no dia 07 bateram palma na residência da interrogada, ocasião em que viu tratar-se de parente da vítima, Diógenes Castano dos Santos Filhos, tratado de Diojinho, o qual não faz parte do círculo de amizades da interrogada ^{da interrogada} porque o mesmo faz panfletos contra a administração do marido da interrogada; que a interrogada ficou temerosa porém como referido pessoa é parente da vítima pediu ao marido que o atendesse pois poderia estar precisando de alguma coisa; que assim seu marido foi atender ocasião em que foi recebido por Diojinho o qual alegava que seu assessor referindo-se Paulo Brasil, havia proibido a imprensa de divulgar o desaparecimento de Evandro; pois a criança poderia ser sido sequestrada para a retirada de órgãos; que o marido da interrogada disse que não era responsável e chamou Paulo Brasil que ali se encontrava; que Paulo Brasil instado pelo marido da interrogada sobre tal falta de divulgação ^{esclareceu} a proibição, o mesmo disse ser orientação do grupo TIGRE, pois o mesmo poderia estar vivo nas mãos de um psicopata e se fosse muito divulgada a mesma poderia ser morta; Diojinho não acatou a explicação e com dedo em riste disse ao marido da interrogada que se a criança fosse morte o marido da interrogada seria responsabilizado; que em razão das agressões verbais o marido da interrogada tentou dar um tapa em referido indivíduo; que a interrogada nesse momento interviu ocasião em que Diojinho foi embora proferindo palavras de baixo calão contra o marido da interrogada; que o grupo TIGRE ainda permaneceu na residência da interrogada que logo em seguida foi dormir; que a interrogada disse ao grupo anti sequestro que Diojinho era pessoa violenta, sendo que os agentes permaneceram na arca da

residência; que tem conhecimento apenas de uma firma gravada por ocasião da prisão; que conhecia a vítima apenas de vista que não se recorda da testemunha S^{ra} Margar Dalista, conhecido no demais sendo que somente tem a alegar contra Dlogenes Caetano dos Santos Filho, o qual tem sistematicamente distribuído panfletos contra a administração do marido da interrogada; que da parte do referido indiciado atribui a relação como inimizada, desde há muitos anos; que o referido elemento não é amigo da própria mãe tendo puxado arma para a mesma; que acredita a interrogada seja antipatia gratuita, pois não existe motivo para esta inimizade; que sendo-lhe apresentada as fotos de fls 171/172 a interrogada não conhece a casinha, pois não chegou a ir a Serraria quando da construção da mesma; que a interrogada era contra a construção da referida casinha a qual Beatriz disse que era para acender velas; que a interrogada não acredita nessa coisas pois professa a religião católica; que sendo-lhe apresentada as fotografias de fls. 356/357 alega nunca as ter visto; que a imputação que consta na denuncia é caluniosa; que a interrogada não imagina qualquer motivo para receber tal acusação; que também não sabe a quem possa atribuir tal crime, digo, acusação; que acredita a interrogada que o que já declarou podera ser esclarecido pelas testemunhas; que quer esclarecer a interrogada com relação as absurdas declarações a qual quer imputar a interrogada a autoria da rapto do menor Leandro, segundo a imprensa em 15 de fevereiro de 1992, que a interrogada sequer se encontrava na cidade de Guaratuba na data mencionada pois viajara no dia 13 a Curitiba, depois a Pitanga e Apucarana, auxiliando na mudança de sua filha pois seu genro havia sido transferido para Apucarana, só voltando a Guaratuba no dia 21 de fevereiro a noite, portanto é impossível a interrogada tenha alguma coisa a ver com o desaparecimento de Leandro que se quer conhecia; que reputa com mais absurdo ainda a acusação da imprensa, da policia, pois cria filhos e netos que não são seus, e ainda é responsável por creches Municipais que lá estão para comprovar o trabalho da interrogada, pois quando seu marido foi eleito tais creches eram depósitos de crianças.

COLEÇÃO J. de
5950
COLEÇÃO - SIM

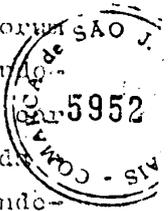
Handwritten notes and signatures:
 - Top: "St. Koch"
 - Middle: "Dinardo"
 - Bottom: "Ley" and a circular stamp with initials.



Estado do Paraná
PODER JUDICIÁRIO

crianças; que acompanharam a interrogada na viagem para Curitiba, Junior filho da interrogada, sua filha adotiva Silvia e a Dona Odete, esposa de José Travasso; que acompanhou a interrogada para Pitanga também mais sua filha Carmela, indo todos na companhia da interrogada para Pitanga, lá permanecendo até dia 16 à hora do almoço; que com o marido de Pitanga nesse dia e hora sendo acompanhadas pelo genro da interrogada Francisco Macedo Junior indo para Apucarana e lá permaneceram até dia 21, sendo que no dia 16 a noite chegou o marido da interrogada, o Sr. José Travasso e os dois filhos e a babá de nome Rose, filhos esses da filha da interrogada, Carmela, pois no dia seguinte seria comemorado o aniversário da interrogada de fevereiro, constando nos documentos dia 17 de março, sendo o dia certo dia 17 de fevereiro; que sendo-lhe apresentado o corte de fls. 239 (jornal) afirma a interrogada que é de sua autoria, de toda sua família ao menor Evandro; que no dia 02 de julho de 1992, por volta da 8:30 horas da manhã a interrogada foi comunicada que um policial queria falar com a interrogada; que a interrogada comunicou o fato ao seu marido para que o mesmo atendesse pois estava ocupada na cozinha para atender as crianças da Beatriz, pois a mesma precisava sair para trabalhar; que Beatriz já se encontrava na copa; que a interrogada chegou a olhar pela janela, que na frente da residência Slaviero haviam policiais com colchetes da polícia federal; que logo em seguida a residência da interrogada foi invadida por policiais em número de cinco ou seis que derrubaram cadeiras dizendo "quem era Celine" ao que a interrogada se identificou ocasião em que disseram que a mesma estava presa, bem como uma filha sua, ora alegando ser a psicóloga ora alegando que seria a "feiticeira", ocasião em que Beatriz se identificou que a mesma professa a religião espírita; que nesta hora se encontrava na residência da interrogada Bruno Stuelp, gerente da ferraria do marido da interrogada; que o marido da interrogada tentou telefonar para o advogado ocasião em que os policiais arrancaram o telefone de sua mão; que o marido da interrogada ainda alegou que os mesmos não poderiam efetuar prisão sem ordem judicial; que não sabe como a interrogada apareceu o Dr. Silvio Bononi; que no carro do advogado junta-

juntamente com a interrogada ^{foram} duas filhas, levadas para o Fórum da Comarca onde foram colocadas na sala de audiências; que isto ocorreu por volta das 9:00 hora e pouco da manhã; que a interrogada e sua filha não ficaram nem dez minutos no Fórum sendo que um policial veio chamar; que a interrogada pensou que ia ser interrogada na sala do Juiz, acompanhou-os pelo ^{estava} torio cível, e quando saíram do Fórum não sabe a interrogada como ficaram presos o Dr. Sérgio Bononi e Sheila; que quando saiu do Fórum, Diógenes ^{estava} actano dos Santos rindo para a interrogada; que assim que entrou no carro percebeu a interrogada que tinha uma arma diferente, no que se negou a sentar com medo que disparasse; que um dos policiais tirou a arma sentando no banco de trás, Celina Beatriz e um policial e na frente mais dois policiais; que o carro andou com bastante velocidade sendo que quando quinze minutos atrás pararam o carro ocasião em que parou outro carro atrás parecido com um Gol Branco, - quando a interrogada percebeu que estava na estrada de Garuva tendo então Beatriz pedido para fumar um cigarro que eles deixaram; que em seguida a interrogada foi colocada em outro carro, ou seja a interrogada em um carro e Beatriz em outro sendo que em cada carro seguiam tres policiais; que também tinha nesse carro arma no banco; que um dos policiais sugeriu a interrogada que pegasse a arma e apontasse para os policiais; que no outro carro um dos policiais pediu a interrogada para que a mesma colocasse a blusa para esconder o rosto para não ser reconhecida e deitasse no banco; que a interrogada pediu para que tirasse a arma do banco, no que não foi atendida; que quem dirigia o veículo corria muito, ocasião em que a interrogada ^{estava} não devia de devagar, quando foi dito que estavam a 40 kms por hora; que pelo tempo que estavam rodando a interrogada acreditou que estava em Garuva e ainda porque haviam passado por uma lombada que existe na entrada de Garuva; que após essa lombada a interrogada percebeu que o carro entrou numa estrada secundária no sentido Curitiba a Garuva, a direita; que acredita a interrogada que na saída de Guaratuba até uma casa para onde foram levadas levou 45 minutos mais ou menos ou até uma hora; que para dar acesso a essa casa foi passado uma ponte, ocasião em que a interrogada



Luiz Carlos

Luiz Carlos

Luiz Carlos

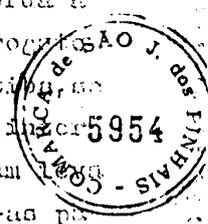
7

Estado do Paraná
 PODER JUDICIÁRIO

ouviu o barulho de um rio, acreditando que era a estrada do Cubatão; que a interrogada chegou a ver a parte da casa da casa que estava em cima do telhado farpudo; que ao chegar na casa a interrogada estava com o rosto coberto com a blusa, vendo que tinha um degrau pequeno e outro maior que o assoalho da casa era de madeira; que a interrogada foi colocada em uma cama de casal, num quarto a direita quando chegou na casa; que passados alguns minutos começou a ouvir gritos de sua filha Beatriz na mesma casa provavelmente no quarto ao lado sendo que entre um quarto e outro havia um banheiro; que a interrogada pedia pelo amor de Deus que não fizessem nada a sua filha, ocasião em que percebeu que a mesma parou de gritar, pensando que tinham matado sua filha; que a interrogada chegou a ouvir frases horríveis como "vamos ver se é mesmo virgem" e diziam a interrogada que iriam tirar o exú de seu corpo chamando a interrogada de feiticeira; que a interrogada chegou a perceber um barulho de rádio não sabendo se era na casa ou no carro que a interrogada com as sevícias recebidas chegou a urinar e evacuar; que a interrogada foi também afogada pela blusa; que foi informado a interrogada que Osvaldo estaria na mesma casa; que tal pessoa pedia para que a interrogada falasse tudo; que em seguida foi tirado do local; que em determinado momento trouxe Beatriz que pedia a interrogada para que dissesse o que eles queriam senão iriam mata-las, que a interrogada foi repetindo-repetindo, todos o que eles queriam; que a interrogada chamou a Beatriz de Sheila; que a interrogada levou tapas nos ouvidos mais conhecidos por "telefone"; que se lembra a interrogada que foi induzida a dizer que havia usado uma faca e depois uma serpa e cortou a mãozinha, o pézinhos e os órgãos genitais; que esses detalhes a interrogada sabia pois havia lido nos jornais; que acredita a interrogada que os policiais ficaram satisfeitos com as respostas que eles mesmos faziam a interrogada repetir; que em alta velocidade o carro tomou sentido de Guaratuba; que a interrogada teve o rosto descoberto no sentido Forum; que passados alguns minutos foram recambiados do Forum para Matinhos no Batalhão; que no Batalhão foi ameaçada verbalmente por um capitão - que não estava falando: "se voce não repetir o que foi combinado da casa" no mesmo tempo da interrogada e puxou os dedos para

REC. 5
 SÃO J.
 5953
 COM. - SIA

tras; que nesse momento o advogado não estava junto pois esta-
 va com Beatriz; que Beatriz tinha sido ameaçada pela mesma pes-
 soa, ameaça esta presenciada pelo Dr. Bonone; que se recorda a
 interrogada que o Dr. Roberto Machado presenciou o interrogatório
 sob protesto; que de Matinhos dirigiram-se para Curitiba gui-
 dados por um carro da família onde estava o sobrinho da inter-
 rogada de nome Luiz Claudio Biscain; que em Curitiba foram le-
 vadas para a Polícia Militar na Marechal Floriano, levando-as pa-
 ra a polícia feminina; que mais tarde compareceram na polícia
 feminina, Sheila, e mais o sobrinho que é advogado; que no ou-
 tro dia de manhã a interrogada e sua filha foram levadas para
 a Secretaria de Segurança sendo ameaçadas o tempo todo; que no
 mesmo dia foram submetidas a exames de lesões corporais, oca-
 sião em que constatou que a interrogada tinha um arranhão no
 rosto, digo, no pescoço. De que para constar lavrei o presente
 termo que lido e achado conforme vai legalmente assinado. Eu
 Leila Maria Ferreira Bello, escrivã que o datilografei
 e o subscrevi.



Roberto Machado
Maria Coraciina Abagge
Escrivã

EM TEMPO: que quando se refere a ao exame de lesões corpo-
 rais, esclarece que a interrogada não foi examinada semen-
 te constatada a lesão acima, respondida pela própria inter-
 rogada.

Roberto Machado
Maria Coraciina Abagge
Escrivã

JUNTA DA
 Aos 28 de julho de 1992
 junto a estes autos Interrogatório de VIDENTE
 DE DAIDA FERREIRA que adianta no vó
 do quo, para constar. Lavrei este termo
 Eu, Leila Maria Ferreira Bello
 que o subscrevi. Leila Maria Ferreira Bello
 ESCRIVÃ

PODER JUDICIÁRIO

ESTADO DO PARANÁ

TERMO DE INTERROGATORIO



Em 28 de julho de 1992, nesta cidade e comarca do

PIRACARAÍBA, Estado do Paraná, na sala de audiências

da Vara Criminal, na presença do Meritíssimo Juiz de Direito, doutor

ANESIA EDITH KOWALSKI, contig. escrevão a seu cargo, no final no-

meado e assinado, compareceu BEATRIZ CORDEIRO ARAGGE

a fim de ser interrogado sobre os termos da acusação inicial.

Antes do interrogatório, o Meritíssimo Juiz de Direito fez ao acusado a obser-
vação determinada no artigo 186, do Código de Processo Penal, respondendo ele às
perguntas a respeito de sua qualificação da seguinte maneira:

NOME: BEATRIZ CORDEIRO ARAGGE

R.G. nº NATURALIDADE: CURITIBA-PR

ESTADO CIVIL: SOLTEIRA

IDADE: 28 anos DATA DO NASCIMENTO: 12/11/63

FILIAÇÃO: ALDO ARAGGE E CELINA CORDEIRO ARAGGE

RESIDENCIA: Avenida 29 de abril nº 444 - Guaratuba

PROFISSÃO: TERAPISTA OCUPACIONAL

GRAU DE ESCOLARIDADE: SUPERIOR

ELEITOR INSCRITO NA 161. ZONA ELEITORAL sob nº

DECLAROU que o seu defensor é o doutor MOACIR CORREIA FILHO e ALBIZU, de
nome Nêgo RONALDO EBIZU.

Depois de cientificado da acusação, passou o réu a ser interrogado de acordo

com o artigo 183, incisos I a VIII, do Código de Processo Penal, e as perguntas for-

muladas pelo Meritíssimo Juiz de Direito, respondeu: que no dia 06 de abril

de 1992, a interrogada levantou-se por volta das 11:30 horas -

ocasião em que chegou a residência da interrogada Eliane Borba

MATU...

Mateos; que por volta das 14:00 horas a interrogada foi ao Banco do Estado do Paraná em companhia de Maria José Conceição indo em seguida até o Shopping Avenida; que logo depois do Shopping a interrogada foi a casa atender seus filhos só saindo posteriormente por volta das 20:30 horas quando foi ao centro da Dona Hortensia na companhia de Aníbal Costa, Margarete, Heloisa, André, Osvaldo, de Paula, André esposa de Osvaldo; que por volta da 21:30 horas a Dona Carmelita Cristofolini, mãe de Sergio solicitou a presença da interrogada e das demais pessoas que ali se encontravam para que fossem até a casa dos pais da vítima, os quais estavam pedindo que fossem feitas orações para encontrar a criança desaparecida; que fizeram as orações num quartinho da casa da vítima, ocasião em que a interrogada telefonou para sua casa e falou com sua mãe, ocasião em que a mãe disse que sua filha Duda estava sangrando pelo nariz quando pediu que a mãe fosse para casa para ^{atendê-la} atendê-la; que a interrogada informou ao grupo que iria embora e não podia continuar nas orações, que os parentes da vítima disseram que continuariam as orações na casa de Osvaldo, pedindo a interrogada que levasse algumas pessoas do grupo até a casa do mesmo; que assim a interrogada levou em seu carro, Heloisa, Margarete, Dona Hanci e a neta, André e a interrogada; que a interrogada deixou tais pessoas na casa de Osvaldo e foi para sua casa, que isto por volta das 24:00 horas; que no dia 07 como sempre a interrogada levanta-se tarde sendo que por volta das 14:00 horas chegou Eliane Norbu com a qual a interrogada estava fazendo um projeto para a Prefeitura; que Eliane saiu da casa da interrogada por volta das 16:30 horas mais ou menos; que quando a família se preparava para tomar o café da noite, o pai da interrogada ^{lembrou-se que} havia sido convidado para uma festa de aniversário de Nelson Bode, amigo da família e proprietário de um posto de gasolina; que nesse momento chegou Luciano José Travenço e Adriano pároco da cidade, os quais permaneceram na residência da interrogada com seus irmãos e seus filhos, sendo que sua mãe foram para a festa de aniversário; que por volta das 21:00 horas aproximadamente chegou o grupo anti sequestro conhecido como TIGRE o qual procurava pelo pai da interrogada alegando



Interrogatório de J. B. B. B.

3

ocasião Paulo Brasil que disse que impediu a imprensa de divulgar o desaparecimento da criança; que segundo Paulo Brasil, e depois foi confirmado pelos agentes da TIGRE, esta é que tinha pedido para que o caso de desaparecimento não fosse divulgado, pois a criança poderia estar na mão de um psicopata, e portanto correria risco de vida; que a interrogada os motivos porque Diogenes soube de varios panfletos contra o seu pai, bem antes dos fatos; que no dia 06 e no dia 07 de abril a interrogada esteve na companhia de Airton Bardelli e Sergio Cristofolini; que a interrogada conheceu Osvaldo Marceneiro em fevereiro de 1992, em data que não se recorda, mais pelo final do mês, ocasião em que o mesmo foi até sua casa jogar buzios, na casa da interrogada; que na época Osvaldo jogava buzios no antigo mercado Municipal; que a interrogada não sabe a data certa em que Osvaldo montou o centro na Rua Lamartine, e se recorda que o mesmo começou em março deste ano; que no centro de Osvaldo "encorporava" Osvaldo, de Paula, Andrea, que é lúbrica, e que a interrogada é umbanda; que em determinada data a interrogada presenciou parte de sacrifício de uma galinha, sacrifício este feito na cozinha da casa de Osvaldo; que os alquidares ^{são} usados para colocar comida e oferendas, ao santo de cada participante; que não vê a interrogada nenhum motivo para ser acusada por Osvaldo Marceneiro; que conheceu Vicente de Paula Ferreira no centro de Osvaldo não sabendo de onde veio, somente que é amigo de Osvaldo; que conheceu Davi dos Santos Soares no centro de Osvaldo; que a interrogada chegou a ir várias vezes com Osvaldo, Vicente e Davi assim como outras pessoas em outro centro fazer trabalho; que o carro da interrogada foi em prestado ao grupo TIGRE para proceder investigações por duas semanas, bem como o carro da mãe da interrogada sendo que este ficou com o grupo até voltarem para Curitiba; que a interrogada chegou a perguntar ao grupo TIGRE a um agente de nome Blacknei o qual havia investigado a vida de Osvaldo em São Paulo e havia concluído que tratava-se de uma boa pessoa, e que a interrogada podia continuar frequentando



[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

[Handwritten mark]

Estado do Paraná
PODER JUDICIÁRIO

5959
COMANDO

... alegando que poderia frequentar o seu centro; que tomou conhecimento posteriormente a interrogada que no dia da viagem da mãe de Sérgio Cristofolini que os agentes do grupo TIGRE estavam na casa desta e chegaram a tirar uma fotografia com Cavaldo Marceneiro; que quem acompanhava o Grupo TIGRE nas investigações era Paulo Brasil funcionário da Prefeitura por que o grupo não conhecia a cidade; que conheceu Paulamento como amigo de Marceneiro; que no dia que encontraram o corpo da criança, a família chamou a mãe da interrogada na residência, ocasião em que a interrogada acompanhou ^{para} a família, chamar médico e atender a família; que a interrogada não chegou a ver o corpo da criança; que sendo-lhe apresentado o jornal folha de Curitiba no período de 16 a 30 de abril e 1992, onde a família presta uma homenagem a Evandro, acredita a interrogada ser de sua mãe Colina Abagge; que no dia 02 de julho por volta das 8:30 - horas quando a interrogada havia apertado levantado - chegaram na sua residência, vários policiais em número aproximado de doze, os quais disseram que sua mãe e a psicóloga estavam presas; que a mãe da interrogada chamou seu pai que estava no banho; que assim que seu pai chegou perguntou aos policiais sobre o mandado de prisão, os quais disseram que estavam no Fórum, as quais foram levadas ao Fórum da Comarca; que os policiais inicialmente não deixaram o pai da interrogada chamar o advogado; que posteriormente seu pai conseguiu entrar em contacto com o Dr. Silvio Bononi, o qual - foi a casa da interrogada; que assim a interrogada tranquilizou seu pai que iria ao Fórum, e assim tudo ficaria esclarecido; que assim, a interrogada foi na companhia do advogado e de um policial até o Fórum; que lá foram colocadas na sala de audiência; - que estava na esquina de Fórum o inimigo pessoal da família Diogenes Vactano dos Santos, tio somente, tio do menino; que dentro do Fórum o policial chamou a interrogada de amante de Cavaldo e tratava a interro

[Handwritten signatures and initials]

a interrogada como psicóloga, ocasião em que delivrou uma
 também Sheila que é psicóloga; que a declarante notou
 que os mesmos não sabiam a quem queriam prender; que em
 razão da gritaria e confusão na ocasião a interrogada
 não sabe quanto tempo ficou no Fórum; que um dos polí-
 ciais ruivo e de bigode, o qual fechou o Dr. Silvio Be-
 noni, levaram a interrogada e sua mãe num Gol Branco -
 ocasião em saíram em alta velocidade em direção a Garu-
 va, sendo que no entanto haviam coberto o resto da in-
 terrogada e de sua mãe, somente soube que era na estrada
 da de Garuva porque houve troca de carros no meio do
 caminho sendo que a interrogada e sua mãe estavam jun-
 tas e depois foram separadas; que quando a interrogada
 entrou no primeiro carro, tinha armas no assento de car-
 ro sendo que um dos policiais depois as tirou; que a in-
 terrogada ficou no carro por uns 40 kilometros por estradas
 secundárias, sendo que chegaram a errar o caminho por
 guizado pelo posto policial a pessoa; que ^{em} determinado mo-
 mento pararam, ocasião em que abriram o porta malas, ten-
 do a interrogada ouvido um barulho de arrebentar um en-
 dedado; que um policial levou a interrogada a uma casa -
 onde alertou a interrogada que havia um degrau pequeno
 e um grande; que em seguida o policial levou a interroga-
 da a um quarto e colocaram um venda nos olhos e em segui-
 da um dos policiais sentou-se de frente a interrogada di-
 zendo que deveria dizer o que eles queriam "que se não -
 fosse por bem seria por mal"; que a interrogada insistiu
 que não cometera crime nenhuma e que nada tinha a dizer, e
 no entanto continuaram as ameaças, ocasião em que um dos
 policiais tirou a roupa para da interrogada, dizendo que 16
 policiais iriam estupra-la; que chegaram a iniciar atos -
 libidinosos com a interrogada passando a mão pelo corpo -
 que a interrogada tentou reagir ocasião em que levou um
 tapa ou um soco e acredita que desmaiou; que quando vol-
 tou a si se encontrava em outra casa sem roupa; que como
 a interrogada não queria dizer o que eles queriam um dos
 policiais gritou "afogamento" após em seguida após várias





Estado do Paraná
PODERA JUDICIÁRIO

tentativas com água e sabão; que em seguida um po-
 licial ventiu a interrogada e colocou uma pedaca ajou-
 lhada em frente a interrogada, mandando que a mesma pe-
 guesse na mão para reconhecer; que era Osvaldo Marcenei
 o qual a interrogada reconheceu pela voz, o qual disse para
 a interrogada dizer o que eles queriam sabão morreria ali
 logo em seguida a interrogada desmaiou, e assim que voltou
 a si, começou novo barulho na casa quando ouviu a voz de
 mão; que esclarece a interrogada que foi ao banheiro e re-
 beu um tapa, onde acordou e de lá ouvia os gritos de sua mãe,
 que ameaçava a interrogada e colocaram num detector de meti-
 nas; que em seguida amarraram uns arames nos dedos de inter-
 rogada e deram choque; que em seguida diziam o que a inter-
 rogada devia falar; que a interrogada com o choque chegou a
 se urinar e evacuar na calça e daí disseram: " agora voce
 vai repetir esse estória, direito genão voce vai ver; que no
 local havia muito barulho; que a interrogada não se lembra e
 que contou em razão das torturas recebidas; que a interroga-
 da não consegue lembrar o conteúdo de sua confissão, digo, e
 que falou aos policiais. E, como nada mais digo, que a in-
 terrogada permaneceu na referida casa das 9:00 horas até
 15:30 horas, ocasião em que o Fórum estava cheio de gente;
 que antes de ir ao Fórum lhe deram uma bebida que a interro-
 gada não sabe o que é, sentindo apenas gosto de bebida alco-
 lica. De que para constar lavrei o presente termo que lido e
 e achado conforme vai legalmente assinado, em 10/01/80 do
 crivã que o datilografei e o subscrevi

11/01/80
15.50

COMARCA DE SÃO J.
5961
COMARCA DE SÃO J. - SÃO J.

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]



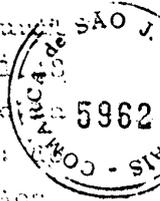
do do Paraná

PODER JUDICIÁRIO



7ª DEFENSORIA: (Defesa-Celina e Abagge)

SILVIO OTAVIO DOS SANTOS BONOMO, natural de Porto Alegre-RS, nascido aos 21.11.1933, advogado, filho de Moneyr Bonomo e de ... dyr dos Santos Bonomo, residente à R. ... Campo, s/nº - Cadeiras, Guaratuba-PR. Aos



costumes disse: Pela ordem o Ministério Público requer a ... contradita da testemunha pelas razões seguintes: que a tes- temunha é ass. digo, ora ou é assessor jurídico da Prefe- tura Municipal de Guaratuba, contratado pelo Sr. Aldo Aba- ge; que também a testemunha como advogado e neste mister, acompanhou e interrogatório das acusadas Celina e Beatriz Abagge, conforme fls. 95 verso e 96 verso dos autos, como de- fensor das mesmas, e que toma seu depoimento sob o sigilo de fé e recusa nos impedimentos de artigo 207 do Código de Pro- cedimento Penal. Que o assessor de acusação ratifica os ter- mos da contradita do Ministério Público. Perguntado à tes- temunha disse: que a testemunha realmente é assessor jurí- dico do Município de Guaratuba, que também acompanhou os interrogatórios na fase policial das acusadas Celina e Bea- triz Abagge na data das suas prisões. Que veio a Juízo na qualidade de informante, o que não o impede de dizer a verdade. Dispensado pelo Dr. Defensor de Celina e Beatriz Abagge a resposta a contradita. Aceita a contradita, proca- a testemunha a prestar declarações como informante, deina- do de prestar o compromisso legal. INQUIRIDO RESPONDEU: PERGUNTAS, digo, Que o informante só tem conhecimento dos fatos narrados na denúncia, após a efetivação das prisões das acusadas Celina Abagge e Beatriz Abagge. PERGUNTAS PELO DEFENSOR DA ACUSADA CELINA CREDITO ABAGGE: Que por volta das 08:00 (oito) horas da manhã mais ou menos, do dia doze(12) dias do mês de julho(07) de um mil novecentos e noventa e dois(1992) se encontrava na sua residência, que de repente um telefonema do Sr. Aldo Abagge o qual informa- tava que havia a volta de sua testemunha, pediu a compare-

[Handwritten notes and signatures on the left margin]

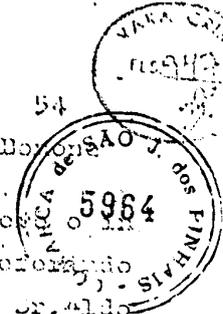
[Handwritten signature]



Estado do Paraná
PODER JUDICIÁRIO

...continuação depoimento de Silvano O. dos Santos

54



...Que a reação do policial foi porque em tom despectivo disse: "colte que não é esta a moça" se referindo à moça. Que nesse momento, houve interferência do Sr. Elido Abagge que pediu calma, quando o informante fez a seguinte proposta aos policiais, já que não tinham o mandado que segundo eles próprios viria tal mandado por um Promotor de Justiça, que todos se dirigissem ao Fórum da Comarca, ou seja, o informante, as acusadas Colina e Beatriz e os policiais, o que foi aceite por eles. Que nesse momento, já em frente à casa do Prefeito havia uma pequena concentração de pessoas. Que antes de sair da residência, o informante ligou à casa do Juiz quando foi atendido por uma voz de homem, o qual disse que o Juiz os atenderia no Fórum da Comarca. Que assim dirigiram-se ao Fórum da Comarca sendo que as acusadas Colina e Beatriz foram com o informante no carro do próprio informante juntamente com a irmã de Beatriz, Sheila Abagge, sendo que os policiais seguiram o veículo nas viaturas. Que ao contrário do que foi informado por telefone, quando chegaram no Fórum a Juíza ainda não se encontrava no recinto do Fórum. Que permaneceram no interior do Fórum, aguardando a presença do Promotor de Justiça, tendo o informante, as acusadas e a irmã de Beatriz, Sheila, na sala de audiências. Que daí alguns minutos, o policial mais baixo acompanhado de um outro entraram na sala das audiências e chamaram Colina e Beatriz Abagge, sem mostrar ao informante o documento que portavam. Que nesse momento, o promotor que estava aguardando ainda não havia chegado no Fórum. Que os policiais com essa chamada, pretendiam tirar as acusadas do interior da sala de audiências. Que o informante levantou-se para acompanhá-las, sendo que foi impedido por esse policial mais baixo, dizendo: "eu vou te contar realmente o que está acontecendo". Que o referido policial esclareceu que o Promotor estava dormindo um pouco e queria levá-lo para que...

Handwritten notes and signatures:
 up front
 [Signature]
 [Signature]
 [Signature]
 [Signature]

Handwritten signature



...deveria ter sido...
 ...que nesse momento, o informante ouviu a arrancada de ve-
 culos, provavelmente mais de um, em alta velocidade, tendo
 então o policial se dirigido ao informante, de forma irô-
 nica dizendo o seguinte: "meu serviço está terminado, vou
 procurar as suas clientes". Que logo após, fez sinal de
 calma e disse: "eu estou brincando, digo, que logo após, fez
 sinal de calma, dizendo: "eu estou brincando, elas foram le-
 vadas para prestar depoimento na Polícia Federal em Para-
 naguá". Que em seguida, o informante dirigiu-se na compa-
 nhia do Sr. Aldo, Sheila, digo, que em seguida, o informan-
 te dirigiu-se até a casa do Sr. Aldo, na companhia de Shei-
 la, quanto seu conhecimento no mesmo dos fatos que datou
 deu como irregulares e se dirigiu na companhia de Sheila,
 até a Polícia Federal em Paranaguá. Que lá foi recebido pe-
 lo delegado, salvo engano do depoente, Dr. Chacira, o qual,
 informou ao informante que a Polícia Federal estava ape-
 nas dando "cobertura" ao serviço da P2, serviço de infor-
 mações da Polícia Militar e que qualquer irregularidade
 seria por conta e responsabilidade da P2. Que informou ain-
 da o Dr. Delegado ao que era desajeitado o informante fa-
 zer queixa de rapto, que era sua intenção, porque realmen-
 te havia sido expedido um mandado judicial contra as acu-
 sadas Celina e Beatriz, assinado pelo Juiz da Comarca de
 Curitiba. Que constatou então o informante de que havia
 sido vítima de manobra que o afastou de suas clientes e
 que as mesmas estavam em local diverso daquele nomeado
 pelos policiais, o que o preocupou muito. Que todo esse
 fato ocorreu no período da manhã, que entendeu o informan-
 te de que esse local não seria nem na presença do Ministé-
 rio Público nem na presença do Juiz, pois se assim fosse
 não estaria preocupado. Que os fatos se passaram das 08:30
 (oito e trinta) horas até às 11:30 (doze e trinta) horas.
 Que em seguida, já no período da tarde, o informante vol-
 tou à Curitiba dirigindo-se ao Fórum e na Delegacia de

[Handwritten signatures and notes on the right margin, including a large signature that appears to be 'João Carlos' and another that says 'Delegado'.]

...elas estavam sendo levadas pelo Juiz. Dr. Comarça. que
 ...o que tranquilizou o informante. Que o informante constata-
 tou que havia sido enganado pelos policiais, pois suas
 clientes não estariam sendo cuidadas pelo Juiz. Que esclara-
 reço o informante que o Promotor de Justiça que se encontra-
 vava no Fórum naquela ocasião não era o Doutor Antonio
 Cesar Cioffi de Moura, aqui presente. Que nesse momento, já
 havia uma grande aglomeração de pessoas em volta do Fórum,
 sendo necessário fazer um esquema de segurança, para reti-
 rar as acusadas do Fórum, as quais quando saíram, mesmo
 com segurança, teve contra si tentativa de agressão física,
 fato este que foi divulgado pela imprensa, ou seja, foi
 filmado. Que o informante saiu na companhia de Sheila
 dirigiu-se ao Ferry boat, onde realmente se encontrava as
 acusadas, digo, onde se encontrava o barco especial para
 travessia. Que antes disso, o informante havia solicitado
 atendimento médico à dona Celina, ainda no interior do Fo-
 rum, pois a mesma se encontrava muito abalada psicológica-
 mente. Que realmente o médico atendeu e acompanhou e sa-
 bendo que a mesma teria que prestar depoimento optou por
 lhe ministrar sedativos. Que o informante só pode conversar
 com tranquilidade com as suas clientes, na companhia da Po-
 lícia Militar e já caiu a noite. Que as acusadas quando o
 informante pode conversar com as mesmas, estavam literal-
 mente em estado de choque ao contrário do que estavam por
 lá manhã quando gozavam de perfeita saúde. Que o informan-
 te chegou a constatar sinais de servícios em Beatriz Abur-
 ge, consistentes em pontos nos dedos polegares produzidos
 por choques elétricos, um hematoma no rosto e algumas es-
 coriações leves. Que o informante imediatamente apresentou
 a acusada ao Dr. Favetti, Secretário de Segurança, junta-
 mente com um Promotor, solicitando providências, ou seja,
 que as acusadas fossem submetidas a exame de lesões corpo-
 rais antes de prestar o depoimento. Que o Sr. Secretário
 garantiu ao informante que seriam cuidadas rapidamente e
 em seguida levadas à Curitiba, no Instituto Médico Legal,



[Handwritten signatures and notes on the right margin, including names like 'Favetti' and 'Comarça']



Estado do Paraná
PODER JUDICIÁRIO



...continuação depoimento de Silvio C. dos Santos Bonomo

...onde seriam submetidas a exame de lesões corporais. Que no entanto, tal exame só foi realizado vinte e quatro (24) horas depois, que as escoriações apresentadas por Beatriz eram localizadas no rosto nos braços e nas pernas, aparentemente que alguém muito forte a havia segurado. Que na camiseta de Beatriz tinha fezes humanas, nas costas. Que Beatriz ainda esclareceu ao informante nos seguintes termos: "me deram tanto choque que me trinci e me caguei". Que Beatriz ainda disse que estava sem sua calcinha, e que a calcinha teria sido tirada pelos policiais que aproveitaram a situação, tiraram toda a roupa de Beatriz a deixando nua na presença deles. Que perguntado à Beatriz pelo informante se havia sido violentada a mesma disse que não, porém, foi tocada em todos os lugares, se referindo às suas partes íntimas. Que a acusada Celina não apresentava sinais visíveis de violência, mas reclamava ter sido espancada na altura do abdômen e estava no estado geral, pior que Beatriz. Que esclareceram as acusadas na ocasião que não tinham condições de identificar o local para onde foram levadas, porque tiveram suas cabeças cobertas e que foram obrigadas a gravar uma fita. Que segundo as acusadas, as perguntas seriam feitas e se as respostas não fossem satisfatórias levariam choque. Que a acusada Beatriz tentou passar na fita mensagens de socorro por várias vezes, sendo que uma delas ela logrou êxito. Que segundo Beatriz ela conseguiu através da expressão "dinheiro e justiça" para a sua família, com a palavra "justiça" por incoerência ao que estava declarando e mostrar que estava sendo covardizada. Que o informante acompanhou os dois interrogatórios e tem um detalhe a esclarecer. Que o informante é testemunha de que viu o Capitão Neves covardizar a acusada Beatriz Abagge, chacoalhando a mesma e pegando pelos pulsos, dizendo: "você vai dizer o que nós combinamos, você é filha de..."

[Handwritten notes and signatures on the left margin]

[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Handwritten signature]



...prisioneiro, de voz "do diabo" e "do inferno".
 ...empurrou a porta do recinto onde se encontrava Beatriz,
 inclusive empurrando o policial que estava fardado e arma-
 do e guarnecendo o alojamento na companhia e dirigiu-se
 ao capitão Neves que não admitiu o que ele estava fazendo.
 Que o capitão Neves respondeu ao informante: "cada um na
 sua, o meu é prender e o seu é soltar e não te mete con-
 igo porque vai se arrependor". Que quando foi elevada as vo-
 zes, chamou o Promotor para ver o que estava acontecendo,
 ocasião em que constatou o que estava acontecendo, ou seja,
 a alteração de vozes, deixando então o informante fi-
 car mais uns minutos na companhia de sua cliente, Beatriz,
 Beatriz, que o Promotor tem conhecimento do motivo daque-
 la alteração, porém, não era o doutor Cloffi aqui presen-
 te. Que aqui na companhia estavam presentes três promoto-
 res, sendo que este era o mais jovem dos três. Que tanto
 o informante como o Sr. Roberto Machado que também esteve
 presente por ocasião do interrogatório das acusadas na su-
 a se policial assinaram tais depoimentos sob protesto por-
 que os promotores de justiça resumiram o que as acusadas
 relataram com riqueza de detalhes com relação às sevícias
 sofridas em frases lacônicas, que virtualmente desfigurava-
 vam a gravidade das agressões sofridas. Que o horário cons-
 tante dos mandados, digo, que o horário constante dos
 mandados de prisão temporária de Fls. 23vs. e 24vs. dos au-
 tos de pedido de prisão temporária sob nº 04/92 (04/92) são
 falsos, porque neste horário as acusadas se encontravam
 no interior do Fórum. Que em razão das ligações com a fa-
 mília abriga e participação profissional, o informante so-
 freu ameaças por telefone e outras, que se concretizaram
 até perante as câmeras de televisão, além do apedrejamen-
 to de residências do informante. Que o informante solicitou
 a abertura de inquérito nos dois bairros, sendo que a apre-
 são física foi feita pelo cidadão Diógenes Caetano dos
 Santos Filho, que fatalmente uma das pessoas que incitou
 o apedrejamento da casa do Prefeito e da Prefeitura. Foi o

[Handwritten signatures and notes on the right margin, including a large signature that appears to be 'Beles' and other illegible scribbles.]

...Beatriz e Airton Bardelli...
 ocasião em que informou de que o mesmo corria risco de
 ser preso, pois os comentários na cidade eram nesse senti-
 do. Que o informante aconselhou-o a sair da cidade e vol-
 tar com advogado. Que Bardelli disse que já havia recebido
 outro conselho do Dr. João Moro no mesmo sentido, porém,
 não ia sair da cidade porque nada devia e teriam que mon-
 tar muita coisa para ligá-lo ao crime. Que disse ainda
 Bardelli que quem não deve não teme e saiu rindo. Que nes-
 se dia, Airton Bardelli levou os filhos de Beatriz num au-
 tomóvel da família desta, à Curitiba, retornando à noite
 do mesmo dia. Que para o informante Airton Bardelli não é
 pessoa violenta e que o mesmo se relaciona bem socialmen-
 te. Que tem conhecimento o informante que Airton Bardelli
 se relaciona muito bem com sua ex-esposa e com os filhos,
 nunca tendo apresentado sinal nenhuma de violência. Que em
 Guaratuba se comenta de que o único crime de Airton Bar-
 delli é ter empregado da família Abagge. **DEFENSOR PÚB-
 LICO DO ACUSADO VICENTE DE PAULA FERREIRA:** Que o infor-
 mante conhece Vicente de Paula Ferreira como vendedor de
 artesanato e porque o mesmo fazia parte da associação dos
 artesãos. Que o informante nunca viu qualquer relaciona-
 mento entre Vicente de Paula Ferreira e as acusadas Celi-
 na e Beatriz e que nunca os viu juntos e nem soube de ou-
 vir dizer. Que ouviu dizer o informante que o pai de Swan-
 dro não se dava com seu primo Dígences e que o relaciona-
 mento só voltou após o desaparecimento de Swandro. **DEFEN-
 SOR PÚB- LICO DO ACUSADO OSVALDO MARCENARO:** Que o
 informante voltou ao Fórum na data da prisão de Celina e
 Beatriz por volta das 15:30 (quinze e trinta) horas. Que
 ele chegou. Que as acusadas saíram do Fórum com destino à
 companhia da Polícia Militar de Matinhos por volta das 17:
 00 (dezenove) horas. Que o informante acompanhou as duas
 clientes, inclusive no ferry boat especial, chegando junto
 com as acusadas na companhia. Que decoraram aproximadamente
 quarenta (40) minutos no trajeto e travessia. Que o infor-
 mante permaneceu na companhia da polícia militar até o



[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]



Estado do Paraná
FORUM JUDICIARIO

58



...continuação depoimento de Silvio C. dos Santos Donenc.

...até 01:00 (uma) hora da manhã, sendo que quem acompanhou as acusadas até Curitiba, foi o Dr. Roberto Machado. Que o informante não se lembra se tinha algum funcionário do Fórum ou oficial de Justiça na companhia, digo, oficial de Justiça da Comarca na companhia no dia da prisão. Que só tomou conhecimento da prisão dos demais envolvidos pela imprensa, após a prisão de Celina e Beatriz foi que o informante tomou conhecimento, pela imprensa, como já disse, que na ocasião lhe foi informado que um ou outro dos acusados também estaria nesta companhia, mas o informante não chegou a vê-los. Que na ocasião, quem datilografava os interrogatórios dos presos eram, digo, era um delegado especial do caso e as perguntas eram feitas pelo Ministério Público em número de três promotores, sendo que um deles não formulava perguntas, dizendo que estaria em férias.

PERGUNTAS PELA DEFENSORA DO ACUSADO DAVI DOS SANTOS SOARES: Não Houve. PERGUNTAS PELA DEFESA DO ACUSADO FRANCISCO SERGIO CRISTOFOLINI: Não houve. PERGUNTAS PELO MINISTÉRIO PÚBLICO: Que o informante não percebeu na manhã do dia dois (02) quando chegou ao Fórum a presença de alguma pessoa nas imediações, digo, alguma pessoa nas proximidades do Fórum, mas haviam várias pessoas, que essas várias pessoas mencionadas pelo informante não passavam de dez (10) pessoas, sendo que à tarde formou-se uma pequena multidão, que o médico que prestou atendimento a dona Celina, foi o Dr. Acemar Silva, da cidade de Guaratuba, que o referido médico acompanhou dona Celina inclusive, na travessia do ferry boat, não tendo certeza o informante se o mesmo permaneceu na companhia da Polícia Militar aqui em Matinhos. Que Beatriz no dia dois (02) de julho (07) quando o informante se avistou com ela na companhia da Polícia Militar, ela estava vestida com saia e calça comprida, que o informante viu as escoriações nas pernas de Beatriz e, perguntando a ela se levantou a calça comprida, respondeu que sim, que sim.

Handwritten notes and signatures on the left margin:
 - *Carituba*
 - *Dr. Roberto Machado*
 - *Dr. Acemar Silva*
 - *Dr. Roberto Machado*
 - *Dr. Acemar Silva*

Handwritten signature at the bottom of the page.

...escrições estavam próximas à porta da cela. A forma
já esclarecida pelo informante, que as conversações no lar-
go eram realizadas nos antebraços e nos dedos poleg-
res. Que o informante conversou com suas clientes em perí-
odos alternados por aproximadamente quarenta(40) minutos,
que o informante conversou por quarte(04) ou cinco(05) mi-
nutos com suas clientes Beatriz e Celina em separado, cu-
da uma, antes das mesmas serem interrogadas pela autori-
dade policial e Ministério Público. Que o informante não
consegue ligar o nome do Dr. Julio Claudio Cordeiro Bis-
cuis ou Biscuit, advogado, por isso não sabe se o conhe-
ce. Que a pedido do Sr. Aldo Abage veio outro advogado
que acompanhou parte do interrogatório da acusada Beatriz
Abage, não se recordando se o mesmo acompanhou também o
interrogatório de dona Celina. que o informante não repre-
sentou formalmente contra o capitão Neves porque repre-
sentou verbalmente ao secretário de segurança que aqui
se encontrava presente, digo, secretário de segurança, Dr.
Livatti que se encontrava presente aqui, o qual prometeu
ao informante tomar as providências cabíveis. que hoje o
informante não se recorda do nome dos três promotores
que acompanharam o interrogatório das acusadas, sendo que
na ocasião foi-lhe dito, porém, um detalhe que passou
depreciable do informante, mesmo porque consta dos au-
tos. que o informante não pode informar se os três promo-
tores assinaram os interrogatórios, mas pelo menos um
seguramente assinou e o outro alegou que estava em férias.
que o Promotor que presidiu os interrogatórios era o
mais jovem dentre os três, relativamente alto, moreno
claro, barba rala, bem apessoado apresentando trinta
e cinco(35) anos no máximo. que para o informante o refe-
rido promotor não era cãdigo, não aparentava ser calvo.
que o outro Promotor que alegou estar em férias era mais
baixo, mais gordo, apresentando cinquenta(50) anos, moreno
claro. que não prestou atenção o depoente se o mesmo era
calvo. que o terceiro promotor aparentava cinquenta(50)
anos, moreno, de cabelos grisalhos e um pouco gordo. que
na ocasião dos interrogatórios o papel do Delegado espe-
cial era de mero datilógrafo sendo que o mesmo era leu-



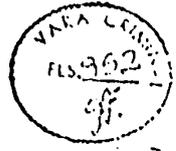
Handwritten signatures and initials on the right margin.

Large handwritten signature or stamp on the right margin.



Estado do Paraná
PODER JUDICIÁRIO

59



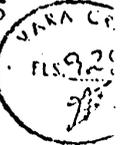
...continuação depoimento de Silvio.C.Santos Bonomo.

...louro, gordo, estatura mediana e também fazia pergun-
tas às acusadas, com interferência dos promotores. Que
por interferência entendeu o informante quando o Sr. Dele-
gado especial se dirigia aos promotores, perguntando "tá
bem assim?". REFERÊNCIAS PELO ASSISTENTE DE ACUSAÇÃO: Não
houve. E, como nada mais foi dito e nem perguntado, deu-
-se por findo o presente termo que lido e achado conforme
é devidamente assinado. Su, [assinatura] Múrcia Célia Bur-
coski, escritã designada que datilografei e subscrevi.

[Handwritten signatures and stamps]
[Illegible handwritten signatures]
[Illegible handwritten signatures]



Estado do Paraná
PODER JUDICIÁRIO



1ª TESTEMUNHA: (Defesa-Celina C. Abagge)

NELSON CORDEIRO, natural de Guaratuba-PR, com 53 anos de idade, comerciante, filho de Alexandre Nunes Cordeiro e de Francisca da Silva Cordeiro, residente à R: Carlos Magalhães 195, Guaratuba-PR. Aos costumes disse:

contradita a testemunha pelo Ministério Público, pelas razões seguintes: Que a testemunha é amigo de muitos anos da família das denunciadas Celina e Beatriz, e em especial de Aldo Abagge, marido e pai das denunciadas e, que em razão desta amizade possuía com exclusividade o fornecimento de combustível à Prefeitura Municipal por liberalidade do prefeito, desde o início da gestão. O Assistente de acusação contradita a testemunhas nos mesmos termos aduzidos pelo Ministério Público. Perguntado à testemunha, disse que o depoente se considera amigo da família, mas nem por isso, digo, mas vem em Juízo contar a verdade. Que realmente fornece combustível até a presente data, à Indústria de Madeiras Abagge, mas não à Prefeitura Municipal, que é fornecida por seu filho, empresa autônoma. Indeferida a contradita da testemunha, presta compromisso legal, advertido sob as penas da Lei. Inquirido respondeu: Que sobre os fatos narrados na denúncia, o depoente nada sabe. Que tem a esclarecer o depoente que faz aniversário no dia seis de abril, sendo que este ano, em razão da ausência de seu filho, Celso Cordeiro, o depoente resolveu comemorar no dia sete de abril de 1992. Que várias pessoas da cidade, em número aproximado de trinta, compareceram à residência do depoente. Que entre os convidados, estavam o Sr. Aldo Abagge e a acusada Celina Abagge, os quais foram convidados por telefone. Que o casal compareceu à residência por volta das 21:05 (vinte e uma e cinco) horas, lá permanecendo até 24:00 (vinte e quatro) horas aproximadamente. PERGUNTAS PELA DEFESA DA RE CELINA CORDEIRO ABAGGE: Que entre os presentes estavam na residência do depoente as

597

[Handwritten signatures and notes on the left margin]

[Handwritten signature]



...seguintes pessoas: Sr. Inácio, inquilino do depoente
 seu filho, seu filho Celso Cordeiro, Sérgio, pintor, Cláudio
 do Banco do Estado do Paraná, Edmundo Szulinski, Ailton Ba-
 tista Vieira, vereador e esposa, e outras pessoas que o depo-
 ente não se recorda. Que agora se recorda que estava presen-
 te também Valtor de Souza da Serveteria Consucesso. Que por
 volta das 22:00 horas, começou a chover, quando então o de-
 poente teve que tirar a mesa que estava do lado de fora, co-
 locando no interior da casa. Que os chuveiros durou aproxi-
 madamente quinze(15) minutos. Que o vereador Edilio da Silva
 se encontrava também na festa. Que esclarece o depoente que
 não tem certeza da presença de Edilio da Silva. Que foi a-
 bastecido no posto do depoente um veículo de propriedade de
 dona Celina, pela manhã, no dia seis de abril. Que não tomou
 conhecimento na ocasião se o carro estava sendo abastecido
 para uma viagem. Que o depoente conhece as acusadas Celina
 e Beatriz, bem como Dr. Aldo Abagge há aproximadamente quin-
 ze(15) a dezoito(18) anos. Que as contas da família Abagge
 eram sempre acertadas em dia, de igual forma, as contas da
 serraria. Que do tempo em que o depoente conhece as acusa-
 das Celina e Beatriz, sempre foi por elas bem tratado, ten-
 do ido alguma vez na residência, quando a dona Celina e
 seu marido o recebia muito bem, nada sabe portanto, que de-
 sabone a conduta dos mesmos socialmente. Que tem conhecimen-
 to o depoente que a dona Celina Abagge cuidava de três cre-
 ches na Cidade de Guaratuba, fato este, constatado pelo de-
 poente quando procedeu doação há um(01)anos atrás às referi-
 das creches. Que foi por incitativo do depoente
 que procurou a esposa do prefeito, dona Celina, pedindo ori-
 entação à mesma, que concordou. Que a doação consistiu em
 carne temperada e verduras e legumes. Que acha o depoente
 que dona Celina Abagge era uma pessoa preocupada com o bem-
 estar das crianças, sendo que, na data em que foi levar a
 doação presenciou a procura das crianças pela mesma, e na
 manifestações de carinho para com as crianças da creche. Que
 as crianças também manifestavam carinho para com a mesma.
 Que o depoente conhece o Sr. Aldo Abagge, desconhecendo qual

Handwritten signature/initials

Large handwritten signature/initials

Handwritten signature



31/4/81
fls. 929
SAC

...continuação depoimento de Nelson Cordeiro

Estado do Paraná
PODER JUDICIÁRIO

...quer fato que desabone a conduta do mesmo, sendo que sem
pre foi bem tratado pelo mesmo, nas vezes que esteve na
vidência do mesmo. Que as vezes que o depoente foi na casa
do Sr. Aldo Abagge, foi para entregar veículos que foram le-
vados ou abastecidos no seu posto. **PERGUNTAS PELO DEFEN-
SOR DA RÉ BEATRIZ CORDEIRO ABAGGE:** Que o depoente conhecia
também a acusada Beatriz Abagge, nas oportunidades que a
mesma levava seu carro para lavar ou abastecer no posto de
propriedade do depoente. Que tem conhecimento o depoente de
que a acusada Beatriz Abagge adotou uma ou duas crianças,
não tendo bem certeza. Que o depoente não sabe qualquer fa-
to que desabone a conduta da acusada Betriz. Que na noite
da festa, tanto o Dr. Aldo Abagge, como dona Celina se com-
portavam normalmente, não tendo notado o depoente qualquer
modificação no comportamento de ambos, que cumprimentaram
todos os presentes, tendo inclusive, o Sr. Aldo Abagge ini-
ciado uma pequena discussão com Eduino Sadsinski a respei-
to de política. **PELO, digo, PERGUNTAS PELO DEFEN-
SOR DO RÉU OSVALDO MARCINEIRO:** Não Houve. **PERGUNTAS PELO DEFEN-
SOR DO RÉU VICENTE DE PAULA FERREIRA:** Não Houve. **PERGUNTAS
PELA DEFENSORA DO RÉU DAVÍ DOS SANTOS SOARES:** Não Houve. **PER-
GUNTAS PELO DEFENSOR DO RÉU AIRTON BARDELLI DOS SANTOS :**
Que o depoente conhece Airton Bardelli que também é cliente
do seu posto, desconhecendo qualquer fato que desabone a con-
duta do mesmo. Que o acusado Bardelli abastecia os carros
da madeireira Abagge no posto do depoente. **PERGUNTAS PELO
DEFENSOR DO RÉU FRANCISCO SERGIO CRISTOFOLINI:** Que o depoen-
te conhece o acusado Francisco Sergio Cristofolini do comér-
cio, ou seja; também abastece no posto do depoente, porém,
nada pode informar sobre os seus antecedentes ou conduta so-
cial. **PERGUNTAS PELO MINISTÉRIO PÚBLICO:** Que o depoente
convidou o Sr. Aldo Abagge por telefone, no próprio dia se-
te(7) por volta das quinze e trinta(15:30) a dezesseis(16:
00) horas, sendo inclusive, primeiramente atendido pela se-
cretária da prefeitura que passou o telefone para o Sr. Al-

[Handwritten signature]
Paulo Sérgio

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]



...Aldo Abagge. Que a ligação telefônica foi feita à Pre-
feitura Municipal. Que o adiamento foi, digo, que o adiamento da festa, foi em razão do filho do depoente, Celso, não poder comparecer, porque estava em Curitiba. Que a festa seria no dia seis(06) de abril. Que o depoente resolveu adiar a festa no dia seis(06) por volta das 14:00(quatorze) horas, quando se comunicou com a esposa do seu filho Celso. Que nos anos anteriores, o Sr. Aldo Abagge e a senhora Celi na Abagge não participaram do aniversário do depoente, mesmo porque, não foram convidados. (que o depoente convidou porque estreitou o relacionamento com o Sr. Aldo Abagge, em razão do cargo público e também, porque passou a abastecer no posto do depoente para a Madeireira Abagge. Que o depoente só viu Paulo Brasil por duas vezes na Prefeitura. Que salvo engano do depoente, o Sr. Claudio, gerente do Banco-tado, chegou por volta das 21:30(vinte e uma e trinta) horas à festa do depoente. tendo ido embora por volta das 01:00(uma) horas. Que se recorda que os últimos a saírem da festa, foram o depoente, seu filho Celso, a esposa do depoente, Cláudio e Edmundo Sadzinski. Que Edmundo Sadzinski chegou por volta das 22:00(vinte e duas) horas aproximadamente. Que o depoente não presenciou a ocorrência de qualquer fato pitoresco nessa festa. Que o depoente não se lembra se convidou o vereador Edilio. Que Edilio é conhecido da casa e poderia ter comparecido mesmo sem convite. Que a festa iniciou-se aproximadamente às 20:00(vinte) horas somente com os parentes, chegando os convidados a partir das 21:00(vinte e uma) horas. Que o depoente não sabe esclarecer qual foi o carro da família Abagge que abasteceu no dia seis pela manhã. Que, de igual forma, não sabe esclarecer quem estava dirigindo tal carro. PERGUNTAS PELO DR. ASSIS FORTES DE ACUSAÇÃO: Que os carros da madeireira Abagge e da família passaram a abastecer no posto do depoente há aproximadamente um(01) ano e pouco. Que o depoente nunca abasteceu carros da Prefeitura Municipal, porque este tem conhecimento que a empresa pública demora pagar pagar e o depoente não tem capital de giro. E, como nada mais foi dito e não perguntado, deu-se por findo o presente termo que lido

Handwritten signature

Handwritten signature

Handwritten signature

Large handwritten signature

Handwritten signature

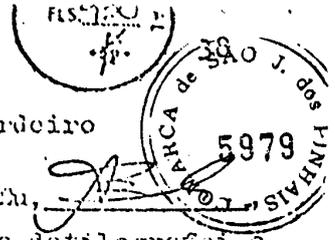
Handwritten signature



Estado do Paraná
PODER JUDICIÁRIO

...continuação doimento de Nelson Cordeiro

...achado conforme vai legalmente assinado. M. Aurea Célia Durcoski, escriturã designada, que datilografou e subscrevi.



F. Cordeiro

[Signature]

[Signature]

Luís Paulo Duarte

[Signature]
[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]



4a. TESTEMUNHA (defesa ré Beatriz Abagge)

EDILIO DA SILVA, natural de Itajai-SC, com 33 anos de idade, marinho, filho de José Matias Zimmermann e de Natilde da Silva, residente à Rua Randolfo Bastos nº, s/n - Guaratuba. Aos costumes disse; que contradita a testemunha pelo Dr. Promotor de Justiça sob a alegação de que a testemunha é vereador da Câmara Municipal de Guaratuba, onde foi líder do Prefeito Aldo Abagge pai da acusada Beatriz e esposo de acusada Celina Cordeiro Abagge, o que torna o depoimento suspeito de parcialidade; que também contradita a testemunha pelo fato do mesmo ser frequentador do centro de Osvaldo com quem mantém relação de amizade; que contraditada a testemunha também pelo assistente de acusação sob a alegação das mesmas razões do Dr. Promotor de Justiça que perguntada a testemunha, assim respondeu, que o depoente atualmente e vereador na Câmara Municipal de Guaratuba, e é líder do ex prefeito Aldo Abagge e do atual prefeito; que o depoente não se considera amigo de Osvaldo mas foi algumas vezes na casa dele; que foram as contraditas indeferidas, e a testemunha presta compromisso legal e ao ser inquirida disse que sobre os fatos narrados na denúncia, o depoente soube somente através da Imprensa; que o depoente conhece todos os acusados, sendo que o acusado Osvaldo conheceu quando foi jogar búzios na casa do mesmo, entre 24 e 29 de abril de 1992; - que o depoente não se recorda a data que conheceu Vicente de Paula, porém o mesmo foi-lhe apresentado por Osvaldo; que o depoente conhece a acusada Celina Abagge há vinte e sete anos; que conhece a acusada Beatriz há quinze anos aproximadamente; que conheceu Davi dos Santos Soares na casa de Osvaldo Marceneiro; que conhece Airton Bardelli dos Santos há vinte anos; que conhece Sergio Cristofolini há quinze anos, mais ou menos; que tomou conhecimento do desaparecimento do menor Evandro no mesmo dia, na Secretaria de Educação na parte da tarde numa segunda-feira, não sabendo precisar o dia do mês; que o depoente se encontrava em Guaratuba, quando en

[Handwritten notes and signatures on the left margin, including a large signature and the initials 'et', 'P', and 'C.R.']

[Handwritten signature at the bottom right of the page]



Estado do Paraná
PODER JUDICIÁRIO

continuação depoimento Edilio da Silva

VARA C.
FLS. 30
5381
COM. DE JUST. - SIV

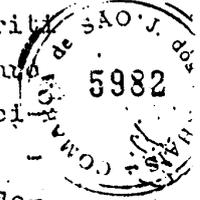
foi encontrado o corpo da vítima, mas não chegou a ir perto; que o depoente chegou a ir até o local, porém local estava interditado pela autoridade policial; se recorda o depoente que no dia 06 de abril, digo, esche rece que não sabe o dia do mês, somente que foi no dia - em que desapareceu o menor Evandro, o depoente na tarde da tarde procurou a acusada Beatriz na sua casa para tratar do assunto de um Projeto que estava tramitando na Camara onde o depoente pertence a comissão de Justiça e redação, indo na companhia da mesma até a Secretaria de Educação para tratar do assunto; que o depoente não se lembra da hora exata em que esteve na companhia de Beatriz, mas acredita que seja, digo, que tivesse sido após as 14:00 horas; que não lembra quanto tempo, mas foi bastante tempo que esteve na Secretaria, e fizeram levantamento de funcionários para o referido projeto; que foram atendidos na Secretaria de Educação, pela pedagoga Nilza que não viu os demais acusados nessa data; PERGUNTAS - DO DEFENSOR DE CELINA CORDEIRO ABAGGE que o depoente conhece Nelson Cordeiro, cujo apelido é "Nelson Bode"; que o depoente esteve na casa do Sr. Nelson Bode na festa - do aniversário do mesmo; que o depoente chegou a tal festa por volta das 20:00 horas e de lá saiu por volta de uma hora da madrugada; que entre as pessoas presentes na festa estavam a acusada Celina Abagge e seu marido Aldo Abagge; que a Dna Celina e seu marido chegaram um pouco depois do depoente e saíram um pouco antes, um pouquinho antes; que o depoente não pode precisar se tal aniversário foi comemorado no dia 07 de abril, porém tem certeza de que foi numa terça-feira; que foi no dia seguinte ao desaparecimento do menor Evandro; que se recorda o depoente que quando procurou por Beatriz, procurou também por Dona Celina e esta não estava em casa, tendo

[Handwritten notes and signatures on the left margin]

[Handwritten notes and signatures on the right margin]

[Handwritten signature]

Beatriz respondeu que sua mãe havia viajado; que não se recorda o depoente se a tal viagem era para Curitiba; que confirma o depoente que o dia em que compareceu a Secretaria de Educação foi o dia do desaparecimento, no mesmo dia em que esteve na companhia de Beatriz; que era nesse dia que Dona Celina, segundo informações estava viajando; que tem conhecimento o depoente que a acusada Celina estava envolvida com as entidades assistenciais e atendimento a crianças tais como creches, e LBA; que esclarece que quando se referiu a LBA é Provopar; que não se lembra o depoente se o marido de Dona Celina, Sr. Aldo Abagge tinha viajado com a mesma; que esclarece que não perguntou pelo mesmo pois somente queria falar com Dona Celina; que o depoente tem um irmão de nome Edésio; que o irmão do depoente Edésio fuma maconha, só; que tem apenas relacionamento de irmão, digo, com seu irmão, cuja convivência é rara, pois vivem em casas diferentes; que o depoente frequentava a casa da acusada Celina e conhecia todos os seus familiares; que o relacionamento com a acusada Celina, com seu marido, filhos e netos é bom; que tem conhecimento que a acusada Celina tinha atividades políticas, inclusive era, digo, exercia um cargo em um partido político; que o depoente desconhece durante o tempo em que conhece a acusada Celina tenha ela demonstrado qualquer ato de violência, agressividade ou crueldade; REFERÊNCIAS DO DEFENSOR DE BEATRIZ OSVALDO ABAGGE que tem conhecimento de que a acusada Beatriz adotou duas crianças; que tem conhecimento de que Beatriz era carinhosa com seus filhos, inclusive não permitia que a babá os judiasse e no entendimento do depoente ela adorava as crianças; que tem conhecimento de que Beatriz se relacionava muito bem com a sociedade de Guaratuba e era bem quista; que desconhece qualquer fato que revele uma conduta anti social da acusada Beatriz; que em Guaratuba tem vários centros espíritas, mais de cinco; REFERÊNCIAS DO DEFENSOR DE OSVALDO MANGUEIRO que



[Handwritten signatures and initials on the right margin, including a large signature that appears to be 'Osvaldo' and several other initials.]

[Handwritten signature at the bottom of the page.]



Estado do Paraná
PODER JUDICIÁRIO

continuação depoimento Edilio da Silva



o depoente conheceu Osvaldo por ocasião em que foi jogar buzios, e posteriormente notou que o mesmo conhecia cumprimentava todo mundo em Guaratuba, não chegando a tomar conhecimento de qualquer conduta anti social durante o tempo em que o mesmo esteve na cidade; que o depoente não tem condições de informar sobre a convivência de Osvaldo e Andrea, sendo que nas vezes em que foi ver buzios não notou nada de anormal; que REPERGUNTAS DO DEFENSOR DE VICENTE DE PAULA FERREIRA que o depoente não tem conhecimento de qualquer desabonadora do réu Vicente de Paula. REPERGUNTAS DA DEFENSORA DO RÉU DAVI DOS SANTOS SOARES que o depoente das vezes em que foi ver buzios só viu Davi uma ou duas vezes, não podendo esclarecer se o mesmo frequentava com assiduidade a casa de Osvaldo; que o depoente foi procurado por Davi na Camara o qual solicitou uma ajuda financeira, por isso conclui o depoente que sua economica e social não é boa; que tal ajuda pedida por Davi foi mês de março de 1992; que esclarece o depoente que ajuda pedida foi no mês de maio; REPERGUNTAS DO DEFENSOR DE AIRTON BARDELLI que a conduta moral e social de Airton Bardelli é boa; REPERGUNTAS DO DEFENSOR DE SERGIO CRISTOFOLINI que o depoente tem conhecimento que Sergio Cristofolini foi proprietario de um bar, embora não tenha muita convivência com o mesmo, nada sabe que desabone a conduta do mesmo; REPERGUNTAS DO DR. PROMOTOR DE JUSTIÇA que o irmão do depoente Adesio é "super trabalhador"; que seu irmão não acostumado a contar metidas; que o depoente não confie em seu irmão, pois não confia nem em sua esposa se esta está longe de suas vistas; que o irmão do depoente nunca foi internado para tratamento por uso de drogas ou psiquiátrico; que quando seu irmão faz uso de droga, pois quando o mesmo assim o esta o agride moralmente, dizendo que politico não presta

Edilio da Silva
Paulo Sérgio
[Signature]
[Signature]
[Signature]

[Signature]

SECRETARIA DE SAO J. 5984

que é tudo ladrão; que não tem conhecimento o depoente que seu irmão Edesio tenha inimidade com a família Abagge, ao contrario tem conhecimento que Edesio foi colega de escola da acusada. Beatriz, porém, não tem muita certeza., sobre este detalhe; que se lembra que foi na parte da tarde e que demorou na companhia de Beatriz na Secretari, porém não sabe determinar o horário; que se recorda o depoente, na boca da noite, após as dezoito horas não estava com Beatriz, mesmo porque a Secretaria de Educação fecha as 17:00 horas; que o depoente frequenta a casa da família, quando tinha alguma coisa a fazer e quando precisava, e não tomou conhecimento da situação financeira da família Abagge; que o depoente não se eleger pelo partido do ex prefeito Aldo Abagge; que também o partido pelo qual o depoente foi eleito não apoiava; - que foi escolhido pelo Prefeito Aldo Abagge e foi escolhido como líder da Câmara Municipal; que o depoente só tomou conhecimento do menor Leandro Bossi após a prisão dos acusados no presente processo; que o depoente conhece Edmundo Sadinski, sabendo que o mesmo estava na festa de aniversário do Sr. Nelson Bode; que o Sr. Edmundo chegou meio junto com o depoente, por volta de 20:00 horas mais ou menos e saiu, digo, não se lembrando em que horas o mesmo saiu; que o depoente conhece Claudio Nazario gerente do Banestado de Guaratuba, sendo que o mesmo se encontrava na festa, cuja hora de chegada o depoente não se recorda, porém lembra que o mesmo saiu depois do depoente; que o depoente conhece Paulo Brasil porém não lembra se o mesmo estava na referida festa de aniversário; que não se lembra o depoente se o Padre Adriano paroco da paróquia de Guaratuba, estava na festa; que esclarece o depoente quando passou na casa do prefeito antes da festa o padre Adriano estava na casa do Prefeito; que no dia da festa já iniciada começou a chover pois tiveram que tirar a mesa do quintal para o interior da casa, esclarecendo não era chuva, e sem chuveiro; que o depoente passou na casa do prefeito por-

[Handwritten signature]



continuação do depoimento Edilio da Silva



volta das 19:30 horas; que o depoente entrou na casa do prefeito, cumprimentou o mesmo, bem como o padre e perguntou se o mesmo ia na festa de aniversário, que o mesmo respondeu que ia dar uma passada; que o depoente não se lembra se haviam outras pessoas na casa do prefeito na residência deste na hora em que lá esteve; PERGUNTAS DO ASSISTENTE DE ACUSAÇÃO que as consultas que fez com Osvaldo não tinham uma especificidade específica, era para leitura de buzios em geral; que recebeu recomendação de Osvaldo em uma das consultas para acender uma vela para seus anjos da guarda, e mais tres velas brancas para o anjo da guarda de seus inimigos; que o depoente raspou sua cabeça neste ano; que cortou o cabelo em razão de uma aposta no dia 25 de dezembro, já com algumas cervejas a mais; que esclarece o depoente que raspou a cabeça no dia 25 de dezembro de 1992 e não este ano como constou; que um dos que apostaram, digamos quem fez a aposta foi seu irmão Emanuel da Silva e o Sr. Nelson Bode; que foram quatro as pessoas que tiveram a cabeça raspada, o depoente Carlos Raiz, Nelson Bode e um quarto que o depoente não se recorda o nome; que a festa realizou-se na casa do Dr. Ananias de tal; que o depoente não sabe informar se o padre Adriano era frequentador da casa da família Abaço; que em relação entre Prefeito e o Padre Adriano tem conhecimento que existia, porém não pode afirmar se era amizade; que se recorda o depoente que na noite da festa o Sr. Edmundo Sadzinski com o Sr. Ailton Batista Vieira vereador de Guaratuba, em discussão política, chegaram fazer uma aposta envolvendo eleições passadas, fato este considerado pelo presente, como pitoresco; que não se recorda o depoente se houve fato ocorrido naquela noite

Edilio da Silva
[Signature]
[Signature]
[Signature]
[Signature]

[Signature]

to que chamou a atenção dos presentes. E, como na
da mais foi dito e nem perguntado, deu-se por fim
do o presente que lido e achado conforme vai lo
galmente assinado. Eu Paulo Escriví que o da
tilografei e o subservi.



Paulo
[Signature]

Luís Carlos Pereira

Paulo [Signature]

[Signature]

Conde

[Signature]

Paulo
[Signature]

Estado do Paraná

ASSENTADA

Aos OITO dias do mes de MARÇO do ano de mil nove

centos e NOVENTA E TRÊS horas, na sala de audiências

do Juiz de Direito da 1ª Vara Criminal, nesta cidade e Comarca de CURITIBA

do Estado do Paraná, presente o M. M. Juiz de Direito, Doutor HAMILTON MUSSI CORREA

comigo, Escrivão do seu cargo no final assinado, o Doutor

ANTONIO CCSAR CIOFFI DE MOURA, Promotor Público da Vara, comparece

testemunha ABAIXO QUALIFICADA

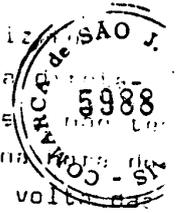
5987
S-COM-MA-PR-3AO

as quais foram recolhidas a salas separadas, de onde uma não pudesse ouvir o depoimento da outra, e foi inquirida pelo M. M. Juiz, na presença dos defensores Drs. MOACYR CORREA FILHO, ANADYR DE CASTRO, LUIS CARLOS NUNES MEISTER, STELA MARIS DOUBEK MOTTA, MAGNUS VICTOR KAMINSKI,

pela forma que adiante se vê: do que fiz este termo. Eu, Helena Bertolini Franco, Escrivão, o escrevi.

TESTEMUNHA LEILA APARECIDA BERTOLINI, brasileira, natural de Araçongas-PR, divorciada, com 37 anos, Delegada de polícia, portadora do RG nº 3.253.741-3, residente à Rua Epaminondas Santos, 1938, Bairro Alto, esta Capital. Aos costumes diz-se nada. Inquirida disse: Que em vista de uma solicitação formulada pela Prefeitura de Guaratuba dando conta de que necessitava de um Grupo especial de policiais para investigar o sequestro de um filho de funcionário, a depoente foi designada pelo então Delegado Geral para presidir as investigações sobre o fato; Que no mesmo dia sete foram três agentes àquela Bañeário iniciando os trabalhos; Que no dia nove ou dia dez a depoente seguiu pessoalmente para dirigir as investigações, investigações estas que perduraram até a prisão dos réus cujos nomes foram levantados pela polícia militar, sem que a equipe da depoente tivesse qualquer participação objetiva na prisão; Que após a prisão dos réus a equipe da qual a depoente participava se afastou do caso em razão de inelutáveis da imprensa de que seria "corrupta ou incompetentes"; Que com a descoberta do corpo da vítima as investigações passaram a girar em torno basicamente num caso de ritual satânico; de uma obra de maníaco sexual ou de um acidente com ocultação do cadáver; Que diante de tais hipóteses recebeu uma informação de que na noite do dia sete de abril um opala

Estado do Paraná
PODER JUDICIÁRIO



prisão dos réus; pela defesa de ré Celina e Beatriz
 reperguntado: Que a solicitação da prefeitura feita
 mente ao Grupo Tigre foi feita na manhã do dia sete
 do a depoente certa, podendo ser também à tarde na
 almoço; Que os três agentes saíram de Curitiba por volta
 17:00 horas; Que tais agentes eram escrivão de polícia Rio-
 quenev, detetive Pencai e o agente Erson; Que segundo tais
 policiais eles se dirigiram ao chegarem em Guaratuba a casa
 Paulo Brasil pessoa que fez a solicitação, indo depois a casa
 do prefeito, não o encontrando; por estarem num aniversário,
 foram a seguir na casa da família da vítima e, fizeram um
 lanche e retornaram a casa do ex-prefeito por volta das 23:2
 horas; Que foi oferecido pelo prefeito um escorte eum bolina
 de propriedade de sua família para auxiliar as investigações,
 tendo os investigadores com tais veículos percorrido a cida-
 de inteira, passando pelo local onde o corpo foi encontrado;
 Que nenhuma informação foi recebida pelo grupo de que algu-
 ma criança estranha a família das rés ou especificamente a
 vítima, teria sido transportada em um daqueles dois veí-
 culos emprestados; Que o Grupo Tigre nunca teve acesso ao lau-
 do de necrópsia da vítima; Que os chinelos que seriam de
 propriedade da vítima foram encontrados dezoito dias após o
 encontro do cadáver; Que os chinelos foi encontrado há uns vi-
 te metros do corpo da vítima do outro lado do riacho, num mat
 havendo entre um pé e outro a distância de dezesseis metros ap-
 proximadamente; Que embaixo do corpo da vítima a vegetação
 estava seca, apresentando o corpo sinais de putrefação mais
 acentuado do que quatro dias seriam capaz de causar, visto a
 pele estar descolando dos pés, fazendo como que se tratasse
 de uma luva macerada; a putrefação estava muito acelerada e
 uma série de evidências que no momento não sabe apontar; Que o
 pés da vítima estavam esbranquiçados; Que por informações obli-
 das de caçadores e lenhadores e pessoas que passaram pelo lo-
 cal onde o corpo foi encontrado, o corpo deve ter sido deixa-
 do ali no dia anterior ao encontro; visto que se lá estives-
 se antes fatalmente seria encontrado pelos cachorros dos caça-
 dores que estiveram caçando há cerca de vinte metros dali; Que
 num carrão que levava até onde estava o corpo, há vinte me-
 tros deste aproximadamente foi encontrada uma chave por poli-
 ciais militares, a qual pertencia a casa da vítima; Que se
 aventou na possibilidade da chave ter sido ali deixada de
 propósito; Que houve uma divergência de opiniões entre os

Handwritten signatures and notes:
 - Top signature: *Frederico*
 - Middle signature: *de L.*
 - Bottom signature: *Qual*

do do Paraná
 SER JUDICIÁRIO



satânico, além do tráfico de órgãos; Que Diógenes nunca apontou especificamente uma pessoa como a responsável pelo crime, muito embora demonstrasse recair os suspeitos sobre Osvaldo, Selina e Beatriz; Que durante as investigações o nome de Gardelli nunca apareceu; não sabendo a depoente nenhum fato que o incrimine; Que se recorda ter o pai da vítima ter reconhecido o cadáver no Instituto de Paranaquá não se recordando claramente o que levou a tal reconhecimento podendo ser uma mancha nas costas; Que a depoente não fez nenhum levantamento na área da serraria onde o crime teria acontecido; Que não é do seu conhecimento que a polícia militar tenha feito um rastreamento no local onde foi encontrado o corpo dias antes do achado. Pela defesa do réu Cristofolini foi reperguntado: Que não verificou se os órgãos genitais da vítima haviam sido cortados quando foi encontrado o corpo; Que um dos legistas lhe afirmou estarem os órgãos genitais retráidos; Que o grupo Tigre esteve várias vezes com uma mulher chamada "aquela" a qual lhe informou que viu a vítima passar em frente de sua casa por volta de dez horas do dia que desapareceu em companhia de dois meninos; Que os dois meninos não foram identificados apesar dos esforços da equipe; Que não tem conhecimento de qualquer obstrução encontrada no sentido de encontrar ditos meninos; Que desconhece como a polícia militar chegou até os réus. Pelo M.P. foi reperguntado: Que o prefeito Aldo Abage nunca revelou por meio de qualquer indicio que tivesse conhecimento de sua mulher e filha como envolvidas no fato da denúncia bem como nada revelou sobre qualquer envolvimento de sua filha Beatriz com Osvaldo Marcineiro; Que recebia com frequência relatórios elaborados por integrantes de sua equipe, sendo que cópia de tudo que interessava ao inquérito foi encaminhado ao delegado que este presidia; Que deixou de encaminhar o fax ou cópia do jornal que lhe foi dado pelo prefeito onde fazia referência a Osvaldo por que entendeu que aquele documento era desnecessário; Que possivelmente ainda tem em mãos o fax ou recorte do fax ou recorte de jornal; Que a depoente jamais presidiu inquérito a respeito do fato da denúncia; Que as informações colhidas pelo Grupo Tigre eram filtradas e em seguida encaminhadas ao delegado presidente do inquérito; Que não se recorda de que em algum relatório de sua equipe houvesse menção ao envolvimento de Beatriz e Osvaldo ou frequência a centro, esclarecendo ser informação por escrito; Que no dia da prisão de Osvaldo Aldo Abage tele-

Estado do Paraná

ASSENTADA



Aos NOVE dias do mes de MARÇO do ano de mil novecentos e NOVENTA E TRÊS, às 16:00 horas, na sala de audiências

do Juiz de Direito de Curitiba, Vara Criminal, nesta cidade e Comarca de CURITIBA

do Estado do Paraná, presente o M. M. Juiz de Direito, Doutor HAMILTON MUSSI CORREIA

, comigo, Escrivão do seu cargo no final assinado, o Doutor

ANTONIO CESAR CIOFFI DE MOURA, Promotor Público da Vara, comparece

e testemunha - ABAIXO QUALIFICADA -

as quais foram recolhidas a salas separadas, de onde uma não pudesse ouvir o depoimento da outra, e foi inquirida NADYR DE CASTRO, pelo M. M. Juiz, na presença dos defensores Drs. MOACYR CORREA FILHO, Dr. CARLOS AIRTON COSTA, estando nomeado como defensor ADOC dos réus Oswaldo e Davi o Dr. MAGNUS VICTOR KAMINSKI

pela forma que adiante se vê; do que fiz este termo. Eu,

Helvira Badoh Braga
Escrivão, o escrivão

CERTIDÃO

Certifico e dou fé que adverti a testemunha do contido no artigo 224 do Código de Processo Penal.

Em 9/13/93

Helvira Badoh Braga
Escrivão

TESTEMUNHA BLAQUENEY MURILO IGLESIAS, brasileiro, natural de Ponta Grossa-PR, casado, com

52 anos, Escrivão de Polícia, portador do RG nº

522.795-0, residente à Rua Roberto Simonsen, 191

Guabirotuba, Nesta Capital. Aos costumes disse e

da. Inquirida disse: Que pertencendo ao Grupo

TIGRE, o qual se destina a investigações basicamente de seque-

stros, no dia sete de abril do ano passado, em companhia dos

policiais Rogério Pancai e Verson Rocha e por determinação superior,

se dirigiu à Guaratuba com o fim de investigar o seque-

stro da vítima; Que lá chegou por volta das 18:00 horas, se

dirigindo à casa do Assistente do prefeito de nome Paulo Brasi-

o qual os encaminhariam até o prefeito; Que por volta das

20:00 horas estiveram na casa do prefeito, sendo informados de

que ele se encontrava num aniversário; Que dali se dirigiram a

casa da vítima onde conversaram com o pai da vítima; Que re-

torneram a casa do Prefeito por volta das 23:00 horas, onde

permaneceram até quase às duas horas conversando com Aldo Ab-

ge, a ré Celina; Que quando retornaram às 23:00 horas o prefei-

ainda não havia chegado, ficando os policiais aguardando-o até

por volta das 23:30 horas; Que na conversa mantida com o prefei-

(Continuação Depoimento Blaqueney Murilo Iglesias).



casa da vítima na época do fato ; Que o depoente e os
companheiros elaboravam um relatório quase que diário e
caminhavam a Delegada e ela ; Que por vezes tal relatório era
feito apenas oralmente ; Que se apurou ter um caçador de nome
Idalício passado dias antes ao encontro do cadáver, porém após o sequestro, pelas proximidades do local, nada encontrando, apesar de sempre estar acompanhado de um cão com
faro apurado ; Que da rua nenhum cheiro, nada se percebia,
o cheiro forte exalado pelo cadáver somente era notado quando se chegava próximo a ele, isto é uma distância de três metros ; Que o depoente não tem certeza de que o relato dado por Idalício tenha feito parte de um relatório por escrito ; Que entre o dia seis e onze de abril de 92 se fez dias frescos em Guaratuba, com garoa e tempo nublado, sendo que apenas no dia em que o corpo foi encontrado abriu um sol forte ; Que simultaneamente as investigações e a pasta onde os investigadores anexavam os dados obtidos ; havia o inquérito policial presidido pelo delegado Gilberto, depois substituído pelo Dr. Noronha ; Que todas essas informações obtidas eram repassadas ao delegado que dirigia o inquérito. Pela defesa, A requerimento da defesa de Celina e Beatriz e por concessão da defensora de Osvaldo e Davi, a qual chegou a sala de audiência logo em seguida ao término da sessão onde constatou sua ausência, foi deferido às réas Celina e Beatriz o direito de primeiro reperguntar ; Que quando chegavam a Guaratuba, ainda no interior do Ferry-boat, encontraram repórteres de uma rádio de Curitiba, a quem o depoente pediu cautela na divulgação das notícias em razão da natureza do caso, podendo colocar em risco a própria vida da vítima ; Que ao estarem na casa do prefeito pela primeira vez na chegada, ficaram no veículo enquanto Paulo Brasil foi atendido por um dos filhos de Aldo Abage ; Que ao retornar naquela noite a casa do prefeito, aguardou-o por cerca de meia hora sentado no interior da casa, recordando-se que lá estavam os filhos do prefeito de nomes Júnior, Sheila e Beatriz ; Que presente também estava o padre da cidade cujo nome não se recorda ; Que Aldo Abage chegou acompanhado de sua mulher Celina ; Que enquanto esperava o prefeito viu, pelas vidraças da casa estando inclusive a porta aberta, que defronte a residência se postara Diógenes Caetano, a quem o depoente já conhecia por ser escrivão de polícia ; Que quando o prefeito chegou Diógenes o abordou tirando satisfação sobre o motivo que teria levado Aldo a impedir a divulgação do fato pela imprensa ; Que os dois discu-



Estado do Paraná
 ODER JUDICIÁRIO



anos chamada Raquel, a qual disse ter visto a vítima no dia do seu desaparecimento, pela parte da manhã, em companhia de dois garotos ; Que dezoito dias após ter o corpo não encontrado, num rastreamento geral feito pela equipe de investigação, foram encontrados no mato, do outro lado do rio onde foi achado o corpo, os dois pés de chinelo calcado pela vítima, numa distância de onze a dezesseis metros entre um e outro; Que do local onde a equipe entrou até o local onde o chinelo foi encontrado dista cerca de trinta metros; Que no curso dos trabalhos se encontrou um garoto chamado Eli, o qual disse ter visto um guri correndo, chorando; Que Eli perguntou-lhe o que teria acontecido, tendo aquele guri respondido que fôra levado juntamente com outro até a casa de um barbudo onde estava Evandro também ; Que os dois gurus conseguiram fugir, mesma sorte não tendo Evandro que ficou; Que Eli submetido a hipnose no IML de Curitiba, conseguiu-se chegar a descrição física de tal guri encontrado correndo, elaborou-se um retrato falado, porém tal pessoa não chegou a ser localizada ; Que a equipe não teve acesso a laudo de necrópsia durante o período que atuaram no caso, muito embora tivessem insistido em obtê-lo; Que se entendia ser o laudo de suma importância no prosseguimento dos trabalhos; Pela defesa dos réus Davi e Osvaldo foi reperguntado: Que durante o curso das investigações nenhum indício foi encontrado que pudesse comprometer o réu Davi; Que ouviu dizer de que uns indivíduos ocupando um opala verde teriam convidado, ou melhor, teriam perguntado sobre um filho menor do réu Davi; Que sobre este fato deve existir um registro anotado na Delegacia, sendo tal fato posterior ao desaparecimento da vítima ; Que Pencai não contou ao depoente nenhum fato observado dentro do Centro de Osvaldo que tivesse lhe chamado atenção; Que em seguida à prisão dos réus o depoente esteve no Fórum acompanhado da delegada Leila onde em conversa com a juíza foi-lhe mostrado um interrogatório contendo uma única assinatura, a qual seria de Osvaldo; Que o interrogatório era composto de apenas uma lauda ; Que no interrogatório embora não houvesse lido, escutou a Drª Leila dizer que se tratava de uma confissão; Que o interrogatório não foi elaborado pela polícia civil, haja visto que em seu proângulo constava ter sido prestado em presença de um capitão; Que os moldes e o estilo não eram característicos da polícia civil; Que o depoente teve acesso aos autos de inquérito policial quando o delegado Noronha assumiu a direção daque-

Estado do Paraná
PODER JUDICIÁRIO



tomando conhecimento do local onde recentemente encontrou uma ossada, consultando mapas e se declarando autor do local, a testemunha assegura que teria rastreado o lugar onde esta ossada foi encontrada, não só por uma vez mas várias; Que a região é de difícil acesso, constituindo-se em zonas de turfas, constituindo-se de sumidouros acobertados por vegetação; Que ouviu dizer que tal ossada poderia ser de Leandro; Pelo M.P. foi reparguntado: Que Paulo Brasil ajudou a equipe de investigação cerca de vinte dias ou mais; Que Paulo Brasil foi afastado porque era por demais conhecido na cidade e porque não poderia tomar conhecimento das informações sigilosas obtidas; Que a infiltração do detetive Pencai no Centro de Osvaldo aconteceu após a descoberta do corpo e a suspeita do opala preto e perdurou até quando a equipe foi afastada; Que era de conhecimento da equipe que Beatriz frequentava o Centro de Osvaldo; Que Pencai não revelou ter presenciado sacrifícios de animais dentro do centro? Que muito embora Pencai sequer tivesse comentado sobre tais sacrifícios de animais, a equipe sabia muito bem de que sacrifícios deste gênero acontecem em Centros como o de Osvaldo; Que Noronha assumiu a direção do inquérito somente após a prisão dos réus; Que o depoente não chegou a ver o laudo de identificação odontológica do cadáver encontrado, muito embora sobre ele ouvisse falar; Que não é do seu conhecimento que o réu Osvaldo tenha sido interrogado no Fórum de Guaratuba no dia primeiro de julho; Que a testemunha não tem condições de quantificar o raio da rastreamento do qual participou, tendo como ponto central o lugar em que o corpo da vítima foi encontrado; Que não sabe dizer a distância entre o local em que a vítima foi encontrada e o local onde recentemente uma ossada veio a ser achada; Que chegou a conclusão de que teria rastreado o lugar onde se encontrou a ossada em razão de informações dadas por uma pessoa e diante de um croqui que tem; Que dita informação foi prestada por um detetive particular chamado Molina; Que um dos pés do chinelo que pertenceria a vítima acabou caindo no riacho, sendo em seguida recuperado; Que a cueca trajada pelo cadáver era de cor clara; Que o depoente não tem lembrança do local em que Raquel teria indicado ter visto a vítima em companhia de dois garotos; Que se, digo a equipe tem em seu poder fotos do cadáver e do local onde o corpo foi encontrado desde o momento em que foram colhidas as quais foram batidas por Paulo Brasil e outras solicitadas pela delegada, com o perito que fez o levantamento; Que a equipe



Estado do Paraná

ASSENTADA

Aos 08 dias do mes de outubro do ano de 1992 horas, na sala de audiências centos e 92, às 09:00 horas, na sala de audiências do Juiz de Direito da 1ª Vara Criminal, nesta cidade e Comarca de Apucarana do Estado do Paraná, presente o M. M. Juiz de Direito, Doutor Luiz Fernando Araujo Pereira, comigo, Escrivão do seu cargo no final assinado, o Doutor Sergio M. Salomão, Promotor Público da Vara, comparece u a testemunha abaixo qualificada

as quais foram recolhidas a salas separadas, de onde uma não pudesse ouvir o depoimento da outra, e fo inquirida Francisco Luiz Macedo Junior, pelo M. M. Juiz, na presença do Dr. João Aparecido Miquelin, nome do defensor "ad hoc" aos réus,

pela forma que adiante se ve: do que fiz este termo. Eu,

Francisco Luiz Macedo Junior
Escrivão, o escrevi.

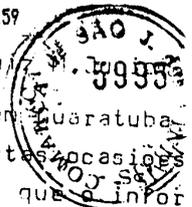
a TESTEMUNHA

FRANCISCO LUIZ MACEDO JUNIOR, brasileiro, casa do, com 36 anos de idade, Juiz de Direito, residente à Rua Maristela, 106 nesta cidade. Aos costumes disse ser genro da acusada Celina e cunhado da acusada Beatriz, razão pela qual deixa de prestar o compromisso legal e inquirido disse: que o informante conhece as acusadas há doze anos podendo afirmar que são pessoas honesta, trabalhadoras, de conduta social exemplar que sabe que sua sogra a acusada Celina no dia 06 de abril de 1992, encontrava-se em Curitiba, pois normalmente todas as segundas-feiras para lá se dirigia junto com seu esposo Sr. Aldo Abagge; que esclarece que isso era um costume do casal, pois o Sr. Aldo como prefeito sempre fazia contatos políticos na Assembleia Legislativa e em outras repartições uma vez por semana geralmente as segunda-feiras; que sabe que estiveram neste dia 06 em Curitiba só retornando por volta das 19:00 horas; que sabe que somente souberam do desaparecimento do menor Evandro, em Guaratuba, quando lá chegaram, isto porque, policiais de Guaratuba e Matinhos lá estavam a procura do prefeito pois necessitavam de sua ordem para "cota de combustível" para as buscas do menino Evandro; que soube que o casal chegou inclusive a ajudar nas buscas do menino desaparecido aquela noite; que sabe que sua sogra D. Celina no dia 07 de abril de 1992, durante o dia esteve trabalhando no "Gemic" e na LBA, onde inclusive fez reuniões com os funcionários; que sabe que por volta das 20:00 horas ela foi a um aniversário na residência do Sr. Nelson Cordeiro,



Estado do Paraná
PODER JUDICIARIO

Continuação de Dep. do Dr. Francisco Lu...



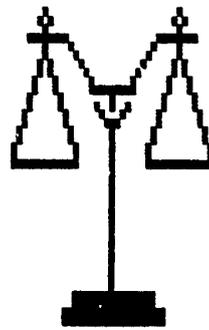
que o informante trabalhou como Juiz Substituto em Guaratuba, junto com a Dr^a. Anésia, tendo presenciado em certas ocasiões esta afirmar sua inimizade com o Sr. Zeca Abagge; que o informante chegou a ler o inquérito policial do presente caso tendo constatado que não haviam provas a incriminar as rés Celina e Beatriz, a não ser a acusação mentirosa dos outros co-réus; que sequer o laudo reconhecedor pode ser considerado, pois ao realizar tal laudo a dentista Adaira afirmou ter extraído um dente, dente este que é, no corpo do laudo, descrito como existente na arcada dentária do cadáver; que tal laudo atesta a morte por asfixia, porém não descreve lesões no pescoço que possam confirmar tal conclusão; que o laudo de necropsia feito posteriormente descreve uma lesão cortante na região do pescoço, lesão esta que o primeiro laudo não trazia, deixando dúvidas em virtude da incompatibilidade entre tais laudos; que tal segundo laudo, estranhamente não atesta data ou hora da morte, como seriam natural que assim fizessem, principalmente porque segundo soube o informante o estado de putrefação do cadáver era "adiantado", ou seja "dando a impressão de que o morte pode ter ocorrido em data anterior a 06 de abril de 1992, donde se concluir que o cadáver seria de outra pessoa que não o do menino Evandro que soube por intermédio da imprensa que havia sido feito uma gravação quando as rés Celina e Beatriz "confessavam"; que tal gravação foi feita "nao se sabe como", "não se sabendo na presença de quem"; que as rés contaram ao informante que tiveram sua residência invadida por policiais sem mandado de prisão, isto por volta das 08:00 do dia 02 de julho, sendo que foram levadas para um sítio onde foram submetidas a toda espécie de tortura, inclusive com sevícias sexuais; que a ré Beatriz sofreu "choques elétricos" que inclusive deixaram marcas em seus polegares, marcas estas que o informante chegou a constatar, podendo afirmar com sua experiência como Juiz de Direito, trataram de marca produzidas por fios elétricos, com queimaduras provenientes de "choques"; que o informante conheceu o réu Osvaldo apenas de vista, sendo que este chegou "a ler a sorte do informante", quando em uma ocasião esteve na casa do Sr. Aldo Abagge que nesta ocasião o réu Osvaldo fez anotações, quanto ao nome e data de nascimento do informante, talvez para realizar alguns cálculos de numerologia; que nada pode informar sobre a conduta dos outros réus a não ser do réu Airton Bardeli, pessoa trabalhadora, honesta e de conduta social boa. Dada a natureza das partes, nada foi reperguntado. Nada mais. Eu, *[Assinatura]*
Escrivão o datilografei.

DOSSIE - TORTURA NUNCA MAIS

Conselho Municipal da Condicao Feminina
Curitiba - Parana



ADENDOS



TORTURA NUNCA MAIS ?



RELATORIO

Caso Evandro de Guaratuba



**Conselho Municipal
da Condicao Feminina**



Conselho Municipal da Condição Feminina



Página - 1

R e l a t ó r i o :

Dia 09 de setembro de 1992, o Conselho Municipal da Condição Feminina foi procurado por Sheila Abagge e Nassib Abdo Abage, apresentando diversas denúncias de violações dos Direitos Humanos e Cerceamento do Direito de Defesa, de Celina C. Abagge e Beatriz C. Abagge, como pseudas implicadas no caso conhecido como "Ritual Satânico de Guaratuba". Solicitaram que se procedesse análise dos autos de Ação Penal n. 150/92 - da comarca de Guaratuba/Pr., e confirmadas as denúncias se tomasse medidas cabíveis.

A solicitação, no início, causou mal-estar nas integrantes do Conselho, - que, naturalmente acreditavam na "estória" que havia sido noticiada. Mas, mesmo assim, resolveu-se estudar cuidadosamente o processo. Tal era obrigação de um Conselho consciente, pois mesmo que culpados os Réus, a prática de tortura seria inadmissível.

Examinado o processo, por uma equipe formada por advogadas, psicólogas, terapeuta e assistente social do C.M.C.F chegou-se a estarecedora conclusão que houveram torturas diversas, para que três acusados (Réus: Osvaldo, Vicente e Davi) "confessassem" um crime, que de tão bárbaro, não se acredita possa alguém cometê-lo, e para que ao mesmo tempo acusassem os demais pseudos implicados, tudo em completo desrespeito à Constituição Federal.

Isto ocorreu sem que tenha sido dado o direito de acompanhamento por advogado, nem foi respeitado o princípio maior da presunção da inocência, sendo tudo logo divulgado amplamente pela imprensa, num sensacionalismo extremado, que gerou um clamor público sem igual.

Verificou-se, com espanto, que a gravação em fita cassete, de uma "suposta confissão" das Réis Celina e Beatriz Abagge, assim como os laudos de "exame de lesões corporais" dos Réus, ao contrário do que havia sido amplamente divulgado, eram "verdadeiras provas" da "prática de tortura".

Verificou-se que as lesões constatadas nos Réus: "marcas de choques elétricos nos polegares", "várias escoriações e hematomas de até 12 cm. de extensão - cada", estavam em perfeita consonância com a denúncia dos acusados. E que a "gravação em fita cassete" foi realizada

Conselho Municipal da Condição Feminina/R. Trajano Reis, 457/Fone: 321-8552



Conselho Municipal da Condição Feminina



sob "coação", tendo os policiais por diversas vezes proferido ameaças, na própria "gravação".

Tudo levou ao questionamento : Se houveram lesões e até na fita gravada se verificam ameaças, que tipo de inquirição foi levada a efeito ?

Verificou-se com maior estarecimento que as torturas foram imediatamente denunciadas e que nenhuma autoridade sequer tomou qualquer providência para a apuração da verdade, acomodando-se com a versão incrível divulgada na imprensa e que não corresponde ao que é encontrado nos autos.

Estareceu ainda mais, a este Conselho a entrevista jornalística do Sr. Diógenes Caetano Filho (parente do menor desaparecido e que se diz mór-orientador das investigações policiais) publicada pelo jornal Estado do Paraná, edição n.12472, de 09 de novembro de 1992, onde também se verifica perfeita trama para envolver os acusados em outro crime (do desaparecido Leandro Bossi). Isto porque caso o "exame DNA" resulte "negativo", restará provado que não houve o crime contra Evandro Caetano e, toda a estória urdida constante da denúncia ficará sem fundamento.

Do estudo aprofundado do processo de Ação Penal n.150.92 - de Guaratuba, chega-se a conclusão que: é em seu todo um testemunho da tirania da força, que substituindo a Justiça, usou de tortura para extrair de pessoas inocentes, a "confissão" de um crime montado por uma mente doentia e acatado por autoridades desinformadas.

Já dizia Cícero que:

"É NECESSÁRIO QUE SEJAMOS ESCRAVOS DAS LEIS PARA QUE POSSAMOS SER LIVRES".

No "caso de Guaratuba" a lei maior foi rasgada, pois os mais mezinhos princípios de direitos humanos, foram aos acusados negados.

A Justiça foi aviltada, pois aqueles que por ela respondem usaram de parcialidade e promoveram a força.

O que será mais terrível para o homem: TIRAR SUA VIDA OU PRIVÁ-LO DA LIBERDADE ?

No histórico que se segue, totalmente extraído das peças dos autos, procura este C.M.C.F. demonstrar a Verdade. Procura também, demonstrar que tudo não passa de uma estória engendrada, obtida sob torturas horrendas e sem precedentes. Procura, por fim, mostrar o cerceamento do direito de defesa e a perda da liberdade sem fundamento, de pessoas inocentes. Isto por que outra não pode ser a conclusão daquele que imparcialmente estuda com profundidade o processo.



Conselho Municipal da Condição Feminina



Página - 3

Entre as muitas atribuições do Conselho Municipal da Condição Feminina está a de:

"zelar pelo respeito e ampliação dos direitos da mulher no que concerne ao exercício de sua cidadania e desempenho de suas atividades".

Bo-estudo-dos-autos-pode-se-concluir-que-

Dia 06 de abril de 1992, às 08:30 hs. o Prefeito Aldo Abagge e sua esposa Celina C. Abagge, após abastecerem seu veículo, partem de Guaratuba para Curitiba. Tal dia era aniversário de morte do pai do Sr. Aldo, sepultado em Curitiba. Em Curitiba chegam em seu apartamento por volta das 10:30/11:00 hs e vão almoçar. Celina telefona ao dentista pedindo para desmarcar seu atendimento. Compram flores e vão ao Cemitério Municipal. (fls.537,538,903 e v.,931,935 e 957)

Entre as 09:00 e 11:30 hs. desse mesmo dia (06.04.92), o menino Evandro Ramos Caetano desaparece em Guaratuba. (fls.11,12,13)

Como poderia nesse horário Celina ter sido vista em companhia de Evandro Caetano em Guaratuba ?

Porque somente (70) setenta dias após o desaparecimento surgiu uma testemunha que disse ter havido sequestro ? Porque esta testemunha em seus depoimentos anteriores nada disse sobre tal sequestro ? Esta testemunha é digna de fé ?

Beatriz C. Abagge, ficou em Guaratuba, acordou por volta das 11:00 hs. Naquela tarde ela saiu de casa para ir ao Banco e a Secretaria Municipal de Educação, tendo estado com testemunhas. As 20:00 hs. Beatriz dirige-se ao centro espírita da cidade. Lá é convidada para ir até a casa dos pais do menino desaparecido, onde seriam realizadas orações para ajudar a encontrar a criança. Fizeram orações num quartinho da casa. Terminando Beatriz retornou para sua residência, deixando os que realizariam mais orações. (fls.528,898 e v.,931 e 961)

No início da noite o Sr. Aldo e sua esposa Celina retornam de Curitiba, encontrando diversos policiais locais em sua residência à esperá-los. Queriam que o Prefeito autorizasse "cota de combustível" para a procura do menor desaparecido. Este assina autorização para os policiais. Celina Abagge chega a juntar um grupo de pessoas e com elas, em seu automóvel, também promove buscas até altas horas. (fls.537,538,931,936,957 e 958)

No dia seguinte (07.04.92) as buscas ao menino desaparecido continuam, sem que nenhuma pista seja descoberta. (fls.13)



Conselho Municipal da Condicao Feminina



Página -1

Neste dia 07/04/92 Celina Abagge providencia reuniões com professoras no CEMIC e Creches, nos períodos da manhã e tarde. Às 19:00 hs. retorna para sua residência em companhia da testemunha Maria José, deixando-a na Associação dos Magistrados (fls. 537, 538, 931v., 932, 935 e 939)

Em casa, Celina encontra o Vereador Valdemar Travassos e o Pároco da cidade. Por volta das 19:30 hs. também chega na residência o Vereador Edílio da Silva. Antes de jantarem, Celina lembra ao marido que naquele dia se realizaria o aniversário do Sr. Nelson Cordeiro e que como Prefeito tinha obrigação de comparecer. O Vereador Edílio vai embora. Celina e o Sr. Aldo após trocarem de roupa saem para a festa de aniversário. Beatriz fica em casa em companhia do Vereador Travassos e do Pe. Adriano e jantam juntos. (fls. 537, 538, 901, 903, 904, 905 e 928)

Naquela tarde o Prefeito havia solicitado ajuda à Polícia Civil em Curitiba, tendo sido designado o "Grupo Tigre" para investigações. Os policiais do "Grupo Tigre" chegam a Guaratuba por volta das 21:00 hs., indo a casa do Prefeito. (fls. 37 e 404)

Na residência são atendidos por Beatriz, que os informa que seus pais foram ao aniversário. Os policiais vão à casa dos pais do menor desaparecido, retornando em vinte minutos à residência do Prefeito, onde permanecem aguardando a chegada deste em companhia de Beatriz. (fls. 528, 529, 404, 536 e 537)

Como poderia Beatriz estar em um "Ritual Satânico", neste mesmo dia e horário, na Serraria de seu pai ?

Na festa o Prefeito e Celina permanecem em companhia de diversas testemunhas, retornando por volta das 23:00 hs. para casa, onde encontram os policiais do "Grupo Tigre", ficam conversando (sobre alojamentos para o "grupo" e sobre o desaparecimento). No momento em que os policiais se despediam, aparece em frente a residência o Sr. Diógenes Caetano, tio do menino desaparecido e notório inimigo político do Sr. Aldo Abagge. Diógenes acusa o Prefeito e Celina de "assassinos" e "traficantes de órgãos". Ocorre entretanto - presenciado pelos policiais. (fls. 528, 529, 537 e 760)

Como poderia Celina estar em um "Ritual Satânico", nesse mesmo dia e horário, na Serraria de seu marido?

Como poderia Diógenes ter certeza de que a criança já estava morta, quando todos acreditavam poder encontrá-la com vida ?

Conselho Municipal da Condição



Página - 5

Como pode o Sr. Diógenes Caetano, antecipadamente, ter previsto que iriam encontrar o menor morto e sem órgãos ?

Quatro dias mais tarde, dia 11/04/92 é encontrado em um matagal, um corpo de criança completamente mutilado, com ausência dos órgãos internos e em estado adiantado de putrefação. A chave da residência do menino Evandro é encontrada nas proximidades desse cadáver. (fls.14,15,16,17,18,19 e 20)

Porque o estado de putrefação do corpo é muito mais adiantado do que aquele que devia existir em razão do pouco tempo do desaparecimento do menino ?

Porque o corpo estava mutilado, sem condições de reconhecimento ? E, sem órgãos ?

Porque o criminoso iria deixar a chave da casa de Evandro junto ao cadáver ?

Dia 12/04/92 a dentista Adairá Kessin Elias reconhece o corpo encontrado, como sendo o de Evandro. Apesar de afirmar que não faz registro de seus pacientes, reconheceu, de memória, restaurações que disse haver realizado. Afirmou ter extraído o dente "64" (laudo de reconhecimento)

Porque o reconhecimento se deu, se o dente que a dentista afirmou que extraiu, consta descrito no laudo como existente na arcada dentária do cadáver ?

Treze dias após, dia 24/04/92, é encontrada uma "sandália de dedo", com tiras de pano, nas proximidades do local, que foi reconhecida pelos pais do menino Evandro como sendo a que este usava no dia do desaparecimento. (fls.52/53/54)

Porque a "chave da casa" e a "sandália de dedo" estavam próximas ao cadáver, que não possuía mãos nem dedos nos pés ?

As investigações prosseguem pelo grupo Tigre, sem que nada conclusivo seja descoberto. O Sr. Diógenes informa diversas "pistas" aos policiais - sem porém querer revelar suas fontes. Diversas dessas pistas são seguidas - nada é encontrado. Os policiais passam a não dar ouvidos a Diógenes, que fala em terreiros, resposos, magia, e tráfico de órgãos. (fls.22 à 93,404,760 à 762)

No dia 29/05/92 Diógenes presta declarações na Copordenadoria das Promotorias Criminais - em Curitiba - relatando diversas e confusas acusações à Osvaldo Marcineiro, Celina Abagge e Beatriz Abagge. (fls.254 à 263)

Conselho Municipal da Condição Feminina



Página - 6

Porque se acreditou nas alucinantes e fantasmagóricas acusações de Diógenes Caetano incriminando inimigas pessoais deste, sem outras provas quaisquer ?

Porque o depoimento foi prestado em Curitiba ?

No dia 01/07/92 à noite - policiais militares do "serviço de inteligência" prendem Osvaldo Marcineiro, levando-o a residência vazia do Ex-Presidente Alfredo Stroesner, em Guaratuba. Este é torturado e supostamente "confessa" ter praticado o crime num "ritual", acusando Celina, Beatriz e Vicente de terem-no ajudado. Às 02:00 hs. da manhã é ouvido no quartel da Polícia Militar em Matinhos, além de ter dado declarações no Fórum (?), tudo sem a presença sequer de um advogado. (fls. 104, 424, 521, 533, 534 e laudo de degravação de declarações da Escrivã do crime - de Guaratuba)

É normal levar um suspeito em casa particular vazia, para interrogatório ? É normal ser inquirido no fórum às 02:00 hs da madrugada ? Quem estava presente quando desses "depoimentos" ?

Porque não lhe foi dado o direito de ser assistido por advogado ?

Em apenas 04 (quatro dias) seria possível se coletar provas suficientes para a prisão ? Quais eram as provas concretas existentes ? Porque foi usada uma casa particular vazia ? Qual foi o método de inquirição do "serviço de inteligência" ?

Às 07:30 hs da manhã do dia seguinte a residência do Prefeito é cercada por policiais, vestidos com coletes da Polícia Federal. Às 08:30 hs. estes invadem a casa, munidos de metralhadoras, sem mandado de prisão, para prenderem a esposa e uma das filhas do Prefeito. (fls. 530, 538, 946 e v.)

Seriam mesmo policiais federais ? Quais eram as provas existentes para se efetuar a prisão de Celina e Beatriz Abagge ?

Porque não houve nenhuma verificação sobre a "estória" do réu que as acusou ?

O Advogado Dr. Silvio Bonone aparece na casa questionando os policiais sobre a existência do mandado de prisão. O Advogado questiona, insiste. Os policiais ameaçam-no com uma metralhadora. Pequena aglomeração inicia-se na frente da residência. O advogado telefona para a casa da juíza e um homem informa que esta os atenderá no fórum. Todos resolvem ir ao Fórum verificar as acusações e a legalidade da prisão. Celina e as duas filhas seguem no automóvel do Advogado escoltadas por duas viaturas.



Conselho Municipal da Condição Feminina



Página - 7

policiais. No Fórum, apenas alguns funcionários (o expediente ainda não havia iniciado). Todos ficam aguardando a juíza na sala de audiências. (fls. 530 e v., 538 e v., 946 e v., 947)

Um policial aparece na porta e chama por Celina e Beatriz, todos se levantam e as acompanham. Outro policial se põe à frente do Advogado, o Advogado protesta, o policial tenta explicar as razões de tal procedimento, o Advogado insiste, porém não consegue passar pelo policial. (fls. 530 e v., 538v., 946 e v. e 947 e v.)

Celina e Beatriz são conduzidas à um automóvel que sai do local às pressas, "guinchando pneus". Ao ouvir o barulho o policial afirma: " Meu serviço está terminado, pode procurar suas clientes - elas foram levadas para prestar depoimento na Delegacia da Polícia Federal em Paranaguá". (fls. 530 e v., 538v., 946v., 947 e v.)

Porque o policial impediu o advogado de acompanhar suas clientes ?

É normal policiais sequestrarem pessoas, impedindo que sejam ouvidas pelo juiz da comarca na presença de advogado ?

Porque não esperaram a juíza e o promotor para inquiri-las ?

Porque até então não foi mostrado qualquer "mandado de prisão" ?

O Advogado e a outra filha do Prefeito de nome Sheila resolvem ir até Paranaguá a procura das presas. Passam em casa pegam dinheiro, param no posto, colocam combustível e partem. Em Paranaguá são informados que a prisão foi efetuada por policiais da "P2" - "Serviço de Inteligência da Polícia Militar do Paraná". E que não foram levadas para aquela delegacia. Ambos retornam à Guaratuba e efetivam buscas em todos os locais. Tentam inclusive conversar com a Juíza, sendo que são atendidos por um policial armado com metralhadora que informa que esta não está. (fls. 947v e 948 e v.)

Porque os policiais do "serviço de inteligência" estavam usando coletes da Polícia Federal, na hora da prisão ? Onde estava a juíza da comarca ?

Na delegacia local não encontram Celina e Beatriz. No Fórum nenhuma informação. Passam a procurar pelos arredores da cidade e nada conseguem. Outros familiares e amigos procederam iguais buscas, nada encontrando. (fls. 947v., 948 e v.)

Enquanto isso o automóvel segue em direção à Joinville. Um dos policiais ordena (apontando a

Conselho Municipal da Condicao Feminina



Página - 8

metralhadora) que se abaixem : "para que não sejam reconhecidas"- diz. (fls. 530, 531, 538v.)

O automóvel segue em alta velocidade durante algum tempo. A certa altura para na estrada. Os policiais permitem que ambas as presas se levantem. Celina reconhece a estrada. Um policial sugere que fujam: "para matá-las pelas costas"- diz. (fls. 530, 531, 538v.)

Outro automóvel chega. Celina é colocada em um e Beatriz em outro. Ambos os automóveis partem em alta velocidade. Novamente é ordenado que se abaixem. Em Beatriz é colocada uma venda. Com Celina os policiais se utilizam de sua própria blusa, para vendá-la. Ambas são algemadas. (fls. 530, 531, 538v.)

Seguem até Garuva (divisa com Santa Catarina) e por estrada de terra a Cubatão (Paraná) chegando a uma chácara, que posteriormente foi identificada como de propriedade do pai de Diógenes, situada na localidade conhecida por Cubatão. (fls. 530, 531, 538v, 539)

é normal sequestrar do fórum e levar suspeitos em chácara particular, para interrogatório ? Quem acompanhou esses interrogatórios ?

Lá ambas são conduzidas ao interior da casa e colocadas em quartos diferentes. Beatriz é levada e os policiais começam a seviciá-la. Celina do outro quarto ouve os gritos da filha. (fls. 503, 531, 538v, 539)

Enquanto num dos quartos policiais promovem afogamentos, utilizando uma toalha molhada e espuma de sabão em Celina. No outro Beatriz é seviciada sexualmente e recebe choques elétricos. Devido a "sessão de tortura" Beatriz tem "relaxamento dos esfíncteres" e evacua nas calças sujando até a camiseta, chegando a desmaiar. Um rádio toca música em alto volume, para abafar os gritos provenientes do interior da casa. (530, 531, 538v, 539 e 949)

Em dado momento os policiais apresentam Beatriz para Celina. Esta vê a filha vendada, completamente nua, parecendo desacordada, com sangue escorrendo pelas pernas. O policial diz: "já foram dois - faltam catorze", e retira Beatriz para outro quarto. (fls. 530, 531, 538v, 539 e denúncia em anexo)

Beatriz acorda em outra cama, ensanguentada. Os policiais ameaçam-na de retornar à "sessão de tortura" se ela não falar o que mandam. Esta finalmente concorda. Os policiais pegam um gravador e começam a inquiri-la. Um policial a induz a contar a "estória" enquanto grava. Já no início o policial se denuncia: "Nós vamos levar você embora de Guaratuba. Se voce confirmar a estória direitinho, daí vai arrumar advogado. Do contrário eu vou levar voce embora"



Conselho Municipal da Condicao Feminina

3
de SÃO
5 6000
Página - 8

e..." Beatriz no desespero, chega a pedir "Justica". (fls. 308, 312, 530, 531, 538v, 539 e 949)

Com Celina o mesmo procedimento é utilizado, esta se espanta com a suposta "confissão" da filha dizendo: "porque você está fazendo isto minha filha... Isto é mentira, minha filha...", porém sob a mira da metralhadoras e a ameaças de retorno a "sessão de tortura" com Beatriz, também concorda. Sua suposta "confissão" também é gravada. O policial novamente se denuncia: "Eu prometo que vou deixar vocês em Guaratuba, tá? Vocês vão ter advogado, vocês vão se defender. Agora confesse, porque senão eu vou levar vocês pra Curitiba, pra ser interrogada lá". (fls. 312, 315, 530, 531, 538v, 539)

Por volta das 15:00 hs, munidos da fita cassete os policiais retornam ao fórum de Guaratuba, onde a fita é apresentada as autoridades.

Porque se acreditou que apenas acusações obtidas mediante tortura fossem provas suficientes para incriminar inocentes ?

O fato dos policiais do "serviço de inteligência" "sumirem" com as Rés desde manhã não levantou suspeita das autoridades ? As autoridades não questionaram os policiais sobre o que fizeram com as Rés durante mais de 06:00 hs ?

Uma fita cassete, por si só, não induz prática de tortura ? Porque não existe confissão escrita ? Em que condições foi obtida tal gravação ? Quem estava presente ?

Somente, então, no Fórum é mostrado o "mandado de prisão". Após são levadas ao Quartel da Policia Militar de Matinhos, para interrogatório formal. No quartel, são inquiridas por dois Promotores de Justiça, e negam todas as acusações. (fls. 96, 97, 98, 99, 100, 530, 531, 538, 539, 540)

É de se indagar:

Porque se acreditou nas acusações de Diógenes Caetano, sem outras provas quaisquer e se incriminou inimigas pessoais deste ?

Porque segue o processo, se o reconhecimento do corpo é falho e não leva a certeza de que de fato se trate de Evandro Caetano ?

Porque o reconhecimento se deu, se o dente que a dentista afirmou que extraiu, consta descrito no laudo como existente na arcada dentária do cadáver ?



Conselho Municipal da Condicao Feminina



Página 17

Porque não se pesquisou o fato da ausência de vários dentes (que somente se soltam muito tempo depois da morte) e do adiantado estado de putrefação do cadáver ?

Porque o estado de putrefação do corpo é muito mais adiantado do que aquele que devia existir em razão do pouco tempo da suposta data da morte ?

Como teria ficado o menor aprisionado em um local onde trabalham mais de cinquenta funcionários, sem que ninguém percebesse ?

Porque o laudo de necrópsia e outros muitos laudos, feitos em época própria, só foram anexados aos autos muitíssimo posteriormente, sem termo e data de juntada ?

Porque nos autos as datas são todas truncadas e desconstruídas, sem que se consiga estabelecer uma sequência lógica do transcorrer dos acontecimentos processuais ?

A solicitação de "exame DNA", por si só, já não prova que o "reconhecimento" não foi satisfatório ?

Porque o resultado de tal "exame DNA" (normalmente apresentado em 30 dias) até agora (mais de cem dias após a solicitação) ainda não apareceu ?

Porque o Sr. Diógenes Caetano insiste em afirmar que o cadáver pertence a seu sobrinho, e que o "Exame DNA" é "positivo", quando o normal seria querer se agarrar a possibilidade de que a criança estivesse viva ?

Porque se acreditou que apenas acusações obtidas mediante tortura fossem provas suficientes para incriminar inocentes ?

Uma fita cassete, por si só, não induz prática de tortura ? Porque não existe confissão escrita ? Em que condições foi obtida tal gravação ? Quem estava presente ?

Porque prossegue o processo, com os Réus presos, sem que exista prova da materialidade do delito ?

Porque corre o processo com réus presos sem prova alguma de que sequer o fato tenha ocorrido ?

Dignas autoridades, paladinos da justiça, glórios militares, nobres delegados da polícia judiciária, doutos representantes do ministério público, imparciais julgadores, verdadeiros jornalistas, homens bons, justos, honestos e honrados, NÃO É CHEGADA A HORA DE SE DAR UM BASTA EM TORTURAS, EM INVERDADES E EM INJUSTICAS?



Conselho Municipal da Condicao Feminina



Onde está o princípio constitucional de que todo o cidadão é inocente até trânsito em julgado da sentença penal condenatória ?

Onde está o sagrado direito de defesa ?

Como ensina J. Cretela Jr:

"Não se admite que, em país civilizado, se exerça a violência contra o cidadão, nem que este seja obrigado a confessar ou declarar algo, mediante o emprego de meios científicos, mas coercitivos, também criticáveis por se erigirem em restrições à liberdade do homem."

Sendo as acusada inocentes indagam :

HUMANOS?

ONDE ESTÁ A SEGURANÇA DE VIDA DO SER

ONDE ESTÃO OS SAGRADOS DIREITOS INDIVIDUAIS?

ONDE ESTÃO OS SAGRADOS DIREITOS HUMANOS ?

ONDE ESTÃO OS DIREITOS DE TODOS NÓS ?

5*:
Diz a Constituição Brasileira em seu artigo
"Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

III - Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

X - São invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra, e a imagem das pessoas...

XI - A casa é o asilo inviolável do indivíduo, ninguém nela podendo penetrar sem consentimento do morador...

LIV - Ninguém será privado da liberdade... sem o devido processo legal;

Conselho Municipal da Condicao Feminina



LV - ... em processo judicial ... e aos acusados em geral são assegurados o contraditório e ampla defesa com os meios e recursos a ela inerentes;

LVI - São inadmissíveis, no processo, as provas obtidas por meios ilícitos;

LVII - Ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória;

LXI - Ninguém será preso senão em flagrante delito ou por ordem escrita e fundamentada de autoridade judiciária competente...

LXII - A prisão de qualquer pessoa e o local onde se encontre serão comunicados imediatamente ao Juiz competente e a família do preso ou à pessoa por ele indicada;

LXIII - O preso será informado de seus direitos entre os quais o de permanecer calado, sendo-lhe assegurado a assistência da família e de advogado;

LXV - A prisão ilegal será imediatamente relaxada pela autoridade judiciária;

LXVI- Ninguém será levado a prisão ou nela mantido, quando a lei admitir a liberdade provisória com ou sem fiança;

LXVIII - Conceder-se-á Habeas Corpus sempre que alguém sofrer ou se achar ameaçado de sofrer violência ou coação em sua liberdade de locomoção, por ilegalidade ou abuso de poder.

Assim, tendo em vista o presente Relatório, o Conselho Municipal da Condicao Feminina, vem à presença das autoridades, da imprensa e dos todos os cidadãos conscientes, REQUERER URGENTES PROVIDÊNCIAS, para que a VERDADE seja mostrada, o DIREITO seja reabilitado e JUSTIÇA se faça, a inocentes privados de seu direito de LIBERDADE.

E AMOR"

"O DIREITO E A JUSTICA NAO EXISTEM SEM DEUS

Curitiba, 23 de novembro de 1992.

Isabel Kusler Mendes
Presidente do C.M.C.F.

PIRAQUANA 23 de Junho 93



Dna. ISABEL

TORTURAS que SOFRI quando FUI PRÊSO. ATÉ SER LEVADO AO AHÚ.
NO DIA 1º em que FUI PRÊSO, FUI LEVADO PARA UMA CHÁCARA NO MEIO DO MATO, ATÉ A NOITE DO DIA 3 em que FUI ENTREGUE NO AHÚ, SOFRI TANTAS TORTURAS FÍSICAS e PSICOLÓGICAS, que NUNCA IMAGINAVA que existisse. Ou que um ser humano fosse CAPAZ de FAZER. Fiquei esse Tempo Todo sem COMER, pois ÁGUA bebia NOS AFOGAMENTOS.

Quando FUI PRÊSO em frente A CASA, me puseram em um CARRO dizendo que IAIA A MATINHOS, quando o CARRO, LANÇOU um pouquinho, COLOCARAM um CAPUZ NA MINHA CABEÇA e MANÇARAM, eu deitar, no chão entre os bancos da frente, e de TRAZ, eu NÃO quis, perguntei o que ESTAVA acontecendo, me deram socos no estômago, LEVANTARAM o capuz e me MOSTRARAM uma ARMA, encostaram ela em minha CABEÇA e disseram, que eu IA MORRER que ERAM ASSASSINOS profissionais e que FORAM CONTRATADAS PARA me MATAR, perguntei porque, me MANÇARAM deitar logo, antes que me MATASSEM ALI mesmo.

NÃO conseguia entender nada do que ESTAVA se passando. NA HORA ACREDITEI ser algo envolvido com a política em que eu ESTAVA me metendo. Perguntaram desde quando eu ESTAVA NA CIDADE, NÃO ESTAVA conseguindo respirar bem, pois Tenho BRONQUITE ALÉRGICA, disse A eles, deram RISADAS, e disseram melhor, assim voce' morre, sem deixar PISTA. ESTAVA APAVORADO.

Rodamos por algum Tempo, pelo ASFALTO e por uma RUA de TERRA, pois o CARRO TREPIDAVA muito, pelo BARULHO ATRAVESSAMOS uma ponte de MADEIRA. ATÉ que CHEGARAM NUMA CASA.

FORAM TANTAS seções de TORTURAS, choques pelo corpo Todo, PRINCIPALMENTE NO PÊNIS. me penduraram

de cabeça para baixo, ^{AMARRARAM} ~~ABRACARAM~~ Também os pés, fizeram eu envolver os Joelhos com os braços e enfiaram uma barra entre os Joelhos e completamente pelado.

Enfiavam uma mangueira com água em minha boca, me afogavam no vaso sanitário, davam constantes tapas nos meus ouvidos, com as duas mãos uma de cada lado e, socos no estômago com um pano molhado na mão. Ripadas na sola do pé. Me deram um chá amargo, que tinha gosto de caqui verde, gosto amarrando, minha boca ficou dormente.

Não sei que chá era esse, minha cabeça parecia rodar, me deixou meio abobado. Me levaram a um rio próximo e me afogavam. E um monte de coisas mais. E o pior de tudo não queriam que nos falassem nada, apenas que concordasse com o que elas diziam.

Disseram que a dona Celina e a Beatriz estavam presas e que já tinham confessado tudo. Queriam que eu repetisse o que elas diziam. Que elas estavam me acusando. Eu dizia que isso era uma loucura, que eu desconhecia tudo aquilo, que eles deviam estar loucos.

Não adiantava, as torturas eram cada vez mais, elas iam e diziam que estavam ali para me executar, me levantaram ^{o capô} (a ventosa) e me mostraram um papel dizendo que era o depoimento da dona Celina e que era para mim. Repetia tudo o que continha escrito ali escutava os gritos do Davi, tão horripilantes.

Me levaram em algum outro lugar, me obrigaram assinar sobre torturas um papel que foi datilografado, ali na hora, levantaram um pouco o capô para que eu assinasse sem ao menos ler o seu conteúdo. (Acredito que estava na fortaleza) e também ouvi voz de mulher.



ME LEVARAM NA FÁBRICA DO ALCOOL, ME ACUSAVAM DE EU TER IDO JUNTO COM OS TIOS E A FAMÍLIA, QUERIAM PROCURAR A CRIANÇA, QUERIA QUE EU MOSTRASSE O LUGAR, FAZIAM ROLETA RUSSA COM O REVOLVER EM MINHA CABEÇA, EU DIZIA QUE NÃO FUI PROCURAR, COM NINGUÉM, PARA PERGUNTAREM, AOS TIOS EU NÃO SEI DE NADA.

NA CASA, ME LEVARAM, A UM APOSENTO, AONDE OUVIA GAITOS DE SOCORNO, PELO AMOR DE DEUS E CHOROS ONDE PUDE CONSTATAR QUE ERAM DA DONA CELINA E DA BEATRIZ.

LEVANTARAM O CAPUZ PARA QUE EU PUCESSE VER, A D. CELINA ESTAVA COM A BLUSA LEVANTADA, SUFOCAN DO LHE O ROSTO, PERGUNTARAM SE EU A CONHECIA, APÓS ABAIXAREM LHE A BLUSA, DISSE QUE MAIS OU MENOS, MANDAVA EU PEDIR A ELA PARA DIZER TUDO, EU NÃO FALAVA NADA APANHAVA.

ME LEVARAM ATÉ A BEATRIZ, ELA ESTAVA VENDADA MANDARAM DIZER A MESMA COISA A ELA, MAIS OU MENOS ISTO "A CASA CAIU". TENTEI PASSAR A ELA O QUE ESTAVAM ME FAZENDO, QUASE ME MATANDO, NÃO SEI SE ELAS COMPREENDERAM, ELA PERGUNTAVA A ELAS, PORQUE ISSO, NÃO FIZEMOS NADA. ELAS DAVAM RISADAS. E ME AFASTARAM DALI.

COMO ERA DIFÍCIL, MINUTOS APÓS VI QUE REALMENTE NÓS NÃO ESTAVAMOS NAS MÃOS DE SERES HUMANOS, EU NÃO CONCORDAVA COM ELAS. ENTÃO ME LEVARAM PARA VER COMO SERIA O QUE ELAS IAM FAZER COMIGO, PERGUNTARAM SE EU SABIA QUE A BEATRIZ ERA FILHA DO PREFEITO. DISSE QUE SIM. SE COM ELA ESTAMOS FAZENDO ISSO IMAGINE COM VOCE, DISSERAM-ME.

LEVANTARAM O CAPUZ, ME ARREPIEI TODO, FOI ENTÃO QUE VI DAONDE VINHAM OS FIOS QUE ENROSCAVAM EM MEU CORPO, PARA ME DAR CHOQUES.

ERA UMA MAQUININHA PARECIDA COM UM APOL
m. l. l.

TADOR de LÁPIS de MESA, COM UMA MANIVELA, OS FIOS ESTAVAM LIGADOS NOS SEIOS DA BEATRIZ, ELA COMPLETAMENTE NUA, GRITAVA e IMPLORAVA CLEMÊNCIA, PEDIA pelo AMOR de Deus, ELAS RIAM e diziam diversas PALAVRÕES, POIS A BEATRIZ chegou A se URINAR TODA.

Ouvia OS Gritos desesperados de D. CELINA que dizia, NÃO, NÃO MATEM minha FILHA, pelo AMOR de Deus. AONDE UM MANDOU ALGUÉM CALAR A BOCA dela. (POIS TINHA UM GRAVANDO e NÃO queriam ACHO Gritos).

E me LEVARAM NOVAMENTE PARA SECAS de TORTURA dizendo que desta vez eu MORRERIA. Comecei Ouvia OS Gritos da BEATRIZ, cada vez mais fortes, ELA dizia ISTO NÃO, POR FAVOR, pelo AMOR de Deus ISTO NÃO. ELA GAITAVA desesperada entre soluços e chonos.

ELAS RIAM e ZOMBAVAM de mim, dizendo, AGORA A SUA AMANTE ESTÁ conhecendo, homens de venda de, NÃO um merda como você. Eu dizia que ELA NÃO era minha AMANTE, APENAS AMIGA, NÃO ENTENDEIA o que se passava. Só compreendi, Realmente, quando entrou um dizendo { como A PUTINHA e GOSTOSA }, ENTÃO compreendi que a BEATRIZ ESTAVA sendo Violada Sexualmente. E que elas diziam Aquilo PARA me FERIA, como se realmente eu fosse AMR TE dela. ESTE mesmo disse. ISTO AINDA é pouco pelo ódio que sinto das delas, GOSTARIA de MATA-LAS

ISTO Tudo me ASSUSTAVA mais AINDA, quando um dia ISTO NÃO é boa para VINGANÇAS pessoais."

ME LEVARAM A UM LUGAR Chamado Fontaleza, onde me MOSTRARAM FOTOS, FOTOS HORRIPILANTES de um CAÇAVEN de CRIANÇA. NÃO queria OLHAR, FORÇAVAM eu OLHAR e me obrigaram A ENSAIAR em meu corpo como se estivesse contando, IGUAL diziam eles que FOI FEITO NA CRIANÇA

msmt



NÃO CONCORDAVA, COMEÇAVA TUDO NOVAMENTE AS TORTURAS, COM MAIS SELVAGERIA AINDA. ATÉ QUE UMA HORA, QUE DEUS ME PERDOE, NÃO CONSEGUI MAIS SUSTENTAR E ACABEI CONCORDANDO COM AQUELAS LOCURAS TODAS. ME LEVARAM NA FÁBRICA, FIZERAM EU MOSTRAR NO CORPO DE UM RAPAZ FUNCIONÁRIO CREIO EU, AQUELES CORTES QUE TINHA ENSAIADO NA FORTALEZA, ESTAVAM GRAVANDO TUDO. ME CARREGAVAM AMONDOADO E ALBEMADO, ENCAPUZADO NA PONTA MALA DO CARRO.

NEM QUANDO NOS LEVARAM PARA MATINHOS NO QUARTEL DA PM, AONDE PENSEI QUE IA TER A PROTEÇÃO E CHANCE DE FALARMOS A VERDADE, O QUE ESTAVAM FAZENDO CONOSCO. TIVEMOS A MAIOR DECEPÇÃO FICAMOS SABENDO QUE ERAM MILITARES DO GRUPO AGUIA, E TUDO QUE TENTAVAMOS FALAR NÃO ACERTAVA, ERA PION, TIVEMOS DE FAZER TUDO O QUE ELAS QUERIAM.

FOMOS OBRIGADOS, A DAR UM DEPOIMENTO, COMO ELAS NOS OBRIGAVAM. PERGUNTEI SE NÃO IA FALAR COM O ADVOGADO, POIS ESTAVA COMPLETAMENTE APAVONADO, MAS ELAS DIZERAM QUE NÃO TINHA DIREITO NENHUM.

LEVAM-NOS PARA O QUARTEL DA PM EM CURITIBA ONDE FIZERAM UMA RECAPITULAÇÃO DO QUE QUERIAM QUE FALÁSSEMOS. E ENTI PARA A SECRETARIA DA SEGURANÇA, ONDE ESTAVA UMA MULTIDÃO DE PESSOAS ENFURECIDAS, ESTAVAMOS ACREDITO EU DOPADO, POIS NÃO CONSEGUÍAMOS, RACIOCINAR DIREITO, ESTAVAMOS APAVONADOS, DISSERAM QUE SE NÃO FALÁSSEMOS O QUE TINHAMOS COMBINADO, ELAS NOS JOGARIAM A MULTIDÃO E ENXERTIVARIAM UM LINCHAMENTO. OU NOS FUZILARIAM PELAS COSTAS DIZENDO QUE TENTAMOS FUGIR.

MANDARAM TAMBÉM ACUSAR QUE O ALDO TINHA PROTEÇÃO DE UM FORTE POLITICO DE CURITIBA E, NOS MANDARAM TAMBÉM ACUSAR O GRUPO TIGRE.

QUE DEUS ME PERDOE, PELAS BRASFEMIAS, CALÚNIAS E BESTEIRAS QUE FALAMOS, TALVES FOSSE MELHOR

in Print.

Ten morrido NAQUELA HORA.

Que NÃO DAVA PARA ENTENDER ENA^o modo que eles falavam, um dizia PARA ACUSAR MAIS NOMES, ENQUANTO OUTRO DIZIA QUE NÃO PRECISAVA DE MAIS NINGUÉM PIS JA TINHAM SETE NOMES, como Também porque ENCASTIMAM que eu dissesse que Recebemos 7 milhões, NÃO DAVA PARA ENTENDER porque ENSISTIAM TANTO NO N.º 7, que a criança Também morreu no dia 7, NÃO DA PARA ENTENDER.

Tinha um Também que vivia sussunando, AL OUTROS PARA FAZEREM PERGUNTAS.

DNA. parece pelo que ouvi dizer a criança tinha 6 ANOS, NÃO 7 como disseram, e Também porque nos prenderam (NO MÊS 7) NOS MÊS 7, SERÁ QUE É POR SENSACIONALISMO, OU ALGUMA COISA PREPARADA, PARA PARA ATINGIR O PREFEITO DE GUARATUBA.

ESTES SÃO MAIS ALGUNS DETALHES, DO COMPLEMENTO DO QUAL PALLE PASSEI.

CONFIO DEMAIS NA SRA. e JUNTO COM DEUS, VAMOS VENCER.

Que Deus A Abençoe MINHA AMIGA, Obrigado.

MAS Obrigado mesmo. Quando falar com ADELINA OU A BIA, diga que eu Rezo por elas, por FAVOR - Obrigado.

Descreva-me OS ERROS e A LETRA, pois NÃO É FÁCIL Reconcear e escrevem sobre ISTO.

Quando puder me escreva umas Linhas, pois aqui é muito importante.

HOJE dia 23/06/93 dei UMA ENTREVISTA A FOLHA DE LONDRIANA, RELATANDO O que SOFRI NAS MÃOS dos POLICIAIS. provavelmente Saina' (24 A 28).

Atenciosamente

OSWALDO





Prezada Dra. ZABELE K. MENDES

O motivo desta, é relatar-lhes tudo o que nos aconteceu; além do que passamos nas mãos dos Policiais: Ao sairmos da Secretaria, nos levaram ao "IML", onde um médico "japones" que nos atendeu, pediu que levantássemos a blusa, e olhou por frente e por trás, baixamos a blusa e descemos, a calça até nos tornozelo. Olhou também na frente e atrás, ele perguntava "o que é estes hematomas", e o policial - que estava dentro da sala, "que era o que eles chamavam de SARGENTO" disse, eles devem ter machucado na cama do alojamento, e assim por diante, sem nos dar a chance de responder. O médico mandou levantar a calça, arrumar a roupa, e sairmos, não sei se anotou tudo. inclusive quando o OSVALDO estava fazendo o exame, o capitão NEVES, atalhou: dizendo que, precisa-va andar depressa, que estava passando das 18,00h, e tinham que nos entregar no AHU, o mais rápido possível. Chegando no AHU, achamos que o pesadelo da tortura iria terminar, e estaríamos livres das mãos daqueles "SANGUINARIOS ALGOZES", LÉDO ENGAÑO. Ao chegar no COCT, DO PORTÃO PARA DENTRO, até numa sala de recepção, fomos levados no TAPA. E ali mandaram nós tirar

[Handwritten signature]

(1)

A ROUPA, E ENQUANTO FAZIAM NOSSAS FICHAS ÉRAMOS, ESPANCADOS PELOS P.M. INCLUSIVE UM P.M. BAIXINHO E, GORDINHO, NOS BATIA MUITO E, NOS DAVA PONTAPÉS E DISSIA:

PODE ME ENTREGAR SE QUISEREM, "EU SOU O SARGENTO LAERCIO". ONDE OS POLICIAIS DO GRUPO ÁGUIA, DISSERAM; "ME FAÇAM LOGO O RECIBO, QUE SE MORREREM AGORA É TUDO COM VOÇÊS". PEGARAM O RECIBO E SAÍRAM, O GRUPO ÁGUIA, E OS OUTROS P.Ms.

AÍ FOI A VES DOS FUNCIONARIOS NOS ESPANCAR, LEVARAM-NOS ATÉ UM CANO D'ÁGUA, ONDE SOB TAPAS E PONTAPÉS ENFIARAR NOS EMBAIXO DA ÁGUA GELADA, ONDE NÓS FICAMOS SE LAVANDO, ATÉ GASTAR A PEDRA DE SABÃO. DAI NOS JOGARAM NUMA CELA QUE VERTIA UMIDADE DO PISO, PASSAMOS UMA NOITE HORRIVEL POIS FOMOS ESPANCADOS POR MAIS DUAS VESES SO NAQUELA NOITE.

Um funcionário que ERA CHAMADO DE EDSON QUERIA QUE NÓS RELATÁ-SE-MOS O "CASO" E COMO NÓS FALAMOS A VERDADE, QUE ERAMOS INOCENTE, ELE DISSER "QUE TÃO TÃO NÓS IRIAMOS CONHECER, O QUE ERA REALMENTE TORTURA". E SOFREMOS HORRORES, TAPAS, SOCO NOS RINS, PONTAPÉS INCLUSIVE NOS NOS TESTICULOS TAPAS QUE DAVAM NOS OUVIDOS COM AS DUAS MAOS "TELEFONE" QUEIMAVRAS DE CIGARROS, NO CORPO E NAS UNHAS, JOGAVAM UM JATOS DE SPRAY, NOS NOSSOS OLHOS E BOCA QUE PROVOCAVA ANSIA DE VOMITO E ARDENCIA NOS OLHOS QUE PARECIA QUEIMAR. ALEM DE NOS ESPANCAR POR TODO O CORPO ELES AINDA

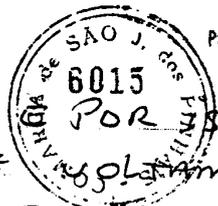


batiam nas solas dos pés, com um cacetete igual da guarda municipal, e com uma espátula de abrir carta, nos pressionavam sobre os nossos olhos, e diziam que iam furar. E ainda enfiavam agulhas embaixo da unha, e diziam vamos fazer com vocês, o mesmo que vocês fizeram com aquele menino. Depois jogaram nos de novo naquela cela. Depois de algum tempo, tiraram nos de novo, e disseram que iam dar uma reportagem e, tínhamos que falar como falamos na secretaria, no qual recusamos e o espancamento recomeçou, assinamos a autorização apanhando e fomos obrigados a falar besteira de novo.

A reporter Dulcineia Novaes já tinha terminado a entrevista, quando o seu Edson, falou que o Davi tinha que falar sobre o coração da criança. Ela disse para o camera que ia gravar então e ele falou, que tinha que trocar o filme que tinha acabado. Trocaram nos de cela, e começaram a perguntar, sobre um outro menino que também sumiu em Guaratuba. E como eles tinham encontrado na minha carteira 2 fotos de meus filhos, queriam que nos dissesse que era a foto do menino. Levaram o Davi e o espancavam, mostrando as fotos para ele, e como ele não conhecia, e nem sabia que era meus filhos, não sabia o que falar e, então o espanca-

(2)

VAM. Depois foi a vez do OSVALDO, que também foi espancado sem nenhuma piedade, e ele via as fotos e dizia que eram meus filhos, "Pois ele conhecia", mais não adiantava, e depois me levaram também, e então aquelas terríveis seções, continuei ainda por um bom tempo o seu Freitas, dizia que se nós não fala-semos, ele ia nos entregar a um delegado, que estava telefonando para ele de meia em meia hora, e como eu afirmava que as fotos, era de meus filhos ele pegou o telefone e discou um número qualquer e falava com o delegado, que se nós não fala-se-mos ele podia vir buscar, e enquanto isto, um que comandava a todos, que achamos seja "Diretor" do COCT, incitava-os e eles, o EDSON, o GETULIO, um outro que não sabíamos o nome, e o chefe de segurança o FREITAS, nos espancavam. Depois nos disseram que era para nós pensar direitinho e depois eles nos chamaria de novo voltamos a cela, e so nos tiraram para fazer a ficha, onde nós falamos com a assistente social, com a psicóloga; onde na mesa dela, tinha uma maquininha de apontar lapis, idêntico a aquelas máquinas que eles davam choque, e o OSVALDO se assustou. Com isto ela então explicou, que nada ia acontecer a ele. Depois falamos com assistente jurídico, e com medica. A todos eles nos dizia



QUE ERAMOS INOCENTES, ESPANCARAM DE NOVO. E VOLTAMOS A NOSSA CELA, COM MEDO E, DESAPESPERADOS E ENQUANTO NOS CONVERSÁVAMOS, O PRESO QUE CHAMAVA ISRAEL MELANSKI, DIZIA QUE SE NOS CONTINUASSE NEGANDO, ELAS NOS MATARIAM E DIZIA QUE ERA MELHOR NOS INVENTAR UMA HISTORIA QUALQUER, E FALAR COM O FREITAS. E CITOU O EXEMPLO DE HARLETE HILU, E ARMOU UMA HISTORIA QUE NOS FALARÍAMOS. PASSADOS ALGUM TEMPO LEVARAM O PRESO LA NA FRENTE, E DALI A POUCA^{LE} VOLTOU. LEVARAM-NÓS DE NOVO E, COMEÇOU TUDO DE NOVO, SOCOS PONTAPES, TAPAS NOS OUVIDOS, AGULHA NAS UNHAS, CACETADAS NAS SOLAS DOS PÉS, ATÉ QUE DISSEMOS, QUE NÓS TÍNHAMOS BAPTUMA CRIANÇA, E QUE ERA PARA SER MANDADO PARA O EXTERIOR, QUE TÍNHAMOS ENTREGUE A UMA "GRINGA", COM ISTO PARAMOS DE SER ESPANCADOS. ATÉ QUE NOS LEVARAM AO AITÚ, LA FOMOS REVISTADOS E, DEPOIS COLOCADOS NUMA CELA CADA UM. DE ONDE ERAMOS TIRADOS TODOS OS DIAS APÓS A JANTA E ERAMOS SURRADOS NAS CHAMADAS SEÇÃO DIAS 6 DAS 7 DAS 8 E ASSIM POR DIANTE. ATÉ NOS DEIXARAM SEM COMER, FAZIAM NOS SAIR COM A FILA, E CHACIRAR AS PANEIAS E NÃO DEIXAVAM PEGAR COMIDA. ATÉ NO DIA EM QUE FOMOS A IGREJA, NOS TIRARAM DE LA, E NOS ESPANCARAM. E DE ESPANCAMENTO EM ESPANCAMENTO FOI ATÉ NO DIA DA ACARREACAO FOMOS LEVADOS A ADMINISTRAÇÃO ONDE SE REALIZOU. LA FICAMOS EM-

UM LUGAR QUE CHAMAM DE CHIQUETRIÃO O PRIMEIRO A ACAREAR FOI O DAVI QUE TENTOU EM VÃO, NEGAR AO DELEGADO, TENTANDO DIZER A VERDADE. EM SEGUÍDA FUI EU QUE FIZ UMA ACAREAÇÃO BASTANTE CONTURBADA POIS EU DIZIA QUE AQUILO TUDO ERA MENTIRA, ELE DISSE QUE IRIA ME LEVAR A DELEGACIA DE HOMICÍDIOS PARA QUE EU CONVERSA-SE COM ELE LÁ, ENTÃO EU ACABEI CONFIRMANDO. E O OSVALDO FOI O PROXIMO FALOU QUE TENTOU NEGAR NO QUE FOI AMEACADO PELO PRÓPRIO DELEGADO. O ACAREADO FOI O CRISTOFOLINI. N.º SEGUNDO QUE ERA O BARDELLI. O DAVI TAMBÉM TENTOU NEGAR E FOI IMPEDIDO PELO DELEGADO. A VEZ QUE EU FUI, QUANDO ENTREI NA SALA E DISSE AO DELEGADO QUE EU ERA INOCENTE, QUE NÃO HAVIA FEITO NADA, E ELE NÃO QUIZ NEM ME OUVIR, SO MANDAVA FALAR SOBRE O QUE ELE QUERIA. LOGO APOS, O DELEGADO MOSTROU-ME UM AMIGO, QUE ESTAVA JUNTO ASSISTINDO AO DEPOIMENTO E, PERGUNTOU SE EU CONHECIA, EU RESPONDI QUE SIM. ENTÃO ELE FALOU QUE O JOAQUIM CASCAIS "QUE ERA O NOME DELE", PODIA ME DAR CIGARROS E UNS TROCADOS, E NOS DEIXOU FALAR EM PARTICULAR, EM UMA SALA AO LADO. LÁ EU LHE RELATEI TODA A VERDADE, E ELE ENTÃO FALOU QUE IA NOS AJUDAR. TOMOU ALGUNS DADOS, ME DEU 1 MAÇO DE CIGARETOS E, 1 NOTA DE R\$ 5000000, QUE COLOQUEI EM MINHA CARTEIRA "PORTA NOTAS"



QUE ESTAVA COMIGO, DESDE QUE UM DOS DA COCT. TERMINAMOS A CONVERSA, E ELE SAIU.

LEVARAM-ME, A UM OUTRO CHIQUEIRINHO, ONDE REVISTARAM-ME, E ENCONTRARAM A CARTEIRA.

E QUERIAM SABER COMO ELA ESTAVA COMIGO,

EU DIZIA QUE ELA TINHA FICADO COMIGO, E ELAS ME ESPANCARAM, ATÉ EU DIZER QUE O MEU AMIGO TINHA ME DADO ELA. E DALÍ FUI

LEVADO AO CASTIGO, E CONFINADO NO "FUNDÃO".

O OSVALDO TAMBÉM PRESTOU SUA ACAREÇÃO QUE IGUAL AS NOSSAS FOI SOB AS VISTAS DO DR ANTONIO CEZAR CIOFFI DE MOURA QUE ERA O PROMOTOR. NO OUTRO DIA FOI FEITA A ACAREÇÃO COM A DNA CELINA E BEATRIZ

O DAVI DEU O SEU DEPOIMENTO COMO ELAS QUERIAM, POIS JA HAVIAMOS SIDO ESPANCADOS PARA QUE ISTO ACONTECE-SE.

E NA MINHA VÊS, QUE TAMBÉM, ACABEI REPETINDO, TODO AQUELA COMEDIA MENTIROSA. E QUANDO O OSVALDO FOI PRESTAR

DEPOIMENTO, O PROMOTOR FOI FALAR COM ELE NA SALA AO LADO, E DISSE, PARA ELE ACUZAR AS DUAS MULHERES, E ELE DISSE QUE ERA INOCENTE O PROMOTOR ENTÃO DIZIA QUE IA FAZER UM ACORDO COM ELE. OU

ELE ACUZAVA AS MULHERES OU ELE DARIA 30 ANOS SO PARA ELE. ENTÃO O OSVALDO

DIS ACEITAR E AO PRESTAR O DEPOIMENTO FALOU QUE ERA INOCENTE E NÃO HAVIA FEITO NADA, O PROMOTOR FALAVA QUE ELE ERA MENTIROSO E QUE JA TINHA CONFESSADO A ELE ANTES. O OSVALDO DISSE JA

ESTAR PENSANDO DE APANHAR E ERA MELHOR

QUE NOS MALA-SEM DO QUE CONTINUAR APANHANDO E SOFRENDO COMO ESTAVAMOS E UM "SR" QUE LA' ESTAVIA PERGUNTOU ONDE E QUEM ESTAVA O ESPANCANDO, QUE FOI DITO SER OS GUARDAS E MOSTROU HEMATOMAS E A CAMISA MANCHADA DE SANGUE ESTE SR QUE ERA O DIRETOR DO P.P.C CHAMOU O CHEFE DE SEGURANCA SR. DENAIR E MANDOU QUE ELE TOMASSE PROVIDENCIA.

O ADVOGADO DE DONA CELINA PEDIU QUE FOSSE ANOTADAS AS MARCAS QUE ELE TINHA NOS BRACOS E O DR LUIZ CARLOS PEDIU QUE ELE TERMINASSE A RECLARACAO NO QUAL CONFIRMOU A SUA INOCENCIA. O DR LUIZ CARLOS PEDIU QUE FOSSE TRAZIDO A SUA PRESENCA EU E O DAUI. O PROMOTOR NAO QUERIA MAS ASSIM FOI FEITO. E DISSE ELE O MARCINEIRO DIS QUE E INOCENTE QUE NAO FEZ NADA DISTO. O QUE VOES TEM A DIZER. ENTAO CONTAMOS TODA A VERDADE QUE GRAMOS INOCENTE DE COMO ESTAVAMOS SENDO ESPANCANADOS PARA DIZER AQUELAS BESTEIRAS TODAS DRA IZABEL O UNICO QUE NOS DEU A DEVIDA ATENCAO E EXPLICOU DIREITO A NOS FOI O DR LUIZ CARLOS QUE NOS FRATOU COMO GENTE POIS ATE ENTAO SO ERAMOS TRATADO COMO ANIMAIS COMO BICHO APANHANDO SENDO ESPANCADO DIARIAMENTE DEPOIS QUE EU ESTAVA NO CONFINAMENTO O OSVALDO FOI NA IGREJA NOVA-MENTE E FOI TIRADO DE NOVO APANHAN-



do e foi levado a cela com Davi e LA FORAM ESPANCADOS OUTRA VEZ

Após os depoimentos de ACAREGAÇÃO FOMOS LEVADOS A PRESTAR EXCLARECIMENTO SOBRE OS ESPANCAMENTO EM QUE SOFRIAMOS ONDE FOI RELATADO EM BOLETIM OCORRENCIA EU E O OSVALDO CONFIRMAMOS E O DAVI POR MEDO NEGOU.

Depois fizemos exames médicos onde confirmamos novamente os espancamentos e foi anotados todos os hematomas do corpo. O guarda que mais nos surrou e também parece que na sua equipe era o que tinha as chaves da cela pois era ele que abria as portas e mandava-nos encostar na parede e ali nos faziam abrir as pernas e batiam no testículo com pontapes e nos rim na figado soco e com o chico doce caetete davam pontapos na região do estomago.

Eles incentivavam os presos a nos bater dizendo que não viam nada que estavam de oculos escuros. Que se nos mata-se eles não enxergavam nada. E diziam: JA NÃO TEM BANDIDO COMO ANTIGAMENTE SO TEM "BUNDA MOLE" HOJE EM DIA.

PASSAVA AOS PRESOS OS JORNAIS ONDE MOSTRAVAM OS "ENFOQUE DO CASO" E DIZIA VÃO DEIXAR DE GRAÇA ESTE LANCE SE FOSSEM UMS BANDIDOS MESMO ISTO NÃO FICARIA ASSIM.

[Handwritten signature]

(5)

FIZERAM O MARCINEIRO ATRAVESSAR A GALERIA. ANDANDO AJOELHADO MAIS GRAÇAS A DEUS. OS PRESOS NA GRANDE MAIORIA NÃO ACREDITAVAM NAQUELE CASO MONSTRUOSO POIS ELAS DIZIAM QUE CONHECIA A NOSSA UMBANDA E SABIA QUE ISTO NÃO EXISTIA E TAMBEM SABE DO QUE A NOSSA "QUERIDA POLICIA" É CAPAZ. E ATÉ QUANDO NÃO NOS DAVAM COMIDA ELAS DIVIDIAM CONOSCO SUAS COMIDAS. AI NO AHÚ, NÓS CONSEDE-MOS UMA ENTREVISTA A UM JORNAL DE SÃO PAULO, ONDE, AO CONTRARIAR-MOS COM O SEU DENAR, PARA ASSINAR-MOS A AUTORIZAÇÃO, NÓS PERGUNTAMOS SE PODIAMOS FALAR A VERDADE, E ELE DISSE QUE SIM.

AI FOI, QUE PODEDO-MOS DAR A PRIMEIRA VES UMA ENTREVISTA SEM PRESSÃO, FALAR A VERDADE, QUE ERAMOS INOCENTE E NÃO HAVIA-MOS FEITO NADA DAQUILO QUE FOMOS OBRIGADO A FALAR. N. NO OUTRO DIA FOMOS TRANSFERIDOS PARA O P.C.F.

E ASSIM MINHA AMIGA FOI O QUE NOS SUSCEDEU COM A GENTE DESDE QUANDO NOS FOMOS APRESENTADO NO AHÚ ATÉ NO DIA QUE CHEGAMOS AQUI NO P.C.F.

SEM MAIS AGRADECEMOS E PEDIMOS A DEUS QUE OS CUBRA COM SEU MANTO SAGRADO TODOS OS SEUS PASSOS: DE VICENTE DE PAULA FERREIRA





EXCLUSIVO



Chorando, filha e mãe dizem que são inocentes. A rotina na prisão inclui a limpeza da cela e sessões de trico

Celina e Beatriz: 'Fomos torturadas'

Celina e Beatriz Abagge, mãe e filha, acusadas de participar de ritual de magia negra que teria sacrificado o menino Evandro Ramos Caetano, em Guaratuba, litoral do Paraná, concederam entrevista exclusiva à imprensa. A mãe, Beatriz, disse que elas foram torturadas pela Polícia Militar para admitir participação no crime. Há quase um ano elas ocupam cela da galeria 'A' da Penitenciária Feminina, em Curitiba, onde foram encontradas em abril do ano passado.

CURTIBA — O processo sobre a morte do menino Evandro Caetano, de sete anos, num ritual de magia negra, no início do ano passado, poderá sofrer uma reviravolta. Duas mulheres do balneário de Guaratuba — Celina, mulher do ex-prefeito Aldo Abagge, e sua filha Beatriz — estão presas há nove meses, acusadas de sacrificar o garoto, oferecendo seu corpo a Ixú. Elas confessaram o crime à polícia, mas a defesa diz ter provas de que a confissão, gravada em fita, foi feita sob tortura e não passou de uma farsa montada pelos próprios policiais. Aldo Abagge, o ex-prefeito, afastado do cargo pelos vereadores da cidade, envolve ainda o governador Roberto Requião, seu inimigo político, na suposta trama.

Os advogados de defesa contestam o laudo de necropsia do corpo identificado como sendo do menino Evandro Caetano:

— Não havia sinais de facada, membros quebrados ou perfurações de balas — diz o advogado Magnus Kaminski.

Com base nas fotos do corpo no local em que foi achado, no Instituto Médico Legal de Paraná e depois no IML de Curitiba, a defesa está elaborando um laudo alternativo, no qual pretende mostrar que não houve rituais de magia negra. Os advogados suspeitam até mesmo do exame de DNA, realizado pelo Núcleo de Genética Médica de Minas Gerais, que identificou o corpo.

— Esse laudo é uma brincadeira de mau gosto, cujos resultados traduzem respostas a uma provocação. A coleta do material enviado para análise não foi acompanhada por nenhum advogado de defesa e as pesquisas se arrastam há mais de seis meses, quando sabemos que o exame de DNA é um procedimento científico conclusivo, com ciclo definido de, no máximo, 28 dias.

Pequeno balneário a 129 quilô-

metros de Curitiba, com uma população fixa de 30 mil habitantes que salta para 150 mil na temporada de verão, Guaratuba foi notícia em todo o país à época do assassinato de Evandro. Junto com a morte do menino, surgiram fortes indícios de outros sacrifícios de crianças, durante cerimônias macabras na serraria do então prefeito Aldo Abagge.

O processo terá um lance decisivo este mês, quando uma das Câmaras Criminais julgará recurso da defesa pedindo o afastamento da juíza Anésia Kowalski, sob a acusação de conivência com a suposta tortura dos acusados praticada pela Polícia. Os advogados da defesa trabalham

nas alegações finais do processo. Os levantamentos indicam, segundo os advogados, fragilidade de provas. Eles reúnem uma série de fatores que poderiam justificar a farsa: a perseguição política movida pelo governador Roberto Requião contra o ex-prefeito; as divergências da família Abagge com a juíza Kowalski; e a campanha do engenheiro Diógenes Caetano da Santos, primo do pai de Evandro, que sempre fez oposição ao prefeito e nunca escondeu seu rancor por Celina Abagge, a quem culpa pela separação de seus pais, há 20 anos.

A participação do governador Requião é justificada por Aldo Abagge, como visto ao lado.

ga rivalidade, surgida quando Requião era presidente do Conselho do Litoral e vetou a pretensão de Guaratuba de aumentar o gabarito das edificações na orla marítima.

— Eu impediria a construção de espigões na beira da praia, mas depois conversava com o Aldo. Só não sabia que eles eram vampiros — afirmou Requião.

8:0 País

O GLOBO

Crime de Guaratuba: defesa

Domingo, 7 de março de 1983.

denuncia farsa

Tortura nunca mais ?





Domingo, 7 de março de 1993

O GLOBO

Polícia acusada: seqüestro e tortura

CURITIBA — Celina e Beatriz foram presas às 8h da manhã do dia 2 de julho do ano passado, por agentes da Polícia Federal e integrantes do serviço secreto da Polícia Militar do Paraná, o chamado "Grupo Águia". Minutos antes da invasão da sua casa, o ex-prefeito Aldo Abagge havia telefonado para seu advogado, Sílvio Bononi, pois percebera a movimentação policial. Ao chegar, o advogado constatou que os policiais não traziam mandado de prisão e, depois de alguma discussão, resolveram seguir todos para o fórum, onde estariam os mandados.

— Fomos colocados na sala de audiência e os policiais saíram para pegar os documentos com o promotor. Minutos depois, um deles voltou chamando por dona

Celina e Beatriz, que foram levadas para fora da sala. Quando eu tentei acompanhar, fui barrado na porta sob a mira de uma metralhadora, enquanto o policial me dizia que o promotor gostaria de falar a sós com elas. Neste momento, ouvimos o barulho de carros arrancando em alta velocidade. Elas tinham sido levadas. Foi um seqüestro — contou o advogado.

As duas mulheres só voltaram ao Fórum depois das 14h, quando então assinaram os mandados de prisão. Neste intervalo, elas denunciaram que foram levadas para uma chácara e torturadas com choques elétricos, afogamentos, abuso sexual, espancamentos, até aceitarem gravar uma fita na qual admitem a autoria do crime.

● Emperrado inquérito da tortura

O delegado Valmir Soccio pediu novo prazo à Justiça de Guaratuba para terminar inquérito policial sobre denúncia contra policiais militares acusados de torturar Celina e Beatriz Abagge e mais cinco pessoas envolvidas em processo de ritual macabro com morte do menor Evandro Ramos Caetano em abril do ano passado. Soccio disse que não tem os nomes dos soldados porque a PM não os forneceu. Até agora recebeu apenas relatório chamado 'Operação Magia Negra'. PÁG. 7

Quarta-feira, 16 de junho de 1993

Tortura nunca mais ?

Folha de Londrina - 7

Página -193



Tortura: inquérito sem conclusão

Secursal de Curitiba

O delegado de Paranaguá, Valmir Soccio, pediu mais prazo à Justiça de Guaratuba para concluir o inquérito policial sobre a denúncia contra policiais militares, acusados de terem torturado Celina e Beatriz Abagge e mais cinco pessoas. Soccio disse ontem que o inquérito foi encaminhado ao Fórum no último dia 29 de março e que ainda não tem nenhuma resposta por causa da greve dos juízes.

O delegado abriu o inquérito há sete meses e até agora só ouviu os policiais federais que ajudaram a PM a prender Celina e

Beatriz. Ele afirma que ainda não tem os nomes dos PMs que solucionaram o crime, apesar de ter solicitado a identificação de todos ao Comando Geral.

"Todos os policiais que participaram da operação serão ouvidos", garante o delegado Valmir Soccio. Ele informou que encaminhou os arquivos do inquérito da PM e ao comandante Miguel Arcaño Capriotti, solicitando o nome dos integrantes do grupo "Águia" e um relatório. "Não recebi nenhuma resposta", afirma o delegado. Segundo Soccio, o único documento recebido foi

um relatório denominado "Operação Magia Negra", assinado pelo capitão Valdir Neves.

O relatório foi conseguido depois que o delegado Soccio enviou um ofício à Secretaria de Segurança Pública, através do Departamento de Polícia Civil. No documento, entretanto, o capitão Neves, que coordenou a operação, não cita o nome dos policiais e nem o procedimento das investigações. Em oito páginas, Neves limita-se a apresentar uma cópia do termo de declaração de Diógenes Caetano da Silva, tio de Evandro, ao Ministério Público, fotocópias dos mandados

de prisão dos sete acusados, recortes de jornais e panfletos distribuídos por Diógenes.

Valmir Soccio diz que vai ouvir o capitão Neves para saber, entre outras coisas, onde as duas ficaram das 9h às 15h30 do dia 2 de julho do ano passado, quando foram presas em casa, levadas e trazidas de volta ao Fórum de Guaratuba. "Não sei se os policiais serão ouvidos aqui ou por carta precatória", explica. Os agentes de Polícia Federal negaram que tenham participado, junto com os PMs, da sessão de depoimentos dos acusados. Eles afirmaram que apenas "auxiliaram" na prisão.



CURITIBA

Multipress

Julgamento do caso Guaratuba ainda demora

Elza Oliveira
Multipress

CURITIBA - Há exatamente um ano, no dia 3 de julho de 92, a opinião pública paranaense foi abalada com a divulgação da versão policial para esclarecer o assassinato do menino Evandro Ramos Castano, sete anos, que desapareceu no dia 6 de abril próximo à sua casa, em Guaratuba, no litoral do estado. Cinco dias depois, o corpo do menino foi encontrado num matagal, sem os órgãos internos, o couro cabeludo, os pés e as mãos. A violência do crime revoltou a população da cidade, onde outro menino - Leandro Bossi, oito anos - tinha desaparecido em fevereiro.

Segundo a versão policial, Evandro teria sido morto durante um ritual de magia negra, realizado no dia 7 de abril, na serraria do então prefeito de Guaratuba, Aldo Abagge. Participaram do "trabalho" a mulher e a filha do prefeito, Celina e Beatriz Abagge, o contador da serraria, Airton Bardelli, o artesão Davi dos Santos Soares, o comerciante Sérgio Cristofolini e o pai do então Osvaldo Marceneiro e Vicente de Paula.

Os sete estão presos há um ano - os homens no Presídio de Segurança Máxima, em Firaquara, e as mulheres no Presídio Feminino. O processo já soma 10 volumes e está parado há mais de dois meses; primeiro com a greve do judiciário e agora com o período de férias forenses. O julgamento, segundo a acusação e a defesa, não deve mais acontecer este ano, embora a juíza de Guaratuba, Anísia Kowalski, esteja disposta a acelerar a

tramitação.

Resta ainda uma testemunha de defesa para ser ouvida e o caso entra na fase de alegações finais. Neste momento, os advogados de defesa dos sete acusados prometem apontar todas as falhas do processo, entre as quais desde falta de mandados de prisão, coincidência de horários de depoimentos, inexistência de provas materiais e acusações de que as confissões foram feitas mediante tortura.

O comandante geral da Polícia Militar do Paraná, coronel Miguel Aracaju Capriotti, não aceita estas alegações de serviços. Segundo ele, a maior defesa contra esse argumento é o laudo de lesões corporais do IML, que aponta apenas "lesões leves em alguns dos acusados". O grupo Agnis do serviço secreto da PM, foi responsável pela abolição do crime, em menos de dez dias de investigações. Os soldados do Agnis foram mandados a Guaratuba depois que o engenheiro Diógenes Castano dos Santos, primo do pai de Evandro, prestou um depoimento em Curitiba, falando da suspeita de magia negra e envolvendo nomes da família Abagge.

Essa vertente de investigação também tinha sido tentada pelo grupo Tigre, um segmento de elite da Polícia Civil do Paraná, que estava cuidando do caso desde o início. A delegada Letia Bertolini, que ficou dois meses trabalhando em Guaratuba, não acredita na versão da PM. Ela chegou a prestar depoimento como testemunha de defesa, no processo, e afirma com muita certeza que "no crime aconteceu no dia 7 de abril, dona Celina Abagge não participou". Isso porque a mulher, e também a filha do ex-prefeito foram vistas pelos agentes do Tigre, que chegaram a Guaratuba na noite daquele dia e

estiveram na casa de Aldo Abagge.

"Os álibis dos acusados não são consistentes e é muito difícil que em um grupo grande, de sete pessoas, ninguém consiga explicar exatamente o que estava fazendo na hora do crime, tanto os envolvidos no sequestro, na manhã do dia 6, como no momento do ritual", diz o promotor Antonio Cioffi, que acompanha o caso desde o início.

A defesa já tentou retirar a juíza de Guaratuba, Anísia Kowalski, do caso, alegando que ela tem um comportamento tendencioso, em função de antigas disputas com o ex-prefeito Aldo Abagge. O Tribunal de Justiça, contudo não aceitou o pedido, assim como os habeas-corpus impetrados a favor de Celina e Beatriz Abagge.

Do lado da família, além de reclamar da perseguição da juíza, existe também a convicção de que o próprio governador Roberto Requião tinha interesse no episódio. "Nós enfrentamos uma divergência desde quando ele era Secretário do Desenvolvimento Urbano e presidente do Conselho do Litoral. Depois, ele perdeu em Guaratuba nos dois turnos e vivia dizendo que o Paraná acabava no ferry-boat", afirma o ex-prefeito Abagge, que foi cassado pela Câmara Municipal depois da população se apoderou da casa da família e o prédio da Prefeitura.

O governador diz que não pode colocar em dúvida a competência da polícia paranaense e que não haverá impunidade no estado, mesmo que os criminosos sejam ricos. "Eu de fato não permito que o Aldo Abagge construa espigões na praia de Guaratuba, mas não sabia que eram brutos", disse Requião.

Caso Guaratuba, um ano depois

Elza Oliveira
Multipress

CURITIBA - O espaço é pequeno, apenas 1,80 por 3,50 metros, ocupado por uma cama, um pequeno armário, uma pia e uma patente. A noite, outro colchão é colocado no chão, para que as duas detentas possam dormir juntas. Há exatamente um ano, desde o dia 3 de julho de 92, Celina e Beatriz Abagge, respectivamente mulher e filha do ex-prefeito de Guaratuba, Aldo Abagge, dividem uma cela no Presídio Feminino de Firaquara, na Região Metropolitana de Curitiba. Elas são acusadas como mandantes e participes ativas da morte do menino Evandro Ramos Castano, que teria acontecido durante um ritual de magia negra realizado no dia 7 de abril, nas dependências da serraria do ex-prefeito, em Guaratuba.

Acostumadas a uma vida de conforto, as duas não reclamam das condições da prisão. Pelo contrário, ao final de quase três horas de conversa, na quinta-feira passada, primeiro de julho, elas disseram que não gostariam que a família soubesse que tinham chorado durante a entrevista. "Estamos aqui, trabalhamos, nos relacionamos bem com as outras presas e com as funcionárias. Ficamos mais emocionadas apenas quando lembramos detalhes do caso", disse Celina. Elas garantem também que estão confiantes no resultado do julgamento, "pois nada devemos e vamos provar nossa inocência".

Abaixo, as principais trechos da conversa



Celina Cordero Abagge (de óculos) e sua filha Beatriz na oficina de confissões da Penitenciária Feminina de Firaquara

Pergunta - Só recentemente vocês têm aceitado conceder entrevistas. Como foram estes últimos meses aqui no Prédio?

Celina - É tudo muito difícil. A gente não teve oportunidade de falar com a imprensa, na época do prédio. E mesmo que a gente ficasse ninguém iria nos escutar, ouvir as explicações de que tudo era uma trama. Agora nós acreditamos que vamos provar que não fizemos nada. Estamos aqui por causa das denúncias infundadas de um peicopista (Diógenes Caetano dos Santos, primo do pai de Evandro, que prestou um depoimento à Polícia Militar envolvendo a família Abagge, que culminou com as prisões dos acusados).

Pergunta - Mas a senhora acha que o Diógenes seria capaz de fazer isso sozinho, criar e envolver sua família na trama?

Celina - É tão grande a trama que eu não sei o que pensar. Ele começou a agredir a administração do meu marido com papafolhos e também aos vereadores. Mas meu marido não tem inimigos; apenas adversários políticos na época das eleições. Quando ele assumiu a Prefeitura eu fui cuidar das creches, que eram depósitos de crianças em Guaratuba. Fiz tudo com carinho, sem nada receber em troca, para depois ser considerada um monstro. É um absurdo, muito doído escutar uma coisa dessas (chorando).

Pergunta - Ele diz que se intimizou com a sua família (tem razão direta no comportamento da senhora, que teria um envolvimento emocional com o pai de Diógenes há alguns anos)?

Celina - É tudo mentira, não tenho nenhum envolvimento com a família dele. Ele precisa ter provas concretas. Fala o que quer e a Justiça não está investigando, não pede as provas.

Pergunta - A acusação alega que a prova malar é a fita gravada em que vocês confessam a crimes?

Beatriz - Essa fita foi feita mediante tortura.
Celina - Os policiais entraram na minha casa no dia 2 de julho, empurrando cadeiras, jogando tudo. Meu marido pegou o telefone para ligar para o advogado e eles empurraram meu marido. Eu fiquei assustada. Eles diziam que queriam uma das minhas filhas, mas não sabiam qual. Perguntaram quem era a psicóloga e a Sheila se identificou. Depois disseram "quem é o amante do Oswaldo?" e responderam que lá não tinha nenhuma. Queriam saber quem frequentava o centro do Oswaldo (pai-de-santo, também devoto como acusado do crime) e então a Beatriz disse que era ela. Eles diziam que eu estava presa por ter matado o menino Evandro. A gente dizia que era um engano. Aí chegou o advogado da Prefeitura (Sívio Bonone) dizendo que ninguém poderia se preso sem mandado. Eles mostraram um papel, que não tinha nada com nada. Eles continuaram em jurando. As crianças choravam. Então eu disse ao meu marido: vou até o Fórum com eles e esclareceremos tudo esse engano. Ele quis ir junto, mas os policiais não deixaram. Como não sabiam qual filha queriam, foram as duas: Sheila e a Beatriz.

Pergunta - O que aconteceu no Fórum?

Celina - Nós fomos colocados na sala de audiência e minutos depois chegou um policial e disse para a gente ir, eu e a Beatriz. Saímos, eu pensava que ia para a sala da doutora Anésia (Anésia Kowalski, juíza de Guaratuba). A Sheila e o advogado ficaram na outra sala e foram trancados por fora. Eu pensava, a juíza sabe, pois foi ela mesma que deu as crianças para a gente cuidar. São os filhos da Beatriz (Lucas e Mari, Eduarda, um casal de gêmeos adotados há três anos). Ela sabe que toda a vida eu gostei de crianças, jamais seríamos capazes desse crime (chorando). Mas os policiais nos levaram para fora, nos socorram dentro do carro. Eu perguntava "pelo amor de Deus onde estão nos levando?" e eles responderam "vamos levar vocês para serem reconhecidas". Eu pensei que a gente ia para a Delegacia, mas eles vieram a rua e nos mandaram subir dentro do carro e cobrir a cabeça. Um tempo depois o carro parou e tiraram a Beatriz, passaram para outro carro. Eu perguntai quem eram eles e ouvi "quem sabe, somos soldados da inquisição para queimar as bruxas" (chora).

Pergunta - Eles continuaram fazendo perguntas na trajetória?

Celina - Não, eles falaram só entre eles: "esse caso vai fazer esquecer o caso Collor, vai dar um furo, repercutir no mundo inteiro. Vai ter promoção e tudo o mais". Eu fiquei quieta, tentando perceber para onde estavam nos levando. Reconheci a estrada, como sendo a de Curitiba, pois é a única de saibro naquela região. Eu pensava: meu Deus, vão nos levar para o mata e acabar com a gente. Eu pensava em Deus, na minha filha, na minha família, mas não consegui rezar (chora).

Beatriz - No carro em que eu e elas também falávamos de reporecimento do caso. Tinha um rádio nesse carro e eles falavam com outros pessoas, perguntavam se o prédio já estava preso, ou morto. Uma tartaruga polêmica.

Pergunta - Onde os carros pararam?

Celina - Depois de uma ponte, eu ouvi barulho de um rio e eles diminuíram a velocidade. Quando pararam os que estavam na frente desceram e gritavam "oi pessoal, onde estão vocês, aí embaixo?". Ouvi outras vezes e me mandaram descer do carro. Eu tinha a blusa puxada sobre a cabeça, mas na hora caí e vi parte do quintal, a cerca recém pintada, um galpão do lado esquerdo. Posso desenhar a casa, fixo isso, para o advogado. Logo na entrada eles me empurraram para um quarto, me jogaram numa cama, deram soco no estômago, tapas nos ouvidos, com as duas mãos, por trás e disseram para eu não abrir a boca porque senão nos matavam. Aí eu comecei a escutar os gritos da Beatriz (chora convulsivamente): "Mãe me socorra, pelo amor de Deus, me socorra". E eu não podia me mexer, não podia fazer nada. Então eles ligaram o som, era uma música alta, que parecia vir de fora, do carro. Dentro de casa tinha cheiro de comida, barulho de panelas. E tinha também voz de uma criança e de mulher lá fora. Eles falavam muito alto, como para que os outros moradores não percebessem os gritos da gente. Ouvi também passar um veículo pesado, ônibus ou caminhão. A Bea gritava e de repente ficava quieta. Eu pensei: mataram ela. Depois ouvi disseram para levar para o banheiro, para tirar a roupa dela. Meu Deus, eu não podia fazer nada. Se fazia menção de levantar eles me batiam, no ouvido, no rosto, fiquei marcada, inchada. Um deles me agarrou pelo pescoço, fez um arranhão. Não demorou muito eles levaram um homem, que eu não pude ver porque continuava com a cabeça coberta. Ele disse: "Dona Celina eu sou o Oswaldo, por favor fale tudo porque eles vão nos matar". Aí continuou a tortura, a Beatriz gritava e eu não podia fazer nada (choram as duas).

Pergunta - Quando fizeram a gravação?

Celina - Um tempo depois levaram a Beatriz até onde eu estava. E ela disse "Mãe, pelo amor de Deus, fale o que eles quiserem porque estão me matando". Mas eu disse, minha filha porque isso se não nós fizemos nada.

Beatriz - Eu tinha levado choque o dia inteiro, não aguentava mais.

Celina - A Bea falou, não inventa, diga que eu dei balinha para o menino e que nós matamos o menino, fale. Eu repetia que não fizemos nada. Então eles disseram: mais afogamento, e eu vi que ela gritava (chora o tempo todo). Depois disseram para mim: "fale que você matou a criança. E eu disse: matei". "Como foi que você matou? com uma faca, respondi. E eles deram mais tapa: "Não foi com faca, foi com serra". Eu disse, foi uma faca de serra, de ferro, de serrá de cortar pão. E comecei a dizer tudo o que eles diziam. Se não saía certo, eles batiam no meu rosto e diziam, fale outra vez, como eu mandei.

Pergunta - Você percebeu que estavam gravando, Beatriz?

Beatriz - Eu não percebi nada. Eu falava que sentava o que eles mandassem, mas que pararam com aquilo que eu não aguentava mais. Foi violentada não sei quantas vezes, demais! muito (chora longo tempo). Era choque elétrico, afogamento, enfiamento das conversas entre eles para saber o que eu devia falar. Depois eles levaram o Oswaldo, eu reconheci porque me mandaram pegar nas mãos e na barba. Ele disse "Beatriz fale que você sequestrou o menino, porque eles vão matar todo mundo". Eu ri e o Oswaldo, que aquilo era mentira e ele foi embora, dizendo que ia ser morto. Eu tinha um peso enfiado no rosto e na hora do afogamento eles colocavam uma toalha molhada, com água e sabão. Fiquei com o rosto todo cheio de bolhas. E davam choques elétricos nos dedos (mostra que ainda existem marcas nos polegares).

Pergunta - Eles fizeram ameaças antes de iniciar a tortura?

Beatriz - Logo no começo eles falaram: "Você vai falar por bom ou por mal". Eu disse não sei o que vocês queiram, não fiz nada. Nisso foi entrando um monte de policiais e um falou: "mas putinha, 16 policiais vão te comer agora". Eu não sei quantos foram, demais! (chora).

Pergunta - Quando foi que vocês saíram da casa?

Celina - Não sei as horas, mas fomos levadas para o Fórum de Guaratuba. Quando estivamos chegando nos mandaram tirar as vendas e sentar no banco. A rua estava cheia de gente. Eles tinham feito a campanha, propagando que haviam pegado quem matou o menino. Eu não condemo o povo, não condemo a imprensa, porque o comportamento é esse mesmo, fazem pelo que ouvem, não pelo que têm certeza. Mas eu ainda fiquei pensando que iriam me dar razão, pois eu estava evasuada e urrada de tanto apalpar.

Beatriz - Eu também tive a minha calçada, quando me mandaram tomar banho lá na casa e jogaram no lixo, para deixar como prova. No primeiro depoimento falei disso, mas não sei se as forças policiais.

Pergunta - E a tentativa de linchamento no

Fórum?

Celina - Não sei o que a gente foi fazer lá, porque a doutora Anésia não estava. Quando eu me encontrei com ela, no depoimento, eu disse: "se a senhora estivesse lá teria mandado prender os policiais, teria me visto urrada e evasuada, marcada e sobria que fui torturada" (chora). Aí nos tiraram do Fórum, porque iam nos linchar. O policial deu um de saio de guarda e eu até agradeço, também era o medo. No ferry-boat eu passei mal e apareceu o doutor Acemir, que era Secretário de Saúde e me deu um remédio. Foi o primeiro a quem eu falei da tortura, que viu o meu estado.

Beatriz - No ferry eles estavam filmando e mandavam eu fazer um sinal afirmativo com a cabeça. Perguntaram se eu estava arrependida e eu fazia sinal de repente comecei a gritar, que não aguentava mais. O doutor Acemir me deu uma injeção de Valium, fiquei dopada.

Pergunta - Depois vocês foram pra e quartel de Matinhos?

Celina - Sim, fui levada para um alojamento e entrou o coronel Capriotti (Miguel Angelo Capriotti, comandante geral da Polícia Militar do Paraná). Ele me chamou de cambada (por causa da maçonaria) e disse para me sentar. Eu contei das torturas. Logo depois entrou o capitão Neves (responsável pelo serviço secreto da PM), pegou as minhas duas mãos, virou para trás e quase quebrou, dizendo que eu devia repetir no depoimento tudo o que tinha sido combinado na casa. Eu sei que era o capitão Neves porque um soldado chamou por esse nome e ele respondeu. Nesse momento, entrou meu irmão e meu sobrinho, que tentou bater no capitão. Eu podia pelo amor de Deus vai ser mais um preso.

Beatriz - O capitão Neves também me ameaçou, segurou meu pescoço, o que foi visto pelo advogado Sívio Bonone, que entrou em luta corporal com ele. Foi procurada também pelo coronel Capriotti, que disse ser meu tio.

Celina - Ainda no quartel de Matinhos tive que tomar banho, pois a minha família tinha mandado outra roupa. Mas tive que me lavar apenas com água, sem sabão, na frente de uma porção de policiais. Minha formação não me permitia tirar a roupa nem na frente do meu marido, no claro. Daí para frente tive que tirar na frente de policiais, na frente de outros, ninguém rapinha (chora).

Pergunta - Quando chegaram a Curitiba?

Celina - A viagem foi feita com o capitão Neves, que continuou ameaçando toda a minha família e o meu sobrinho que vinha atrás, de carro. Eles perguntaram se eu falei o nome dele e até hoje me arrependo, pois tiveram que vender o carro, trocar o telefone. Eles não me contaram muito das presenças para eu não ficar preocupada (chora). Em Curitiba, nós só passamos pelo quartel da Polícia Militar e fomos para onde passaram a noite. Aí recebemos de novo a visita do coronel Capriotti e agora ele tem coragem de dizer que tudo é mentira.

Pergunta - Vocês foram novamente torturadas?

Celina - Quando passamos pelo Ahá (Prédio no centro de Curitiba), antes de irmos para Pinheira uma policial gorda e ruivo nos bateu, tirou meus óculos, o relógio da Bea, pisou em cima e disse que não tiramos mais. Tirou nossos cadáveres, as meias e nos dava socos. Quando chegamos aqui ele falou "bem-vinda ao inferno, primeira-dama de Guaratuba".

Pergunta - Vocês conseguem identificar os agressores?

Celina - Eu identifico todos, os que estiveram na minha casa, os gangsters que nos levaram para a tortura, identifico o capitão Neves, todos eles (chora e Beatriz pede calma).

Pergunta - O que significou esse ano?

Celina - Muita tristeza, sinto muita falta dos meus netos, da família, dos amigos, da minha cidade. Minha família está desorientada. Minha filha Sívio, de 13 anos, parou de estudar porque estava sendo discriminada. Vão agredir a menina enquanto não provarmos nossa inocência. Meu filho está sem trabalhar. Meu marido está se esbaldando e quando sair daqui não sei se ainda vou ter marido. Igual meu pai, que morreu de tristeza (chora muito). Quantas vidas interrompidas.

Pergunta - O que vocês pensam de futuro?

Celina - Vamos ser absolvidas e o mundo vai ver que não pode julgar pelas aparências. O povo tem que acordar. Muitos bandidos são fabricados. Há muita injustiça, eles torturam para ter alguém que responda pelo crime. Mas estou mais confiante.

Pergunta - Vocês têm medo do julgamento?

Celina - Não quero sair daqui algemada. Tenho medo de ficar com aqueles policiais.

Beatriz - A imprensa já está sabendo que tem o lado da gente para contar. Mas não fomos ameaçadas de morte pela polícia, não pelo povo. Como a gente podia reconhecer, tenho medo de que tentem se vingar. Tenho medo de mandar as crianças para a escola.

PARANÁ

Celina e Beatriz

Capriotti ignora local

de depoimento

O comandante da PM negou ainda que seja maçon e que elas foram torturadas para confessar o crime

Mônica Santanna
Sucessor de Curitiba

O comandante-geral da Polícia Militar, coronel Miguel Arango Capriotti, desconhece o local em que Celina e Beatriz Abage foram mantidas presas por policiais militares por quase oito horas. Em entrevista exclusiva à Folha, publicada na última quinta-feira, Celina e Beatriz acusaram a PM de tê-las submetido à tortura para que admitissem a participação na morte do garoto Evandro Ramos Caetano, que teria sido sacrificado num ritual de magia negra, em Guaratuba. Capriotti negou a tortura e também que seja maçon. "Tenho profundo respeito pelos maçons, mas não iria me ajeitar na frente de uma assassina e chamada de caninhada" (termo usado pelos membros da Maçonaria), afirmou.

Celina e Beatriz Abage afirmaram que foram presas na manhã do dia 2 de julho do ano passado por volta das 8h30 da manhã, levadas ao Fórum de Guaratuba e retiradas, em seguida, por policiais da P-2 (polícia secreta da PM). Elas disseram que foram separadas e submetidas à tortura. Celina diz que levou socos no estômago e Beatriz afirma que foi violentada para confessar o crime.

O depoimento, gravado em fitas cassete e de vídeo, segundo Celina ocorreu numa pequena casa na estrada entre Guaratuba e Garuva (SC). As duas afirmam que retornaram ao Fórum somente por volta das 16h, quando foram levadas para o quartel da PM em Matinhos.

Capriotti argumenta que "comanda inúmeras equipes de in-

vestigação" e que apenas é informado dos resultados. "Elas ficaram no Fórum de Guaratuba", diz o comandante-geral da PM. "Está tudo nos autos", afirmou, irritado, alegando que essa não era uma pergunta para ser feita "a essa hora da tarde" (pouco antes das 18h de ontem). Sobre a tortura, o coronel Capriotti diz que esse é o argumento que "elas têm para se defender", porque a "maior prova" de que não houve sevícia são os laudos do Instituto Médico Legal. "Elas querem que o povo esqueça o que houve e passem a ser consideradas santas", dispara o comandante da PM.

A morte do menino Evandro Caetano, cujo corpo foi encontrado mutilado no dia 11 de abril (cinco dias depois de seu desaparecimento), foi esclarecida por um grupo especial da PM, o

grupo "Águia", coordenado pelo capitão Valdir Copetti Neves. O capitão Neves é apontado por Celina e Beatriz como o "comandante" da sessão de tortura. O grupo prendeu primeiro o pai-de-santo, Osvaldo Marcineiro, a partir de um relatório encaminhado ao Ministério Público por Diógenes Caetano da Silva, tio de Evandro. A PM até hoje não esclareceu como chegou à conclusão de que Marcineiro, Celina, Beatriz e mais quatro pessoas são culpadas pela morte do menino.

Policiais informam que a principal pista teria sido fornecida por uma mulher grávida, que teria visto o grupo jogar o corpo de Evandro no matagal. Essa mulher não aparece no inquérito policial, presidido pelo delegado Ricardo Noronha, e também não foi encontrada em Guaratuba.



O pai-de-santo afirma ter sido torturado pela PM para confessar o assassinato do garoto em Guaratuba

Folha de Londrina

Tortura nunca mais ?

Página -197



Secretaria nega tortura

A Secretaria de Segurança Pública e o Comando da Polícia Militar, a quem o grupo Águia está subordinado, negaram que os policiais tenham usado tortura para obter a confissão dos sete acusados na morte do menino Evandro Ramos Caetano. O secretário Moacir Favetti e o comandante-geral da PM, coronel Miguel Arcanjo Capriotti, afirmam que eles deixaram para denunciar a tortura quase um ano depois de terem sido presos. "Eles foram apresentados à imprensa e poderiam ter dito isso naquela época. Por que não fizeram?", indaga o secretário Favetti. Segundo ele, isso é uma "tese de defesa".

Nem Favetti e nem Capriotti explicam, entretanto, onde Oswaldo Marcineiro, Celina e Beatriz Abagge foram mantidos durante a ma-

drugada e parte do dia 2 de julho de 1992. Um inquérito policial tramita na Delegacia de Paranaguá e foi aberto; a pedido dos advogados de defesa de Celina e Beatriz, em novembro do ano passado para apurar as denúncias de tortura. O delegado Valmir Soccio conseguiu ouvir até agora apenas os policiais federais que auxiliaram os PMs na prisão das Abagge. Quanto aos PMs, o delegado não obteve nenhum dado sobre a forma de investigação e nem os nomes dos integrantes do grupo especial.

Juristas, que analisaram os depoimentos de três acusados, dizem que há "inúmeras afirmações coincidentes" entre a degravação da fita cassete - entregue durante a prisão dos sete - e as declarações dadas à Folha. (M.S.)

Marcineiro também denuncia

Folha de Londrina - 5

tortura

Sucursal de Curitiba.

O pai-de-santo Oswaldo Marcineiro está preso há um ano na Penitenciária Central do Estado, em Piraquara, acusado de matar o menino Evandro Ramos Caetano, que teria sido sacrificado num ritual de magia negra, em Guaratuba (litoral do Paraná). Ocupando uma das celas da ala de segurança máxima da PCE, junto com Davi dos Santos Soares e Vicente de Paula (também acusados do crime), Marcineiro nega que tenha participado do crime e, assim como Celina e Beatriz Abagge, repete a mesma história: "Confessei depois de ter sido torturado por policiais do grupo Águia (da Polícia Militar) por quase 24 horas", afirmou o pai-de-santo.

Marcineiro disse em entrevista exclusiva à Folha que foi submetido a tortura física e psicológica para "dizer tudo o que os PMs queriam". "Não tivemos chance um minuto de tentar provar nossa inocência", argumenta. Ele contou que foi o primeiro a ser preso, no dia 1º de julho do ano passado, por volta das 18h30, em frente à sua casa. "Um carro encostou, desceram uns homens pedindo que os acompanhasse até Matinhos para prestar esclarecimentos sobre o desaparecimento do menino. Fui com eles sem saber o que aconteceria".

Oswaldo Marcineiro relata que foi levado a um local, encapuzado e acompanhado por quatro homens que se intitulavam "assassinos profissionais". "Ao chegarmos, me disseram que a 'casa havia caído' e que a Celina e Beatriz me apontavam como o matador do menino. Respondi que elas estavam loucas", afirmou. Segundo ele, a partir daí os policiais tiraram toda a roupa, passaram a aplicar choques, inclusive nos órgãos sexuais, e a repetir uma

para que eu repetisse a história".

Oswaldo Marcineiro confirma que conheceu Beatriz Abagge e que fez o "trabalho" na serraria para proteção com "pipocas". O trabalho, segundo ele, foi feito "perto da Semana Santa, sem o sacrifício de ninguém". "A polícia tentou vincular a morte do menino com esse trabalho, mas nunca provou e nem vai provar", disse. No altar, construído próximo ao muro, seria colocado a imagem de São Jerônimo e uma vela branca. "Nasci no espiritismo, mas não sou bruxo".

De acordo com Marcineiro, a coincidência dos sete - sete pessoas acusadas, Cr\$ 7 milhões (preço que teria sido pago por Celina pela morte do menino) e as sete letras do nome Evandro -

história. "A história era sobre a forma que o menino havia sido morto e os PMs insistiam para que eu a repetisse".

A sessão, segundo o pai-de-santo, se estendeu por "várias horas". "Quando não resisti mais confessei o que eles queriam e avisei a Beatriz (que já estava no local), que ela confirmasse tudo, porque nós acabaríamos sendo mortos. Hoje penso se não seria melhor ter morrido naquele dia". Marcineiro diz que não denunciou a tortura, no dia em que foi apresentado à imprensa na Secretaria de Segurança, porque havia sido ameaçado de ser "jogado" à população para linchamento. "Dopado e torturado, disse tudo o que eles queriam. O dia todo alguém me falava, 'recapitulando'

foi dita por alguém no "interrogatório". "Uma pessoa apenas cochichava o que deveria ser dito e a história dos sete foi uma das coisas. Todos sabem o que fiz e onde estive naqueles dois dias do mês de abril (dias 6 e 7, datas do desaparecimento e da provável morte de Evandro). Só que, como num pacto, todos se esqueceram".

Marcineiro afirma que no dia 6 esteve numa reunião num centro espírita e depois foi à casa de Evandro para rezar, a "pedido da própria família". No dia 7, ele fez uma reunião em casa para "arrecadar dinheiro" e depois foi comer "dobradinha" num bar da cidade. "Tenho minha consciência limpa e certeza de que saio daqui".

6025

Na prisão: sai satanás

Na prisão, Oswaldo Marcineiro mantém uma aparência muito semelhante a de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes: cabelos e barba compridos. "Eu queria saber por que não deixam eu cortar o meu cabelo e a minha barba?", pergunta o pai-de-santo. Segundo ele, Davi Soares e Vicente de Paula estão na mesma situação. "O De Paula nunca usou barba", diz. Cabelos e barba compridos contrariam aos normas do sistema penitenciário, tanto que os três tiveram os cabelos aparados assim que chegaram ao Centro de Triagem.

Esse fato chegou a prejudicar uma investigação da polícia, que queria comparar Marcineiro e Davi com retratos falados dos suspeitos do desaparecimento do garoto Guilherme Tiburtius, ocorrido há três anos em Curitiba. "Pedi que deixassem o cabelo e a barba dos dois crescer para fazer um reconhecimento", lembra o delegado Francisco Batista da Costa, que na época presidia o inquérito sobre o caso Guilherme. "Depois do reconhecimento, deixei os dois liberados".

Oswaldo Marcineiro não fica no prédio central da Penitenciária. "Ele não está condenado", explica o diretor Ari Francalacci. Marcineiro fica na ala de segurança máxima, ao lado da Penitenciária Feminina, mantido sob vigilância rigorosa assim como os outros quatro acusados que estão no local. Abatido e com olheiras, ele tem direito a banho de sol e visitas semanais. "Uma amiga me visita sempre", diz, sem identificá-la.

Os funcionários da PCE, entretanto, não têm a mesma reação: durante a troca de turno no dia da entrevista, eles gritavam "sai, Satanás", enquanto Oswaldo Marcineiro era levado para o prédio central. Na cela, ele afirma que passa o "tempo todo" rezando junto com os outros. "Tenho feito várias rezas".

A ex-mulher, Andréia, segundo o pai-de-santo, não apareceu mais. "Ela deve estar muito pressionada, pois não é qualquer sentimento que leva uma pessoa a fazer uma tatuagem com a inicial do nome em cima do peito esquerdo", conta. (M.S.)



Oswaldo Marcineiro está preso na ala de segurança máxima e é impedido de cortar barba e cabelos

